

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL**

**RAFAEL SILVA DE CARVALHO**

**DISCURSOS NO *YOUTUBE* EM TORNO DAS DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE  
GÊNERO**

**ORIENTADORA:  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ileana Wenez**

**VITÓRIA do ESPÍRITO SANTO**

**2020**

**Rafael Silva de Carvalho**

**DISCURSOS NO *YOUTUBE* EM TORNO DAS DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE  
GÊNERO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional, na Linha de Pesquisa: Políticas Públicas, Trabalho e Processos Formativo-Educacionais.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ileana Wenzel

**Vitória do Espírito Santo**

**2020**

RAFAEL SILVA DE CARVALHO

**DISCURSOS NO *YOUTUBE* EM TORNO DAS DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE  
GÊNERO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional.

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Professora Dr<sup>a</sup>. Ileana Wenez**  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientadora

---

**Professor Dr. Fernando Altair Pocahy**  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Membro Externo

---

**Professor Dr. Fabio Diaz Camarneiro**  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Membro Convidado

---

**Professor Dr. Jésio Zamboni**  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Membro Interno

**Vitória**

**2020**

## AGRADECIMENTOS

A todos que me incentivaram nos estudos.

À CAPES, pela bolsa.

À minha mãe e à minha família, pelo apoio moral e suporte material.

Às minhas amigas, pela compreensão do afastamento temporário.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades (GEPSs) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

A todos os companheiros do GEPSs e das orientações coletivas.

À minha orientadora Ileana, pela paciência e companheirismo.

Ao professor Alex, pelo incentivo ilimitado.

Ao professor Fábio Camarneiro, pelas aulas incríveis.

Ao professor Fernando, que, mesmo de longe, aceitou o convite.

Ao Professor Jésio, pela generosidade de compartilhar o que sabe.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, pela acolhida.

A todas as pessoas dissidentes das normas sexuais e de gênero, este trabalho existe por vocês, por nós.

## RESUMO

Esta pesquisa se dedica a problematizar os discursos que se (re)produzem em rede através de um videoclipe e seus comentários na *internet*, especificamente, na plataforma de vídeos *YouTube*, sobre os enunciados em disputa pelas verdades das dissidências sexuais e de gênero. O método utilizado é a análise do discurso em Michel Foucault a partir de conceitos e categorias presentes em sua obra. A pesquisa identificou sete grupos discursivos que se operam, em maior ou menor grau, no sentido de inferiorizar as dissidências sexuais e de gênero na *internet*, marcando-os como identidades anormais ou diferentes. Em contrapartida, os discursos de resistência, articulam sua defesa a partir do mesmo paradigma identitário, contudo, sem o estigma da anormalidade. A dispersão e multiplicidade da produção de conteúdos dissidentes na *internet*, oferecem as pistas para borrar esse embate discursivo centrado na (a)normalidade das identidades desviantes.

**Palavras-chave:** Discursos. *Internet*. Dissidências sexuais e de gênero. *YouTube*.

## **ABSTRACT**

This research is dedicated to problematize the discourses that are (re)produced in a network through a video clip and their comments on the internet, specifically, on the YouTube video platform, about the statements in dispute for the truths of sexual and gender dissents. The method used is the discourse analysis of Michel Foucault based on concepts and categories present in his work. The research identified seven discursive groups that operate, to a greater or lesser extent, in order to lower sexual and gender dissent on the internet, marking them as abnormal or different identities. In contrast, the discourses of resistance, articulate their defense from the same identity paradigm, however, without the stigma of abnormality. The dispersion and multiplicity of dissident content production on the internet, offer the clues to blur this discursive clash centered on (a)normality of deviant identities.

**Keywords:** Discourse. Internet. Sexual and gender dissents. YouTube.

## RESUMEN

Esta investigación se dedica a problematizar los discursos que se (re)producen en una red a través de un video clip y sus comentarios en *Internet*, específicamente, en la plataforma de videos de *YouTube*, sobre los enunciados en disputa sobre las verdades de las disidencias sexuales y de género. El método utilizado es el análisis del discurso de Michel Foucault basado en conceptos y categorías presentes en su trabajo. La investigación identificó siete grupos discursivos que operan, en mayor o menor medida, en el sentido de bajar las disidencias sexuales y de género en Internet, marcándolos como identidades anormales o diferentes. Por el contrario, los discursos de resistencia articulan su defensa desde el mismo paradigma de identidad, sin embargo, sin el estigma de la anormalidad. La dispersión y la multiplicidad de la producción de contenido disidente en Internet ofrecen las pistas para difuminar este choque discursivo centrado en la (a)normalidad de las identidades desviadas.

**Palabras clave:** Discursos. *Internet*. Disidencias sexuales y de genero. *YouTube*.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Comentário de internauta .....	23
Figura 2 - Comentário de internauta .....	23
Figura 3 - Comentário de internauta .....	23
Figura 4 - Prédios .....	46
Figura 5 - Lucas Lucco acaricia o rosto de Pablo Vittar .....	48
Figura 6 - Lucas Lucco se despindo sobre Vittar .....	49
Figura 7 - Comentário de internauta .....	61
Figura 8 - Comentário de internauta .....	61
Figura 9 - Comentário de internauta .....	61
Figura 10 - Comentário de internauta .....	65
Figura 11 - Comentário de internauta .....	66
Figura 12 - Comentário de internauta.....	66
Figura 13 - Comentário de internauta .....	69
Figura 14 - Comentário de internauta .....	69
Figura 15 - Comentário de internauta .....	72
Figura 16 - Comentário de internauta .....	73
Figura 17 - Comentário de internauta .....	73
Figura 18 - Comentário de internauta .....	76
Figura 19 - Comentário de internauta.....	78



Figura 20 - Comentário de internauta .....	80
Figura 21 - Comentário de internauta.....	81
Figura 22 - Comentário de internauta .....	84
Figura 23 - Comentário de internauta .....	84
Figura 24 - Comentário de internauta.....	84
Figura 25 - <i>Fake news</i> sobre Pablio Vittar .....	85
Figura 26 - Comentário de internauta .....	89
Figura 27 - Comentário de internauta.....	89
Figura 28 - Comentários de internauta .....	92
Figura 29 - Comentários de internauta .....	93
Figura 30 - Comentário de internauta .....	95
Figura 31 - Comentário de internauta .....	96
Figura 32 - Comentário de internauta.....	97
Figura 33 - Comentário de internauta.....	97

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b> .....	11
<b>2 INTRODUÇÃO</b> .....	13
2.1 SOBRE DISCURSOS DE ÓDIO HOMOFÓBICO NA <i>INTERNET</i> .....	13
2.2 PANORAMA DAS PESQUISAS .....	19
2.3 OBJETIVOS .....	20
2.4 A PRODUÇÃO DO SUJEITO E AS EXPERIÊNCIAS DO ARMÁRIO .....	21
2.5 DISCURSOS DE ÓDIO EM TORNO DAS DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO NA <i>INTERNET</i> .....	32
<b>3 ANÁLISE DO DISCURSO EM FOUCAULT COMO MÉTODO</b> .....	36
3.1 O <i>YOUTUBE</i> COMO CAMPO DE PESQUISA .....	42
<b>4 ANÁLISE DO CLIPE PARAÍSO DE LUCAS LUCCO E PABLO VITTAR</b> .....	46
4.1 PROBLEMATIZANDO OS COMENTÁRIOS .....	53
4.1.1 Comentários e suas verdades (des)construídas .....	57
4.1.2 Grupo 1 – Discurso de ódio explícito .....	60
4.1.3 Grupo 2 – Discurso da moral conservadora .....	67
4.1.4 Grupo 3 – Discurso da religião cristã .....	70
4.1.5 Grupo 4 – Discurso da enfermidade mental .....	75
4.1.6 Grupo 5 – Discurso naturalizador .....	77
4.1.7 Grupo 6 – Discurso esquerdo-político .....	82
4.1.8 Grupo 7 – Discurso da aceitação .....	87
4.1.9 Resistências aos comentários de ódio .....	91
4.2 CENSURAS, DENÚNCIAS E REVERBERAÇÕES MIDIÁTICAS .....	98
4.3 POLÍTICAS DO <i>YOUTUBE</i> .....	99
4.3.1 A - Diretrizes da comunidade .....	100
4.3.1.1 <i>Nudez ou conteúdo sexual</i> .....	100
4.3.1.2 <i>Conteúdo de incitação ao ódio</i> .....	101
4.3.1.3 Assédio e bullying virtual .....	101
4.3.2 Outras políticas .....	102
<b>CONCLUSÃO</b> .....	108
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	111
<b>APÊNDICES</b> .....	117
<b>APÊNDICE A</b> – Descrição do clipe “Paraíso” de Lucas Lucco e Pablllo Vittar .....	118
<b>APÊNDICE B</b> – Tabela dos comentários no clipe “Paraíso” de Lucas Luco e Pablllo Vittar .....	123

## **Balada do louco**

Dizem que sou louco por pensar assim  
Se eu sou muito louco por eu ser feliz  
Mas louco é quem me diz  
E não é feliz, não é feliz

Se eles são bonitos, sou Alain Delon  
Se eles são famosos, sou Napoleão

Mas louco é quem me diz  
E não é feliz, não é feliz  
Eu juro que é melhor  
Não ser o normal  
Se eu posso pensar que Deus sou eu

Se eles têm três carros, eu posso voar  
Se eles rezam muito, eu já estou no céu

Mas louco é quem me diz  
E não é feliz, não é feliz  
Eu juro que é melhor  
Não ser o normal  
Se eu posso pensar que Deus sou eu

Sim sou muito louco, não vou me curar  
Já não sou o único que encontrou a paz

Mas louco é quem me diz  
E não é feliz, eu sou feliz

(Compositores: Arnaldo Baptista / Arnaldo Dias Batista / Rita Carvalho / Rita Lee Jones  
Carvalho. Intérpretes: Os Mutantes, 1972)

## 1 APRESENTAÇÃO

Desde o primeiro período da graduação em Serviço Social tive vontade de pesquisar o Serviço Social no campo da educação e conseguimos produzir o TCC (eu e minha amiga Adriana Shepherd) com esse tema, ou melhor, seria somente esse tema se eu não tivesse conhecido o Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidades (GEPSs) em 2013. O GEPSs é um divisor de águas não só na minha vida pessoal como na minha trajetória acadêmica. Esse é o grupo que me deu as contribuições necessárias para pensar o tema da sexualidade e de gênero no TCC e, atualmente, na dissertação. Mas mais que isso, é o grupo que me ajuda a entender o que tenho feito de mim mesm<sup>1</sup>, da minha trajetória de vida. É o grupo com o qual descobri a potência ética, política, estética e libidinal que é pesquisar e estudar sexualidade e gênero.

Entretanto, a delícia de andar ‘fora da faixa’<sup>2</sup> tem seu preço e seus riscos. Eu tenho medo da violência! Tenho medo de todas as formas como ela se manifesta. Tenho medo não apenas de sofrê-la, mas de reproduzi-la, ainda que sem intenção. Tenho mais medo ainda de ser impotente diante desse quadro, de aceitar ou achar natural. O sofrimento de cada pessoa que ousa viver fora da norma sexual e de gênero na sua condição de existir, em seus modos de vida é também meu sofrimento. Compartilho dessa dor e dessa luta não por uma questão de identidade, cada vez menos essa ideia de uma identidade única e fixa faz sentido para mim, mas pelas experiências e sentimentos que a vivência à margem me provoca. Porém, foi trilhando nas bordas que aprendi a desenvolver a empatia e o apreço por outras lutas políticas além das minhas.

Nos últimos anos, tenho sentido a força e repercussão dos discursos de ódio na *internet* e como essas palavras estão colocadas no cotidiano como ‘verdades naturais’ ou ‘revelações divinas’ como se ser homem ou mulher fosse um processo natural, ignorando as outras formas de ser para além de determinismos. Ou então, demonizar modos de vida que fogem à norma. Também não acredito que ignorar os comentários colocados na *internet* e seguir com a vida adiante seja um caminho para mim. Esses comentários estão atravessados por diversas forças; possuem cúmplices, aliados, patrocinadores. Esses comentários produzem mortes, humilhações, silenciamentos, culpas, inseguranças. Por isso acredito que esse tema

---

1 Utilizo gênero neutro com o “x”, para marcar discursivamente as diversas possibilidades de generificação, para além das dicotomias do masculino e feminino.

2 Utilizo aspas simples no uso de expressões coloquiais e torções de sentido como ironia, sarcasmo, generalizações e outros.

mereça um esforço de pesquisa de minha parte como forma de crescimento pessoal e contribuição social.

Mas, se, como diz o ditado, ‘o que não mata, fortalece’, posso pensar também que os comentários de ódio na rede funcionam como uma espécie de anticorpos do que ouvimos nas ruas, nas escolas, no trabalho, na família... Ou vice-versa, talvez o que se diga na *internet* não cause mais espanto para aquelas e aqueles que já foram excluídos do convívio social e empurrados para uma vida marginal. De tanta pancada o corpo acaba ficando calejado, duro, resistente e ficamos mais fortes e vacinados. Mas tirar proveito das duras lições não é o mesmo que se acostumar com elas...

Várias pessoas dizem que não vale a pena ler os comentários na *internet*; que as pessoas são intransigentes e ignorantes nos comentários; muita gente diz: “haja estômago para ler esses comentários”, “ler os comentários faz mal à saúde” e, em certa medida, essas questões se aplicam em alguns casos. Mas estando no mundo não se pode fugir dele. Se tenho a opção de não ler os comentários, não tenho a opção de não os ouvir em outras esferas da vida e é aí que é preciso perceber que entre o que se fala e o que se escuta, entre o que se escreve e o que se lê há forças políticas agindo e produzindo realidades outras, além das próprias palavras. Querem colar as palavras nos corpos dissidentes e torná-los malditos, imundos, doentes e desgraçados. Mas não há sujeira que onda do mar não tire e leve para bem longe.

Desse modo, esta pesquisa tem como tema os enunciados que emergem nos discursos virtuais de ódio acerca das dissidências sexuais e de gênero. O objetivo da pesquisa é problematizar as disputas dos discursos de ódio que emergem nos comentários do *YouTube* a partir do vídeo escolhido como objeto de estudo, o videoclipe “Paraíso”, dos artistas Lucas Lucco e Pablllo Vittar.

Assim, por mais terríveis que possam ser as consequências de um conflito político, é preciso lutar e dizer que as dissidências não voltarão para o armário. É preciso disputar todos os espaços possíveis a fim de se fazer entender como pessoas, integralmente, sem pedir licença para existir, seja nas ruas ou na rede.

## 2 INTRODUÇÃO

A *internet* nos últimos anos, têm se tornado um campo fértil para a produção dos mais variados discursos de ódio, em especial, direcionado à população dissidente das normas sexuais e de gênero. Parece que o suposto anonimato da rede encoraja os agressores a emitirem seu ódio (ANDRADE; PISCHETOLA, 2016) sem que sofram qualquer tipo de punição ou medida de reparo em decorrência da agressão emitida. As pessoas se sentem autorizadas a produzir esses discursos e não arcam com a responsabilidade de seus atos sem se importar com as consequências.

Seja na forma de notícias, piadas ou laudos médicos (ainda há pessoas na *internet* que argumentam que as dissidências são doenças mentais), os discursos que produzem a insignificância dessas vidas precisam ser questionados, ou melhor, precisam ser enfrentados a fim de que se produza algo novo, algo diferente da banalização das violências, humilhações e mortes dessas pessoas. Ao entrar na rede, ao se produzir discursos nela, é preciso também assumir as posições éticas de quem luta ao lado dessas vidas desviantes, posto que as verdades que ali circulam precisam ser disputadas a fim de se criar outros modos de se fazer gente.

Assim, intento com esta pesquisa problematizar os discursos de ódio contra a população desviante das normas sexuais de gênero a partir do vídeo escolhido e seus comentários postados no *YouTube*. Busco também pensar as disputas pelas verdades que se produzem na rede a respeito dessa população, bem como as formas de resistência frente a essa disputa.

### 2.1 SOBRE DISCURSOS DE ÓDIO HOMOFÓBICO NA *INTERNET*

O potencial canal de troca de ideias *online*, tem se transformado em redes de disputa onde a troca de ofensas antecede os argumentos, quando estes existem. Assim, a relevância desta pesquisa se encontra em problematizar um tema atual, necessário e crescente, qual seja, o discurso de ódio na *internet* contra as pessoas que não seguem as normas de sexualidade e de gênero.

Ao pesquisar na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), encontrei 65 trabalhos nos últimos dez anos (2009-2018) a respeito do discurso de ódio de uma forma ampla; assim, essas pesquisas apresentam recortes específicos como discurso racista, machista/misógino, regional, escolar, religioso e outros. Sobre esse tema relacionado ao segmento LGBT, encontrei 4 dissertações e nenhuma tese. Na plataforma *Scientific Electronic*

*Library Online (Scielo)*, não encontrei nenhum artigo que tratasse do tema discurso homofóbico na *internet*.

No Google acadêmico, utilizei as palavras “discurso” e “homofóbico”, por trazer maior retorno bibliográfico, aparecendo então 287 produções. Cabe ressaltar que, das 287 produções localizadas, nem todas estão disponíveis ou acessíveis por diversos motivos tais como; endereços de páginas virtuais obsoletos, textos incompletos ou sem referência, textos não gratuitos e principalmente, temas que apesar da proximidade temática não oferecem suporte bibliográfico à pesquisa. Dentre as produções que mais se aproximam do tema, encontrei 14 trabalhos que falam diretamente sobre o discurso homofóbico na *internet* e outros 24 trabalhos que tratavam do mesmo tema fora do âmbito da *internet* (escola, arte, trabalho, família e outros). Por questões de recorte temático, especificamente, a (re)produção de discursos de ódio homofóbico na *internet*, optei por explicitar apenas os 8 trabalhos (3 dissertações e 5 artigos) encontrados que se aproximam mais desta pesquisa.

Coenga-Oliveira (2011), ao buscar entender como se sustenta a homofobia nos fóruns virtuais enquanto dispositivo que regula diferenças socialmente produzidas, recorre aos conceitos foucaultianos de enunciado, saber-poder e verdades além de um olhar genealógico para os dados obtidos. Nesta pesquisa, também penso que os conceitos trabalhados por Coenga-Oliveira são fundamentais para uma análise do discurso foucaultiana. Além disso, a autora demonstra que as práticas discursivas homofóbicas se sustentam fortemente em quatro instituições específicas: religiosas, científicas, familiares e educacionais.

Dentre todos os trabalhos que encontrei na revisão bibliográfica, o de Coenga-Oliveira é o mais antigo (2011). Embora a autora se valha de um campo de pesquisa virtual (*sites* de fóruns) e de um *software* (um programa de computador) capaz de organizar estatisticamente as palavras buscadas, a fim de classificá-las por classes e temas, a autora não se debruça sobre a questão do ciberespaço em sua pesquisa. Sei que o tempo que separa a pesquisa da autora, com relação a esta pesquisa, são quase dez anos, e que naquele tempo, o acesso à *internet* no Brasil não era o mesmo de hoje. Entre 2011 e 2018 o percentual<sup>3</sup> de domicílios com acesso à *internet* no país saltou de 36% para 67%. Se antes era possível falar de um acesso restrito a pouco mais que um terço da população, hoje se pode falar de uma maioria conectada, um país de internautas. Ou seja, a forma como as pessoas se relacionam já não é a mesma em um intervalo de tempo muito curto. Por isso, acredito que hoje, é

---

3 Dado disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2019/09/17/desigualdade-digital-separa-campo-da-cidade.ghtml>>. Acesso em: 9. nov. 2019.

indispensável para qualquer pesquisa que tenha a *internet* como campo de foco, dedicar algum espaço sobre essa discussão. A *internet* já não é mais um espaço de exceção. Para mais detalhes de como pensei a *internet* como campo de pesquisa ver o item “*YouTube* como campo de pesquisa”.

Curiosamente, a pesquisa de Moreira, Bastos e Romão (2012), que trata da questão do discurso de ódio homofóbico em *blogs*, ainda que se localize temporalmente muito próxima à pesquisa anterior (2011), os autores optaram por demarcar a importância da discussão do ciberespaço. Em passagens como “os assuntos das ruas encontram eco imediato nas páginas digitais” (MOREIRA; BASTOS; ROMÃO, 2012, p. 162), os autores dão pistas para compreender que as conversas da rua reverberam na rede. Mas hoje, como a população é majoritariamente internauta, arrisco dizer que as vozes da rua não apenas reverberam na rede, as vozes da rua são a voz da rede e vice-versa. Entretanto, não posso deixar de mencionar que, quase um terço da população do país, não ‘faz parte dessa voz’, seja por questões de infraestrutura, distância ou poder de compra. Um silêncio que não toca à rede virtual, mas que certamente tem muito a dizer. Quem são essas pessoas? Qual a potência desse silêncio? Questões para pesquisas futuras...

Ainda sobre o ciberespaço, cabe lembrar que os autores consideram que na *internet* “o espaço e o tempo passam a ser reconfigurados a partir das interações do sujeito no ambiente da rede, no qual ele começa a vivenciar uma construção social partilhada, tendo em vista o caráter heterogêneo, difuso e labiríntico da rede” (MOREIRA; BASTOS; ROMÃO, 2012, p. 162).

O trabalho de Dantas e Neto (2015), contribui ao pensar como se opera o discurso de ódio homofóbico no *Facebook*. Cabe ressaltar aqui algumas diferenças e algumas aproximações. A pesquisa de Dantas e Neto (2015) possui público (homossexuais) e campo (*Facebook*) diferentes desta pesquisa, mas parte dos enunciados, são os mesmos. A pesquisa dos autores indica três eixos principais dos comentários de ódio: homossexualidade como possessão demoníaca/condenação ao inferno, homossexualidade enquanto promiscuidade e associação das pessoas LGBTs às práticas de pedofilia (DANTAS; NETO, p. 6, 2015). Por sua vez, as reações das pessoas sexo-gênero dissidentes oscila entre ameaças de denúncias jurídicas e orientações/esclarecimentos. No caso desta pesquisa, as reações também possuem semelhanças e diferenças. Semelhanças quanto à proposta de oferecer ao interlocutor outro olhar sobre a situação com explicações, informações e esclarecimentos, tentativas de convencimento de que os comentários de ódio têm origem em uma falta de informação,



ignorância. E possui diferença quanto à forma de denunciar. Se na pesquisa que possui o *Facebook* enquanto campo, a reação de denúncia possui tons jurídicos, no *Youtube*, as denúncias estão muito mais voltadas para o silenciamento e apagamento dos comentários da rede. O que, ao meu entender, indica que as relações entre essas diferentes redes sociais guardam proximidades distintas entre os participantes, ou seja, no *YouTube* as relações sociais tendem a ser ainda mais distantes que no *Facebook*. Além disso, ao situar a importância da dimensão socioafetiva das redes sociais os autores dizem que as práticas de violência simbólica no grupo de *Facebook* “ferem um espaço de pertencimento dessa comunidade e a dignidade de seus integrantes” (DANTAS; NETO, 2015, p. 7). Os autores entendem também que esse espaço é importante por proporcionar apoio e resolução de conflitos de orientação sexual/identidade de gênero dentre os participantes. O texto de Rezende e Cotta (2015), embora reconheça a produção discursiva de ódio contra as práticas sexuais desviantes pelas instituições políticas e religiosas, demarca também práticas semelhantes entre indivíduos do mesmo grupo. Os autores chamam a atenção para a produção de discursos machistas e misóginos nos aplicativos de encontros para homossexuais, em que há uma divisão entre os gays afeminados e não afeminados. Baseados na leitura de Sedgwick, os autores entendem que houve (e ainda há) uma visão de que uma masculinidade ‘afeminada’ estaria atrelada à patologia e a homossexualidade ‘saudável’ se refletiria em uma ‘postura masculina’ (REZENDE; COTTA, 2015, p. 359). Além disso, os autores indicam que o modelo de masculinidade hegemônico fora da virtualidade encontra eco nos espaços virtuais e se atualiza via imagem e discurso desde a apresentação no perfil e se confinando nas conversas; um modo de se relacionar e de se fazer homem através da repulsa do que é considerado feminino (REZENDE; COTTA, 2015). A partir dessa leitura, compreendo que os discursos de ódio na rede não se operam apenas de dois lados extremos e opostos (não dissidentes contra dissidentes), a produção discursiva do ódio na rede também acontece no interior das relações entre as pessoas sexo-gênero dissidentes via comportamentos e posturas estereotipadas de papéis sexuais e de gênero importados da heteronormatividade.

Dantas e Abreu (2016), discordam da ideia de que redes sociais são perda de tempo, ou ainda, ociosidade, e acreditam no potencial educativo e defesa da cidadania ao se valer dessas redes como ferramentas de luta. Partilho da mesma ideia desse potencial de combate ao discurso de ódio no interior das próprias redes sociais, valendo-se dos recursos que elas oferecem na produção de novos conteúdos. Entretanto, cabe uma atenção e uma reflexão a respeito desses usos. É preciso perceber (quando for o caso) os sinais de censura e apagamentos das visibilidades nas redes sociais quando estas tratam temas ligados às dissidências sexuais e de

gênero e fazer a crítica quanto à morosidade ou mesmo omissão dos conteúdos de ódio. Assim, se as redes sociais são palco para a produção de ódio e ao mesmo tempo produção de resistência, é preciso entender que os responsáveis pelo controle dessas redes não intermedeiam o conflito de maneira isenta. A permissividade do ódio ou as composições de parcerias para resistências só são possíveis através da pressão que os internautas operam na rede, via denúncia, notificação e principalmente, reverberação dos problemas em outros espaços midiáticos. Portanto, é fundamental a produção de conhecimento nessa área, como forma de acúmulo de arsenal para uma batalha que ainda vai durar muito tempo. São as pesquisas (mas não somente elas), com seu rigor, argumentos e seriedade, que são capazes de pressionar as instituições para ações progressistas. As pesquisas, também são direito e ferramentas nas mãos de quem luta contra o ódio. O acervo acadêmico em forma de textos, dados e estatísticas não são palavras mortas, foram forjados pela paixão de pesquisar vidas que importam. Portanto, pesquisar é também ajudar a construir espaços que ofereçam a segurança de existir de maneiras dissidentes.

Os autores (BARBOSA; SILVA, 2016) tomam o discurso de ódio transfóbico de cunho religioso, a partir das noções de fundamentalismo religioso e dividem os discursos encontrados no *facebook* em quatro categorias: fundamentalismo bíblico, teologia heteronormativa, ditadores da fé e intersecção dos três anteriores. O fundamentalismo bíblico seria uma teologia capaz de explicar toda a realidade que se impõe às visões de mundo diferentes. A teologia heteronormativa “se baseia em uma teologia como um espaço construtor e reconstrutor de uma heteronormatividade imposta como natural a partir de preceitos religiosos da teologia cristã” (BARBOSA; SILVA, 2016, p.120). A categoria ‘ditadores da fé’ diz respeito àquelas pessoas que acreditam ser capazes “de um julgamento infalível sobre o destino da vida e pós-vida das pessoas, capazes de falar em nome de uma divindade específica [...], assegurando sentenças de ódio em nome da fé que eles acreditam ser única” (BARBOSA; SILVA, 2016, p. 122). A forma como os autores operam as subdivisões do discurso de ódio de cunho religioso demonstra que as instituições não apenas se comprometem com construções de verdades, mas também com jogos de poder que permitem inferiorizar o outro a partir dos discursos construídos, conforme mostrou a categoria ‘ditadores da fé’. Ao observar as produções discursivas de uma instituição é importante localizar os enunciados que ali surgem, mas também é fundamental, perceber tanto quanto possível, as práticas sociais, as relações de poder que se operam com esses discursos, visto que “o poder, longe de impedir o saber, o produz” (FOUCAULT, 2014, p. 261). Na rede, existe uma prática muito forte de julgamento dos destinos das pessoas em dissidência. Julgam os lugares que devem e merecem ocupar na vida

(localidades marginais), e após a vida (localidades infernais), com base em suas manifestações sexuais e de gênero.

Barbosa e Silva (2016) destacam dois fundamentos basilares das práticas discursivas transfóbicas; as leis bíblicas e o determinismo biológico. Esses dois fundamentos se articulam mutuamente a fim de produzir modos definitivos de ser homem e mulher. Como consequência desse discurso os autores dizem que “a religiosidade transfóbica violenta, mascara e expulsa ao mesmo tempo o corpo, a saúde psicológica, a espiritualidade e os direitos conquistados pelas (os) transexuais” (BARBOSA; SILVA, 2016, p.131). A partir do que encontrei em campo nesta pesquisa, compartilho com os autores, as percepções de que os discursos de ódio contra as dissidências sexuais e de gênero se ancoram fortemente nas produções discursivas cristãs e científicas transfiguradas em versões deterministas, preocupadas com verdades eternas e essenciais; além dos danos que esses discursos causam na saúde e bem-estar dessas pessoas.

Trazendo contribuições para pensar a importância do ciberespaço na vida das pessoas dissidentes, Ferreira (2016) compreende esse espaço como um refúgio e acolhimento das consequências da homofobia, visto que, esse espaço, proporciona a formação de redes de ajuda entre seus iguais. Entretanto, lembra que, “o discurso de ódio na *web* também pode ser uma forma de incitar a violência” (FERREIRA, 2016, p. 83). Além disso, a partir da leitura de estudiosos do campo virtual, o autor entende a *web* como possibilidade para o ativismo político. De minha parte, também penso o espaço virtual como território possível de acolhimento e redes de ajuda entre os iguais, entretanto, a perspectiva foucaultiana não partilha da concepção de violência na rede contra os dissidentes por compreender que esse ambiente é muito propício às resistências, conforme será abordado no capítulo ‘Problematizando comentários’.

No trabalho de Silva (2016), a partir das amostras de seu campo de pesquisa – publicações de uma página e *Facebook* – o autor divide o discurso homofóbico em cinco categorias: conduta homossexual/ origem/ família/ definição de homofobia e cura gay (SILVA, 2016, p. 60-61). O autor as define do seguinte modo:

Conduta homossexual: Revelam discordância às condutas consideradas próprias de homossexuais tais como, promiscuidade, intolerâncias e pedofilia. Origem: Sugere que a origem da homossexualidade está relacionada à questões como abuso sexual, traumas de infância, ou mesmo influência da mídia. Família: Condena o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a adoção de crianças por esses casais. Definição de homofobia: Negam que estejam postando ou se posicionando de maneira homofóbica, apesar de divulgarem eventos em que a homossexualidade é condenada ou não

recebem apoio público. Cura gay: Apresentam relatos de ex-homossexuais (SILVA, 2016, p. 60-61).

Ao analisar os discursos produzidos na *internet*, contra as dissidências sexuais e de gênero, não é raro que os pesquisadores identifiquem certos padrões nesse fenômeno, o que por sua vez torna compreensível a divisão desse material em grupos ou categorias. A análise dos comentários desta pesquisa também percebeu a necessidade de um agrupamento. No caso de Silva, um dos fatores que levou o autor a esse agrupamento, foi a compreensão do fenômeno da violência homofóbica na rede enquanto violência simbólica. No caso desta pesquisa, o agrupamento dos discursos se deu pela perspectiva do principal enunciado em torno deles, bem como sua relação com as instituições e práticas que permitem a emergência desses discursos.

## 2.2 PANORAMA DAS PESQUISAS

Entre o ano de 2009 até 2014, observa-se apenas três trabalhos sobre o tema. A partir de 2015 até 2018, verifica-se o maior retorno bibliográfico (doze trabalhos). Curiosamente, o ano de 2013 foi o ano em que não encontrei pesquisas sobre o tema. Esse foi ano das “Jornadas de Junho”, momento marcado por manifestações políticas convocadas através da *internet*, em que milhões de pessoas foram às ruas (até então sem a cisão “direita” x “esquerda” como se configura hoje) protestar contra a repressão violenta do Estado diante do quadro de insatisfação popular; porém, essa união política não duraria muito tempo. Pensando esse acontecimento político e social, Brugnago e Chaia (2014) compreendem que:

Após as manifestações de junho de 2013, a dicotomia na participação política brasileira ganhou um novo capítulo em sua história. A identificação das pessoas entre esquerda e direita refluuiu. Após a população tomar as ruas em torno de todas as suas insatisfações, as diferenças ideológicas dentro das próprias manifestações rapidamente começaram a transparecer, até o movimento implodir, rachando a massa de pessoas em dois rumos de militância com caminhos totalmente opostos (BRUGNAGO; CHAIA, 2014, p.102).

O problema do discurso de ódio na *internet* já existia antes desse fenômeno político das Jornadas, inclusive, conforme demonstrou a tabela 1, as pesquisas acadêmicas já foram realizadas antes desse período. Contudo, após esses acontecimentos, o problema toma outras proporções. Nas discussões *online*, a questão LGBT (bem como questões feministas e raciais) passa a se tornar uma ‘causa da esquerda política’ e o discurso de ódio contra as minorias uma ‘prática da direita política’.

Entretanto, não seria justo dizer que os discursos políticos na *internet* estão precisamente delimitados entre direita e esquerda, como se não houvessem outras posições possíveis. É possível ver inúmeros comentários das pessoas que se reivindicam enquanto esquerda e que destilam conservadorismo e opiniões da direita mais flexíveis. Isso porque as pessoas antes de pertencerem a uma identidade política ocupam o que Foucault (2007) chama de posições de sujeitos.

A heterogeneidade discursiva está diretamente ligada a essa dispersão, já que nos discursos sempre se fala de algum lugar, o qual não permanece idêntico: falo e, ao mesmo tempo, sou falado; enuncio individualmente, de forma concreta, constituindo-me provisoriamente um, ambicionando jamais cindir-me, porém a cada fala minha posiciono-me distintamente, porque estou falando ora de um lugar, ora de outro, e nesses lugares há interditos, lutas, modos de existir, dentro dos quais me situo, deixando-me ser falado e, ao mesmo tempo, afirmando de alguma forma minha integridade (FOUCAULT, 2007, p.208).

Nota-se que o maior período de produção começa a partir de 2015, ano que marcou fortemente a polarização política no país e seus desdobramentos na *internet*. Esse momento, bem como os anos seguintes, engloba diversos fatores tais como: a posse da presidenta Dilma Rousseff em seu segundo mandato; o processo de *impeachment* da presidenta (2015-2016); e a prisão de Lula (2018). Cabe ressaltar que, paralelamente à crise política que o país passou (e ainda passa), há também uma crise econômica e social, problemas de desemprego juntamente à precarização dos direitos trabalhistas.

Assim, o panorama exposto corrobora minha percepção dos tensionamentos políticos das disputas discursivas. Contudo, a dimensão política que aqui se coloca vai muito além das partidárias. Intento nesse percurso de pesquisa situar outras camadas políticas das relações discursivas que se operam na rede; camadas mais sutis, aquelas que surgem com aparências de normalidade e moralidade que buscam deslegitimar outros modos de vida. A esse respeito, lanço no próximo item os objetivos da pesquisa em detalhes.

## 2.3 OBJETIVOS

### 2.3.1 – Objetivo Geral

Problematizar as disputas dos discursos de ódio que emergem nos comentários do *YouTube* no no videoclipe de Lucas Lucco e Pabllo Vittar ‘Paraíso’.

A problematização das disputas discursivas de ódio no *YouTube* serão apreendidas em sua dimensão política, nas relações de poder que as constituem e nas verdades que emergem dos enunciados. Tal investimento se fará a partir das contribuições teórico-metodológicas de

Michel Foucault, pois sua obra também se debruça sobre questões de sexualidade. Desse modo, a pesquisa visa entender como essas verdades são produzidas, reativadas e usadas no jogo do poder para deslegitimar vidas dissidentes.

### 2.3.2 Objetivos Específicos

- a) Abordar o caráter construído, social e não natural dos discursos de ódio que emergem no videoclipe “Paraíso”.
- b) Explorar as reações de enfrentamento, negociação e diálogo nesses comentários e identificar a produção de diversas subjetividades.
- c) Entender o funcionamento da denúncia, aceitação e rejeição dos conteúdos e comentários do *Youtube* a partir do vídeo proposto.
- d) Buscar as reverberações e repercussões do vídeo proposto em outras mídias (*sites*, TV, *Facebook*, *Instagram*, etc.).

## 2.4 A PRODUÇÃO DO SUJEITO E AS EXPERIÊNCIAS DO ARMÁRIO

Navegando pelos vídeos do *YouTube* a procura de algum disparador para o debate da pesquisa vou assistindo a vídeos curtos a respeito de fatos ou pessoas envolvendo a dissidência sexual e de gênero e eis que nos deparamos com um vídeo<sup>4</sup> muito peculiar.

Em seu tradicional programa de auditório, Silvio Santos traz como convidadas duas mulheres, uma cisgênero<sup>5</sup> e outra transexual<sup>6</sup>. Antes de começar com o quadro em que as convidadas participam de um jogo valendo dinheiro, o apresentador aproveita a oportunidade para entrevistar a mulher trans. Silvio, em tom jocoso, pergunta à moça se ela ainda tem o ‘bilau’, referindo-se ao órgão sexual masculino, no que a moça responde que não mais o tem devido à cirurgia de transgenitalização. O apresentador insiste em vários momentos que a moça é, na verdade, um homem e diz querer ver o resultado da operação. Também trata a convidada no masculino diversas vezes, masculiniza seu nome e diz que a moça não tem pernas femininas. Thalita é enfática ao se reafirmar como mulher e corrige o apresentador tantas vezes quanto necessário e diz que é legalmente reconhecida como mulher. Silvio Santos leva o auditório às

---

4 Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lizATmS5CQA&t=1s>. Acesso em 04 abr. 2018.

5 Chamamos de cisgênero, ou de “cis”, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento (JESUS, 2012).

6 Termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento (JESUS, 2012).

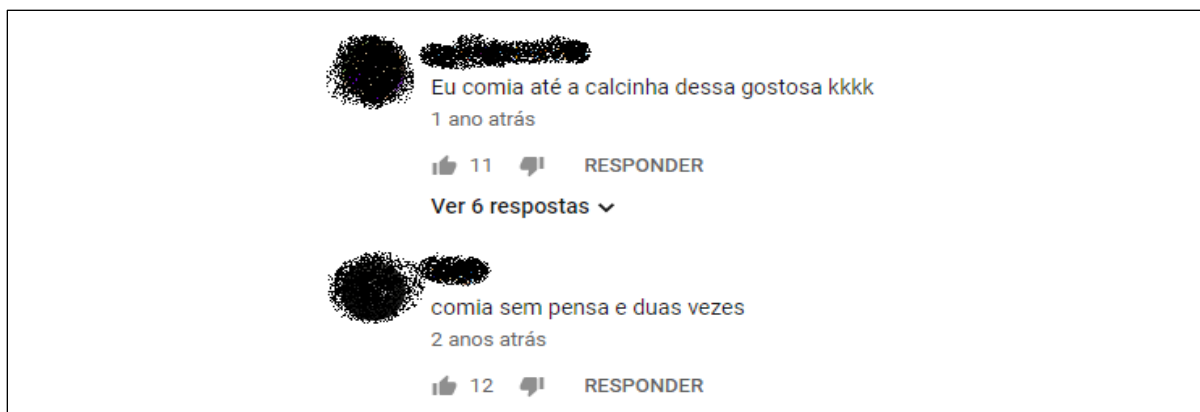
gargalhadas várias vezes com a suas piadas e comentários repetitivos e desrespeitosos, ignorando as correções de sua convidada para gerar efeitos de constrangimento e humor transfóbico. Basicamente, ele desqualifica e duvida da condição de mulher da convidada e ainda a objetifica sexualmente quando diz que, no caso dela, teria coragem de sair com um homem.

Ao final do vídeo, acessado no *YouTube*, os comentários são os mais diversos. Há os comentários que dizem que a convidada é mulher e há tantos outros que dizem que ela não é. Existem internautas que apontam para os exageros do apresentador e outras pessoas que exaltam suas tiradas humorísticas. Muitos comentários objetificam sexualmente ainda mais a moça. Contudo, foi apenas uma pessoa que entendeu a entrevista como uma violência e chamou o apresentador de homofóbico, ainda que se tratasse de um caso de transfobia.

As violações da integridade moral da convidada são praticadas de vários modos. A agressão verbal e o deboche são algumas das formas que ela assume, mesmo quando é tomada sob aspecto de piada. A trajetória de vida da convidada se tornou um espetáculo de humor erótico. Riram do seu corpo, do seu nome, de sua história, riram dos seus sonhos. O riso da plateia e muitos dos comentários ao final do vídeo são a manifestação da cumplicidade e coautoria participativa de um discurso (de ódio) porque produz danos morais, psicológicos e humilhação. E ao mesmo tempo que esse discurso produz essas agressões produz também um sujeito. Um sujeito bizarro, risível, exótico, erótico, disponível.

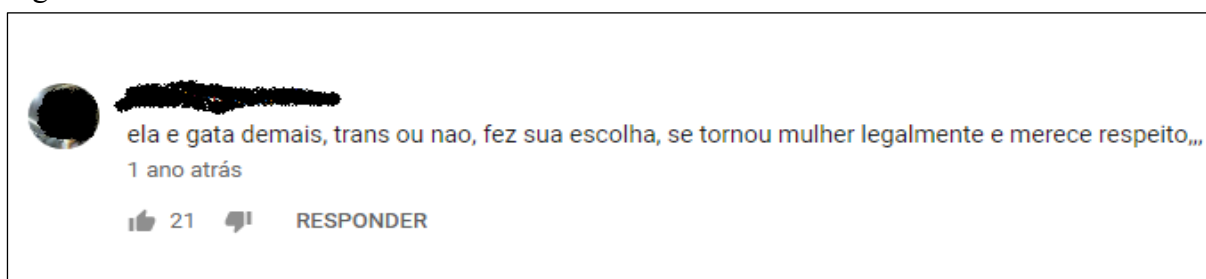
Essa descrição do programa de televisão – que acessamos na forma de vídeo na *internet* - nos mostra como as práticas de agressão verbal contra as pessoas que fogem das tradicionais formas de gênero e sexualidade estão banalizadas; porém, quando lançamos um olhar mais atento aos elementos que compõem essa banalização podemos começar a entrever algumas das condições que possibilitam tais práticas no cotidiano. A condição de “verdadeiramente mulher” da convidada torna-se um objeto de disputa nos comentários; há uma preocupação em legitimar, deslegitimar, duvidar, refutar, concordar, discordar e questionar se ela é mulher. Compartilho abaixo alguns dos comentários (Fig. 1, 2 e 3).

Figura 1 - Comentários de internautas



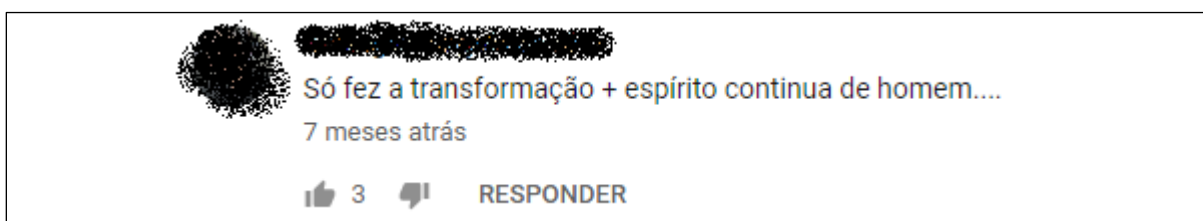
Fonte: YouTube (2019).

Figura 2 - Comentário de internauta



Fonte: YouTube (2019).

Figura 3 - Comentário de internauta



Fonte: YouTube (2019).

Alguns defendem que é a lei que torna as pessoas homens ou mulheres, outros pensam que o espírito humano tem um sexo essencial e há ainda os que acreditam que há necessariamente uma correspondência direta, imediata e irrevogável entre sexo biológico e identidade de gênero. E, além disso, a forma como a beleza da moça trans atravessa esses e tantos outros comentários surge como uma compensação ou fator atenuante de sua transexualidade. O que a beleza representa na constituição das formações subjetivas femininas não é um mero detalhe e chama a atenção para um pensamento mais aprofundado a seu respeito.

Beauvoir (2016), ao discorrer sobre a formação da infância feminina destaca a beleza como importante fator dessa subjetividade:



Compreende-se que a preocupação da aparência física possa se tornar para a menina uma verdadeira obsessão; princesas ou pastoras, é preciso sempre ser bonita para conquistar o amor e a felicidade; a feiura associa-se cruelmente à maldade, e, quando as desgraças desabam sobre as feias, não se sabe muito bem se são seus crimes ou sua feiura que o destino pune (BEAUVOIR, 2016, p. 37).

Gully (2014) sinaliza a dificuldade da mulher em se colocar como ser político na sociedade em razão do deslocamento de suas “virtudes gerais” para a virtude da beleza feminina; cobrança que não é aplicada aos homens. Seria como se, para a mulher, a beleza bastasse e dispensasse outras qualidades e funções que o homem poderia exercer. Agüero (2011) expõe em seu *blog* alguns comentários que circularam na *internet* sobre o contraste entre a beleza de Marcela Temer e Dilma Rousseff no contexto do pioneirismo de uma mulher na presidência do Brasil. O título de seu texto no *blog* é autoexplicativo: “A faixa de miss é mais importante que a faixa presidencial”. Esse texto mostra o deslocamento discursivo da importância da participação da mulher na política para seus atributos estéticos. Esse debate reapareceu após o *impeachment* da presidenta em 2016 quando, efetivamente, Marcela se torna a primeira-dama.

Entendo, a partir das reflexões das autoras e do vídeo de Thalita, que a beleza não é apenas um atributo ligado ao universo feminino, mas um horizonte, um fardo que deve sustentado pelos corpos que vivenciam feminilidades durante toda sua vida. Ocorre que na relação entre beleza e feminilidade mora um perigo, a objetificação sexual. Essa relação é funcional não apenas para a perpetuação de um determinado modelo de mulher na sociedade, mas também para o deleite<sup>7</sup> masculino. Quando a mulher é tomada como objeto, como mercadoria, a beleza lhe agrega valor de mercado. Nesse contexto, a rivalidade feminina e a competição para ser ‘a mais bela’ não se distanciam muito das competições de mercado. A soma dos gastos para os cuidados estéticos em alguns casos chega à valores ‘empresariais’. A beleza tem um alto custo financeiro, emocional e social. E, no caso de Thalita, sua beleza construída com todos esses encargos, não garantem a ela um reconhecimento total de sua feminilidade.

Muitas pessoas se sentem autorizadas a discutir e definir a natureza de Thalita, os atributos naturais e artificiais que a fariam mais ou menos mulher. O que nenhum internauta com a vacina em dia questionou nos mais de 200 comentários foi sobre a natureza do próprio corpo. Conectados até os dentes com as novas tecnologias e protegidos artificialmente de doenças através dos avanços científicos; ninguém olhou para si mesmo para perceber que não há ‘pureza’ na constituição humana. Humanos, ciborgues ou animais, não há seres puros

---

7 Refiro-me não apenas ao deleite sexual, mas também ao deleite estético-visual proporcionado pelas mídias que correlacionam a beleza da mulher como valor agregado de uma mercadoria decorativa.

(HARAWAY, 2019). Preciado (2014, p. 158), argumenta que “de fato, é impossível estabelecer onde terminam ‘os corpos naturais’ e onde começam as ‘tecnologias artificiais’: os ciberimplantes, os hormônios, os transplantes de órgãos, [...] a *web* etc. são apenas alguns exemplos entre outros”.

Nesta pesquisa, não importa qual argumento ou comentário se aproxima mais da verdade, mas como se formam essas verdades, do que elas são capazes e quais forças se implicam nesse processo. Para tanto, é preciso tomar emprestado alguns conceitos e discussões que ajudam a situar o entendimento a respeito dessa dinâmica. Para entender esse estatuto de verdade que um discurso carrega, recorro a Foucault com a categoria de enunciado. Na sessão “análise do discurso em Foucault como método”, aprofundo essa questão. Outro movimento que ajuda a pensar a pesquisa é o impacto que o discurso de ódio tem na produção das subjetividades. E, se vou olhar para o discurso de ódio contra as dissidências sexuais e de gênero como um elemento importante para entender essas subjetividades, não poderia deixar de fora um aspecto que é decisivo na constituição dessas subjetividades; o armário.

Há várias diferenças que mudam a forma como as agressões físicas e verbais se expressam, sobretudo com relação às agressões dirigidas às pessoas que burlam as normas sexuais e de gênero. Escolaridade, profissão, raça, condição socioeconômica, religião, sexo e gênero oferecem as pistas para pensar como a agressão se aplica a esses corpos. Nesse sentido, Fernandes considera que (2013, p. 491) “refletir sobre a homofobia<sup>8</sup> no Brasil contemporâneo exige transversalizar os diferentes eixos de opressão, levando em conta os marcadores sociais da diferença e a definição de ‘hierarquias sociais’ na concretização do ato violento”. A leitura de Rios e Silva (2015) ajuda a entender que as diferenciações injustas que se fazem das pessoas podem se acumular quantitativamente (discriminação aditiva e discriminação composta) e/ou qualitativamente (discriminação interseccional) produzindo novos efeitos combinados de processos discriminatórios. Eles ressaltam ainda a importância de refletir sobre o tema da interseccionalidade para que se tenha atenção ao apreender o fenômeno das múltiplas discriminações de modo que nenhum atributo social marginalizado seja invisibilizado ou negligenciado.

Desse modo, os diferentes eixos de opressão passam pelas leituras sociais das características físicas das pessoas dissidentes sexuais e de gênero nos mais variados contextos, como por exemplo: a lésbica negra, a travesti masculinizada, o gay afeminado pobre que reside na periferia, para citar alguns marcadores sociais transversalmente. Esses e outros atributos

---

8 O autor usa essa expressão para se referir também aos casos de transfobia e bifobia.

físicos e sociais atravessam os corpos dessas pessoas como elementos constitutivos de sua subjetividade.

Assim, se é pelos corpos que as diferenças são percebidas e punidas, é também por eles que se criam as estratégias de negociação contra essas agressões. A não expressão pública de trejeitos considerados femininos por muitos homossexuais e até mesmo a vivência de uma vida homossexual oculta, constituem em alguns exemplos dessa forma de negociação contra a agressão (CARRARA; SAGGESE, 2011). A esse respeito, os autores dizem também que as “estratégias de negociação são, portanto, fundamentais, já que a homossexualidade permanece estigmatizada e a decisão por ‘assumir-se’ ou ‘esconder-se’ envolve uma cuidadosa avaliação dos riscos e benefícios” (CARRARA; SAGGESE, 2011, p. 214). Além disso, “ao construir esses ‘mapas de segurança’, o conhecimento acerca de certas variáveis, como hora do dia, tipo de ambiente ou perfil dos interlocutores, é fundamental para tornar alguém mais ou menos vulnerável aos perigos potenciais da violência” (CARRARA; SAGGESE, 2011, p. 214).

Essas estratégias de preservação da integridade física caminham numa direção de ‘boa convivência social’ no sentido de garantir certos privilégios, como reconhecimento pela família e colegas de trabalho (CARRARA; SAGGESE, 2011, p.218). Assim, o fato de não demonstrar a orientação afetiva e sexual em público (ainda que se saiba sobre ela) ajuda em um determinado tipo de aceitação/tolerância (CARRARA; SAGGESE, 2011, p.217). Em outras palavras, existem algumas vantagens em “permanecer no armário” (não assumir a dissidência sexual ou de gênero). Contudo, faz-se necessário questionar esse tipo de aceitação condicionada pelos ditames do modo de vida heteronormativo.<sup>9</sup> Até onde isso que se chama de vantagem e privilégio não são apenas esmolas de uma sociedade que procura manter no armário vidas que fogem à norma? Junqueira (2013) ajuda a olhar essa barganha de outro modo quando defende que a ideia de tolerância como sinônimo de respeito não permite ver as relações desiguais de poder entre os sujeitos quando essa tolerância se expressa como piedade para com os diferentes/anormais que passariam então a poder existir desde que marginalizados e silenciados.

Algumas pessoas têm maiores possibilidades de negociação com a saída do armário, enquanto outras pessoas são retiradas dele à força, vivenciando uma vulnerabilidade repentina, a exemplo das pessoas em dissidência expulsas de casa. Para o primeiro caso, essa é

---

9 Miskolci (2009) entende que a heteronormatividade é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade (p.156-157).

uma questão ética e pessoal que envolve os riscos e benefícios de cada decisão. Entretanto, qualquer que seja a escolha, o fantasma da insegurança sempre estará presente. Quem vive no armário se vigia atentamente para que não seja descoberto e quem vive fora do armário precisa estar preparado para enfrentar as agressões decorrentes desse modo de vida (JUNQUEIRA, 2013).

Um fator de grande importância para a decisão de sair do armário (ou permanecer nele) se encontra na forma como a família lida com a questão da diversidade sexual e de gênero. Estudos (SCHULMAN, 2009; TOLEDO; FILHO, 2013) apontam que para muitos homossexuais a família é o primeiro lugar onde sofrem homofobia e, ademais, a falta do apoio familiar contribui para que a homofobia se perpetue em outros espaços e instituições. Schulman (2009) acredita que, quando um agressor homofóbico percebe que sua vítima tem pessoas que o apoia ou defende, o agressor tende a mudar o alvo de sua agressão para uma pessoa que não tem esse apoio. A autora pensa que o apoio familiar é capaz de agir como uma força que, quando não impede, ao menos minimiza os danos dos agressores.

Em contrapartida, na pesquisa de Toledo e Filho (2013), os autores apontam que a falta do apoio familiar produz uma convivência diferenciada do membro dissidente das normas sexuais e de gênero no sentido de deixá-lo de fora da totalidade da experiência familiar quando ignoram seus modos de ser, viver, amar. Assim, coisas simples do cotidiano heterossexual se tornam um problema na vida do membro dissidente, como por exemplo, um jeito de se vestir que não corresponde a uma imagem idealizada de homem ou mulher, uma amizade não heterossexual e a invisibilização da relação afetiva (TOLEDO e FILHO, 2013).

Nas instituições de ensino (de todos os níveis) e locais de trabalho é comum que as práticas de homofobia sejam percebidas apenas quando há casos de violência física, visto que as práticas homofóbicas discursivas sejam tomadas como ‘brincadeiras’ ou piadas. Amaral (2013) relata, em sua pesquisa feita em uma universidade pública de Minas Gerais, casos de trotes homofóbicos por parte de alguns alunos, seguido de silenciamento desses casos nas instâncias de chefia e cumplicidade com o trote por parte de alguns funcionários da segurança e limpeza. Essa pesquisa explora e explica casos de homofobia institucional no espaço universitário tanto pela sua dimensão de instituição educacional quanto como espaço de trabalho, visto que o processo de reprodução da homofobia não fica restrito à sala de aula.

A faceta das discriminações que se expressam através das violências físicas e mortes é injustificável dentro do próprio sistema jurídico brasileiro. Ocorre que a morte não é a única forma de se apagar uma vida. Tornar uma pessoa menos digna de respeito, de espaços, de oportunidades e de amor; invisibilizar seus afetos, seus problemas e calar sua voz são, também,

formas de se apagar uma vida. Tornar uma pessoa que não se adequa às normas (de sexo e gênero) invisível ou desejar que ela volte para o armário é querer que uma vida não viva plenamente como outras; ou, então, acreditar que existem vidas que valem mais que outras. No entendimento de Butler (2015), todas as vidas são precárias por definição, mas algumas vidas são mais precarizadas do que outras. A autora defende que o acesso à rede social de promoção à vida chega para alguns e é negada a outros sistematicamente. Nesse sentido, fica claro que toda a rede de apoio à vida (justiça, saúde, segurança e tantas outras) são deliberadamente falhas para a população que vive à margem das normativas sexuais e de gênero.

Dessa forma, diversas instituições sociais (família, escola, trabalho, etc.) agem produzindo um determinado modo de subjetivação sobre as pessoas que não se adéquam ao modo de vida heteronormativo, produzindo invisibilidade sobre seus afetos, amores, jeitos, trejeitos, comportamentos, falas, em suma, inviabilizando o modo de vida dessas pessoas. Sedgwick (2007) menciona que:

O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora (SEDGWICK, 2007, p. 22).

Para muitos, a experiência da discriminação por orientação sexual/identidade de gênero é algo constitutivo de sua formação subjetiva, com todos os impactos que isso pode causar na sua saúde mental e convívio social. E, por conta dessa realidade, as vítimas precisam buscar aliados nesses mesmos espaços para resistir a essas violações de direitos e situações de desrespeito.

Quando a busca de aliados se torna inviável ou impossível é comum que essas pessoas tentem se adequar a certas ‘posturas’ socialmente desejáveis como forma de evitar retaliações. O incentivo social que se dá acerca do comportamento discreto, como por exemplo, postura masculina de homens *gays*, postura feminina de mulheres lésbicas e a não manifestação de afetividade em público transformam os corpos desses indivíduos. Assim, existe a forma masculina e feminina de andar, vestir, falar, gesticular, etc.

Portanto, como estratégia de sobrevivência em sistemas compulsórios, o gênero é uma performance com consequências claramente punitivas. Os gêneros distintos são parte do que ‘humaniza’ os indivíduos na cultura contemporânea; de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero (BUTLER, 2003, p.199).

Essa rigorosa *performance* de gênero masculina ou feminina impõe uma figura de adequação, seriedade e respeitabilidade servindo como compensação ao fato de ser uma figura

dissidente das normas sexuais e de gênero. E para cada *performance* de gênero executada ‘fora do roteiro’ previsto existem vários discursos prontos para readequá-la em suas formas binárias, voltadas à manutenção de uma ordem social que nega a multiplicidade das sexualidades e gêneros. A essas respostas discursivas, que colocam as diversas formas de ser e amar sob a definição de anormalidade, imoralidade, ilegalidade ou enfermidade, chamo de discurso de ódio, conforme exploro no próximo tópico.

## 2.5 DISCURSOS DE ÓDIO EM TORNO DAS DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO

Quando falo em discurso de ódio não me refiro apenas à sua expressão explícita, à sua face declarada, aberta, que diz odiar, que ofende, que mata, que agride, que violenta; mas também das suas manifestações sutis, das suas forças aliadas, que funcionam como suporte das ações mais explícitas. Desse modo, o silenciamento das pessoas agredidas e a convivência com os agressores também constituem alguns exemplos de práticas de ódio.

Optei, por uma questão política, em incluir os elementos discursivos de aceitação, tolerância, piedade e inclusão como parte do discurso de ódio, pois as pessoas em dissidência não precisam se conformar com cidadania pela metade, não merecem os restos das camadas privilegiadas, essas pessoas têm o direito de existir em sua plenitude e fazer brilhar suas singularidades. Exaustas dos olhares enviesados essas pessoas podem e devem ser olhadas nos olhos. E é preciso ter coragem para encarar esses corpos que desviam. As janelas da alma reluzem um esplendor sem igual que deixam muitos cegos de ódio.

Ampliando um pouco mais a discussão a respeito do ódio, Marcia Tiburi (2015) fala como esse sentimento possui estreita ligação com as práticas e modos de pensar fascistas:

Há algo assustador no ódio contemporâneo. Não se tem vergonha dele, ele está autorizado hoje em dia e não é evitado. A estranha autorização para o ódio vem de uma manipulação não percebida a partir de discursos e de dispositivos criadores desse afeto. Somos seres capazes de amar e odiar. O motivo pelo qual amamos é inversamente proporcional ao porque odiamos. No primeiro caso construímos, no segundo, destruímos. Ora, sabemos que os afetos são sempre aprendidos. Eles se formam em nós por experiências. O fascista é impotente para o amor porque viveu experiências de ódio. Experiências sensíveis e intelectuais. Ele introjetou o ódio muito antes de poder pensar nele. Sempre pensamos o que pensamos motivados por elementos afetivos. Todos os pensamentos de quem sistematicamente odeia como o fascista têm como fundamento as potências violentas do ódio (TIBURI, 2015, p. 27).

E a autora (TIBURI, 2005) ainda ressalta que a dificuldade que o fascista tem em dialogar vem justamente dessa dimensão afetiva de ódio, que o impede de enxergar o outro, de ouvir o outro. O fascista já tem as respostas para suas perguntas porque ele já tem as certezas

prontas em seu enrijecido sistema afetivo e de pensamento. Ademais, uma característica recorrente das pessoas cujas práticas são marcadas pelo autoritarismo e negligência em relação ao outro, é a tentativa de deslegitimar lutas sociais de minorias políticas como mulheres, camponeses, índios, imigrantes, pobres, negros e LGBTs. As pessoas que se posicionam contrariamente a essas minorias são, por vezes, consideradas sexistas, elitistas, racistas e LGBTfóbicas.

A expressão LGBTfobia é uma derivação do termo homofobia; essa expressão procura abarcar a problemática da violação de direitos, agressões e desrespeito à comunidade LGBT. Conforme escreve Junqueira (2007):

o termo homofobia costuma ser empregado quase que exclusivamente em referência a conjuntos de emoções negativas (tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo) em relação a pessoas homossexuais ou assim identificadas. Por vezes, as violências e violações de direitos cometidos contra travestis e transexuais são abarcadas sob o nome de homofobia (JUNQUEIRA, 2007, p. 4).

Dessa forma, ainda que o uso do termo LGBTfobia possa remeter à toda comunidade (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e outros mais), a expressão homofobia não se fecha em si mesma posto que as forças que agridem os gays (pecado, devassidão, doença, imoralidade) costumam ser as mesmas que agridem qualquer outra pessoa dissidente da norma sexual e de gênero; inclusive, heterossexuais podem ser alvos desses mesmos estigmas caso não se adéquem aos modelos comportamentais heteronormativos.

Por outro lado, também entendo a necessidade de se criar termos específicos para cada grupo dentro da comunidade, visto que gozam de diferentes graus de cidadania. A esse respeito, Gayle Rubin (2017) observa que a perda de status de dignidade social se dá na medida em que os modos de vida dos indivíduos vão se afastando do modelo erótico que ocuparia o topo da pirâmide: a heterossexualidade monogâmica, e na base dela estariam os/as homossexuais/bissexuais que fazem sexo com vários parceiros. Num movimento de adequar-se, a autora cita que as relações homossexuais monogâmicas de longa data amenizariam os efeitos dos estigmas sofridos pelas pessoas de sexualidade e gênero marginais. Então, pensando a dignidade enquanto privilégio decorrente dos comportamentos sexuais, a autora dispara:

Os indivíduos cujo comportamento figura no topo dessa hierarquia são recompensados com o reconhecimento de saúde mental, respeitabilidade, legalidade, mobilidade social e física, apoio institucional e benefícios materiais. À medida que se vai descendo na escala de comportamentos sexuais ou ocupações, os indivíduos que os praticam se veem sujeitos à presunção de doença mental, falta de idoneidade, tendência à criminalidade, restrição de mobilidade social e física, perda de apoio institucional, sanções econômicas e processos penais (RUBIN, 2017. p.83).

A própria discriminação no interior do movimento social e da comunidade LGBT justifica a necessidade do uso de termos e categorias de análise para tratar das especificidades de cada um. Para citar um exemplo, o desrespeito ao uso do nome social<sup>10</sup> é um caso de transfobia e diz respeito mais às pessoas transexuais/transgêneras. Assim, o termo homofobia (ainda que guarde estreita relação) não equivale e nem substitui, de modo algum, a expressão LGBTfobia. É importante problematizar os conceitos uma vez que eles não são apenas elementos teóricos, descolados da vida social, mas objetos do conflito político e discursivo lutando pelo seu estatuto de verdade.

Embora reconheça o potencial e a importância (tanto teórica quanto política) das identidades LBGTs, escolho por usar um termo que entendo ser ainda mais abrangente por abarcar relações que vão além das identidades, que é a dissidência sexual e de gênero. A escolha por esse termo desloca a discussão identitária para o campo das práticas performativas de sexualidade e gênero. Para entender quem são os dissidentes sexuais e de gênero é preciso remontar ao esquema da pirâmide da hierarquia erótica de que Rubin (2017) se vale para explicar a relação entre práticas sexuais e de gênero com os privilégios sociais de cidadania. Esses tipos de esquemas no formato de pirâmides são muito pertinentes, pois demonstram que o lugar de privilégio, o topo, raramente representa a maioria e nos lembra também que todo privilégio se constrói sobre uma base, como a base de uma pirâmide.

Assim, todas as relações sexuais que não forem entre pessoas de sexo oposto, com papéis de gênero bem definidos, chanceladas por uma autoridade religiosa cristã, com finalidades reprodutivas, sem relação comercial e sem uso de acessórios que maximizem o prazer serão consideradas relações sexuais inferiores, degradadas, praticadas pelas pessoas fora da norma, pelos dissidentes sexuais e de gênero. Nesse panorama, mesmo as relações heterossexuais permeadas pela prostituição e pelo fetiche são alvo de perseguições das forças e discursos conservadores.

Outra contribuição para pensar as dissidências sexuais e de gênero é a partir da leitura que Preciado (2014) faz da categoria heteronormatividade, que, segundo o autor, trata-se de uma:

tecnologia social heteronormativa – esse conjunto de instituições tanto linguísticas como médicas ou domésticas que produzem constantemente corpos-homem e corpos-mulher – pode ser caracterizada como uma máquina de produção ontológica que funciona mediante a invocação performativa do sujeito como corpo sexuado (PRECIADO, 2014, p. 28).

---

10 Nome pelo qual as travestis e pessoas transexuais se identificam e preferem ser identificadas, enquanto o seu registro civil não é adequado à sua identidade e expressão de gênero (JESUS, 2012).



Além disso, apoiado em leituras de Judith Butler e Eve K. Sedgwick, Preciado (2014, p. 28-29) salienta que as performances de gênero, tanto as que produzem a norma quanto as que punem seus desvios estão permeadas por relações de poder na linguagem, mas não se limitam à discursividade, porque as relações de poder também acontecem na materialidade dos corpos a partir de sua tecnologia de produção/normatização/subversão de sexo e de gênero. Segundo o autor, a tecnologia que produz as próteses de sexo e gênero para normalizar é reapropriada e ressignificada subversivamente pelas pessoas em dissidências, ou, nas palavras de Preciado, na contrassexualidade. Preciado (2014, p. 31) corrobora a ideia de que as próteses de sexo/gênero não são imitações de um ‘original quem vem da natureza’, elas são a própria natureza construída pela plasticidade do trabalho humano.

Embora as dissidências sexuais e de gênero sejam por vezes descritas como antinaturais, doença, imoralidade ou perversão; elas são apenas fugas do projeto de poder heteronormativo e são punidas por ameaçar esse sistema, ainda hegemônico. Uma das faces dessa punição é o discurso de ódio sobre essas dissidências, que no jogo de poder enunciativo operam propostas e consequências políticas perigosas como cura, tratamento, crime, salvação, piedade e extermínio.

## 2.5 DISCURSOS DE ÓDIO EM TORNO DAS DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO NA *INTERNET*

Na contramão desse processo de vivências no armário e de *performances* de gênero binárias, temos na *internet* de uma profusão de conteúdo a respeito das sexualidades e gêneros desviantes circulando e viralizando nas principais mídias e *sites*. Mas toda essa visibilidade que essa questão tem na rede não passa despercebida pelos olhares mais conservadores. Alguns partem ao ataque por motivos pessoais, outros como arautos das instituições das quais fazem parte, acreditando prestar algum tipo de favor ou esclarecimento, condenam as dissidências como obra do demônio, doença, depravação, doutrinação, etc.

Diversos pastores chamam a diversidade sexual e de gênero de demônio e alegam ter o poder de exorcizar esse ‘mal espírito’; a medicina e a psicologia, por muito tempo, consideraram essa questão como doença e possuíam técnicas de tratamento ou cura; a escola sugere uma conduta de respeito sem práticas que o efetivem, etc. Dessa forma, cada instituição

vai tratar do tema a seu modo. A questão que interessa aqui é um tipo de discurso próprio da atualidade: o discurso de ódio na *internet* contra as dissidências sexuais e de gênero. Parece que, nesse espaço, abre-se mão de uma capacidade intrinsecamente humana, a ética, desconsiderando a pessoa com quem se estabelece a comunicação, pelo menos nos casos dos *haters*<sup>11</sup>.

O suposto anonimato, a ausência de um interlocutor presencial e o isolamento no momento de construir raciocínios argumentativos funcionam para alguns como um escudo para poder propagar suas ideias de ódio com pretexto de liberdade de expressão (ANDRADE; PISCHETOLA, 2016, p. 1379).

A *internet*, através de suas várias mídias e plataformas, permite que pessoas com ideias afins se unam para discutir qualquer tema de comum interesse. Surgem assim as comunidades virtuais que geram, por vezes, debates polêmicos e acalorados. Por outro lado, esquivar-se desses debates não parece ser uma boa estratégia, visto que esse movimento tende a formar um fenômeno conhecido como “bolhas informativas” (PREGO, 2017). Sobre essas “bolhas informativas” a autora Victoria Prego (2017, p. 20) afirma:

Mas precisamente aí reside o problema, quando plataformas como o Facebook enviam, a cada um, aquelas informações que respondem às suas necessidades e a seus interesses, de modo que o sujeito vive, definitivamente, sob uma redoma ou imerso em uma bolha da qual não precisa e, na realidade, não pode sair. Neste contexto, todos os dados e as comunicações recebidas destinam-se a reforçar os seus hábitos, interesses e opiniões. A exposição a ideias contrárias à sua própria posição, sobre qualquer assunto, consideradas de interesse geral, não existe, porque ou estas ideias não aparecem na sua bolha ou são feitas para serem desacreditadas.

Uma vez que essas “bolhas informativas” são formadas para sustentar as crenças pessoais de quem faz parte delas, é relativamente comum que as defesas dessas ideias se manifestem de maneiras passionais. E, para algumas pessoas, vale tudo para defender seus ideais, inclusive ofender, agredir e ameaçar seus interlocutores. Justamente nesse contexto, formam-se as matérias primas para os discursos de ódio.

Instituições como a SaferNet<sup>12</sup> (2018), cuja existência já contabiliza doze anos, recebeu até agora quase quatro milhões de denúncias anônimas de crimes virtuais no Brasil. Assim, o que se tem visto e percebido, na última década no país, é o aumento e a disseminação do discurso de ódio disfarçado de liberdade de opinião/expressão.

---

11 Segundo o *site* ‘Significados’ *haters* é uma palavra de origem inglesa e significa "os que odeiam" ou "odiadores" na tradução para a língua portuguesa. O termo *hater* é bastante utilizado na *internet* para classificar algumas pessoas que praticam "*bullying* virtual" ou "*cyber bullying*" (HATERS, 2018).

12 A SaferNet é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que reúne cientistas da computação, professores, pesquisadores e bacharéis em direito com a missão de defender e promover os direitos humanos na Internet.

Nesse contexto da disseminação de ódio na *internet*, uma prática que tem se tornado cada vez mais comum é a popularização e a exaltação de figuras que incitam o ódio contra as minorias sexuais em nível nacional. Essas figuras não são representadas apenas pelas figuras políticas, mas também pelos profissionais de rádio, *internet* e televisão, como apresentadores, jornalistas e comediantes que optam por um humor ofensivo ao mesmo tempo em que condenam a postura ética do ‘politicamente correto’. Esses profissionais afirmam que essa conduta ética impede a liberdade de expressão do humor sem se importar com os desdobramentos nocivos que esse humor produz. O humor que debocha, humilha e estigmatiza qualquer segmento social também ajuda a compor o discurso de ódio. A esse respeito, a pesquisa de Irigaray (et al., 2010) conclui que alguns dos heterossexuais se valem do humor para desqualificar os indivíduos não heterossexuais considerando estes indivíduos menores (menos importantes).

Assim, é possível que as mensagens virtuais de ódio guardem íntima relação com outras formas de agressão contra as dissidências sexuais e de gênero. A questão em aberto é qual a dimensão dessa relação e até que ponto ela pode ser considerada ou não como um dos catalizadores dessa violação da integridade física e moral.

Trago como exemplo os casos de violência familiar. Há uma tendência de que as denúncias só sejam feitas após concretizadas as agressões físicas. Para Silva (et al., 2007, p. 93) “a violência psicológica no interior da família, geralmente, evolui e eclode na forma da violência física”. Dessa forma, as agressões verbais e psicológicas costumam ser subestimadas e/ou naturalizadas nas instituições sociais e relações pessoais.

Ainda que, até agora, eu tenha situado a *internet* como mais um lugar possível para a produção de repulsa às dissidências sexuais e de gênero, devo reconhecer também sua potência de resistir na/em rede. Como diz Castells (2013, p. 134) “[...] as pessoas só podem desafiar a dominação conectando-se entre si, compartilhando sua indignação, sentindo o companheirismo e construindo projetos alternativos para si próprias e para a sociedade como um todo”.

Talvez, o ódio que se produz tão intensamente na rede contra as pessoas que fogem à norma sexual e de gênero apareça justamente porque as existências dessas pessoas estejam mais evidentes do que nunca. Talvez esse ódio só apareça porque existem as fotos dos beijos gays no *Instagram*, os transexuais *youtubers* contando as histórias da transição, os tuítes provocativos das lésbicas e tantos outros conteúdos produzidos por essas pessoas capazes de despertar a ira moralista de tantas outras. Mas, uma das melhores possibilidades que se delineia nessa rede é a produção do amor, da vida e da arte dessa gente. Umas dessas produções que me

chamou a atenção como objeto de pesquisa é clipe que segue no tópico “Análise do clipe ‘paraíso’ de Lucas lucco e Pablllo Vittar”.

Mas para que se possa entender como se operam as relações discursivas em disputa na rede, é preciso recorrer às contribuições dos estudos de Foucault e Fischer para relacioná-los ao objeto de estudo.

### 3 ANÁLISE DO DISCURSO EM FOUCAULT COMO MÉTODO

A princípio, pode-se pensar que a análise do discurso em Foucault como método guardaria certa sequência de operação no uso de seus conceitos e categorias; mas isso não se aplica de maneira tão ortodoxa. Percebo que essa prática metodológica se apoia em alguns conceitos fundamentais, ao mesmo tempo que permite uma certa liberdade de operação, usos e não usos de alguns outros conceitos de Foucault. O conceito de enunciado, por exemplo, é uma unanimidade desse método, mas outros conceitos como relações de poder aparecem em alguns trabalhos e não em outros. A recorrência de alguns conceitos sobre outros, nos trabalhos que analiso a seguir, não significa, de modo algum, uma hierarquia entre eles; significa, antes, que a obra de Foucault deixou grandes legados e que a escolha pelo detalhamento explicativo de um conceito sobre outro diz apenas de um ‘ajuste metodológico’, ou seja, de um recorte ou enfoque que o próprio objeto de pesquisa demanda.

Assim, será que se pode dizer que a análise do discurso em Foucault se confunde com sua arqueologia? Talvez não tenha uma resposta definitiva. Porém, há autores que sustentam suas pesquisas com o método da análise do discurso valendo-se de Foucault apenas como uma contribuição e não como teórico principal. Por exemplo, no caso da análise do discurso de linha francesa, que tem na figura de Michel Pêcheux seu principal teórico, alguns autores têm se valido das contribuições foucaultianas para repensar essa vertente como demonstra o livro “Presenças de Foucault na análise do discurso” (PIOVEZANI; CURCINO; SARGENTINI, 2014). A arqueologia de Foucault é tida por Dreyfus e Rabinow (1996) como um limite metodológico que foi superado posteriormente pelo próprio Foucault com a genealogia. Então, operar uma análise do discurso com Foucault é se apropriar desses outros momentos, tomar conceitos de um Foucault mais amadurecido.

Então, é importante trazer o que o próprio Foucault disse a respeito de seus ‘momentos metodológicos’ que ele define como “os três elementos fundamentais de toda experiência”, ou seja, verdade, poder e ética (FOUCAULT, 2004, p.231). O filósofo francês, defende que seu modo de trabalho leva em conta sempre esses três aspectos, porque todos eles são importantes. Ocorre que, a depender do objeto que ele exemplifica, como “loucura”, “delinquência” e “sexualidade”, houve a prevalência de um aspecto sobre os outros. Nesse sentido, os trabalhos arqueológicos de Foucault, primaram pelos elementos em torno da constituição da verdade, enquanto a genealogia lida com as questões pertinentes ao poder e a ética sobre as relações consigo mesmo e os outros. Assim, analisar discursos com Foucault, é

compreender a sutileza de suas ferramentas metodológicas segundo as necessidades que o objeto apresenta.

No caso do objeto desta pesquisa, o aspecto arqueológico recebe maior fôlego, por tratar dos enunciados em torno das verdades em disputa sobre corpo, gênero e sexualidade. Mas o aspecto genealógico também é contemplado ao ressaltar a disputa pelo saber-poder na rede, nas posições privilegiadas das conformações subjetivas consideradas ‘normais’ frente às ‘anormalidades’ das pessoas em dissidência. A questão ética também ganha importância ao se debruçar sobre os modos possíveis da construção de si na rede, ou seja, dos usos da *internet* na produção de discursos e conteúdos dissidentes que falam outras coisas, para além das certezas, disseminando dúvidas e novas possibilidades que não cabem em identidades.

Além disso, ao colocar outros autores que trabalham o tema do discurso junto a Foucault e operacionalizá-los nos mais diversos campos de pesquisa, permite elevar a aplicabilidade desse método através dessas novas experimentações, como nos mostrará Fischer mais à frente.

Dentre os conceitos mais recorrentes nos trabalhos<sup>13</sup> de quem usa Foucault na análise do discurso destacam-se: discurso, formação discursiva, enunciado, verdade, poder, saber e sujeito. Outros conceitos utilizados, porém, com menor frequência são: arquivo, formações não discursivas, acontecimento, arqueologia, genealogia, episteme, enunciação e biopolítica. Abaixo, discorro sobre dois conceitos importantes que me ajudam a pensar o objeto desta pesquisa, discurso e enunciado.

Há muitas formas de se analisar os discursos. É possível lançar vários olhares sobre um mesmo discurso. É possível tomá-lo sob sua dimensão política, psicológica, linguística, sociológica, pedagógica e também como um enunciado. É justamente pela perspectiva do enunciado que se abre todo o caminho para pensar a análise do discurso com Michel Foucault como uma prática metodológica; ao mesmo tempo que, outros conceitos de sua obra vão se oferecendo oportunamente para se trabalhar a realidade pesquisada. A seguir, faço uma análise do principal conceito de Foucault, que permite o trabalho da análise do discurso, o enunciado, bem como a maneira que disponho das ferramentas foucaultianas para analisar discursos.

Quando se fala em análise do discurso é possível que se venha à mente uma análise do ‘real’ significado das palavras ou uma ‘essência’ a ser descoberta naquilo que foi dito; como se o discurso fosse em si algo incompleto, insuficiente e precisasse de um esforço a mais para se alcançar a mensagem final. Nesta pesquisa não tenho interesse em resgatar as etimologias

---

13 Dados obtidos em pesquisa bibliográfica de 26 artigos da *Scielo* que trabalham com o método da análise do discurso em Foucault entre 2014-2018.

discursivas a fim de enxergar algo que não fora visto. Interessa-me as atuais disputas políticas que se travam pelo discurso.

Minha intenção ao trabalhar o discurso não é pela sua dimensão linguística, mas pela sua dimensão histórica. O discurso aqui é visto como uma série de acontecimentos na história (FOUCAULT, 1999). Acontecimentos esses marcados por disputas de forças em conflitos na construção de verdades historicamente localizadas, nunca definitivas.

Esse novo olhar histórico se refere a um movimento atual que se contrapõe às análises tradicionais; de uma mudança de perspectiva de uma história global para uma história geral. “Uma descrição global cinge todos os fenômenos em torno de um centro único - princípio, significação, espírito, visão do mundo, forma de conjunto; uma história geral desdobraria, ao contrário, o espaço de uma dispersão” (FOUCAULT, 2007, p.11-12). Uma história geral busca “determinar que forma de relação pode ser legitimamente descrita entre essas diferentes séries” (FOUCAULT, 2007). Nesse sentido, as diferentes séries seriam recortes, unidades ou níveis de dispersão de um documento histórico, de um acontecimento histórico.

Assim, a dimensão histórica dessa análise do discurso não encontra apoio numa história conciliadora, retilínea, aglutinadora e memorizadora. O espaço da dispersão, dos cortes, dos desvios, dos desníveis, que outrora eram considerados como obstáculos nas análises historiográficas, agora é um de seus instrumentos e métodos.

A análise do discurso aqui proposta, oriunda dos estudos de Foucault, não se trata de uma análise gramatical, nem lógica, nem psicológica. O filósofo trata essa análise a partir do enunciado. Michel Foucault defende que outras formas de análise do discurso até admitem a dimensão do enunciado, mas como elemento residual e de pouca importância. O enunciado tem centralidade no método de Foucault e o autor explica as características desse conceito que demonstram sua potência analítica. Foucault traz então a ideia do modo de ser singular do enunciado que, apesar de ser linguístico e um objeto portador de certa materialidade, isso não bastaria para defini-lo totalmente (FOUCAULT, 2007, p. 97-98).

Assim, é possível definir o enunciado como uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos. A partir dessa função se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se os signos ‘fazem sentido’ ou não. Essa função cruza um domínio de estruturas e de unidades (orais ou escritas) possíveis e que faz com que apareçam com conteúdos concretos no tempo e no espaço (FOUCAULT, 2007).

Dessa forma, o enunciado é o que atribui a uma proposição seu valor de verdade e o que delimita o sentido a uma frase (FOUCAULT, 2007). O jogo das relações enunciativas possui uma trama própria que outras formas de análise do discurso não captam nem alcançam,

posto que, de maneira geral, o enunciado não se encontra livre, neutro e independente, mas sempre em meio a “uma série ou conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja” (FOUCAULT, 2007, p. 112).

Não se pode inferir com isso que a análise enunciativa do discurso seja ‘mais objetiva’, ‘mais acurada’ do que as análises gramaticais, lógicas ou psicológicas. Essa análise apenas tem seu nível próprio de caracterização, olha para direções diferentes e toma outros caminhos que nos permitem pensar relações diferenciadas sobre o discurso.

Quando digo que a análise do discurso pelo enunciado se difere da gramática concordo com Foucault (2007) quando diz que o enunciado existe no limite da linguagem, portanto nem oculto nem visível. Ele não é a porta de entrada para um mundo que estava oculto a espera de ser desvendado. Também não surge na imediatez daquilo que foi dito. Ele existe numa relação que requer um olhar atento e cuidadoso. “Ele define a modalidade de seu aparecimento: antes sua periferia que sua organização interna, antes sua superfície que seu conteúdo” (FOUCAULT, 2007, p. 127). Além disso, os enunciados não se encontram abundantemente, ou seja, são raros. “Por serem raros, recolhemo-los em totalidades que os unificam e multiplicamos os sentidos que habitam cada um deles” (FOUCAULT, 2007, p. 136).

Definidas as características gerais do enunciado, cabe agora ressaltar que essa ferramenta de análise articula as performances verbais de modo a colocar o sujeito em outro patamar, retirando sua soberania ante ao discurso. “Não importa quem fala, mas o que ele [o sujeito] diz não é dito de qualquer lugar. É considerado, necessariamente, no jogo de uma exterioridade” (FOUCAULT, 2007, p. 139). O sujeito não está acima do discurso, o sujeito não o constrói a partir de sua vontade deliberada, nem qualquer espécie de consciência coletiva também não tem esse poder, mas, pelo contrário, o discurso é “um campo anônimo cuja configuração define o lugar possível dos sujeitos falantes” (FOUCAULT, 2007, p. 138). Por isso, nesta pesquisa, não importa identificar os internautas que produzem os discursos de ódio nem puni-los pelos mecanismos judiciais ou de censura, visto que as tramas discursivas estão acima de qualquer pessoalização da questão do discurso de ódio na rede.

Essa análise, que não depende de um sujeito consciente, também não circula livre no tempo, ela depende de certas condições históricas que Foucault chama de princípios gerais reguladores do discurso. Assim, Foucault nos apresenta as quatro noções norteadoras dessa forma de análise do discurso: acontecimento, série, regularidade e condição de possibilidade. O autor diz que cada uma dessas quatro noções possui um oposto nos estudos tradicionais da



história. Os opostos seriam respectivamente: a criação, a unidade, a originalidade e a significação (FOUCAULT, 1999. p. 54).

Ao destacar essas quatro noções frente aos seus contrapontos tradicionais, o autor propõe que essa forma de análise busque se distanciar das noções de origem e essência do discurso, de totalidade discursiva e de autoria do sujeito que cria o discurso. “O discurso não é a manifestação de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo” (FOUCAULT, 2007, p. 61). O sujeito não lança o discurso de uma posição externa; antes, sua subjetividade é formada pelas tramas discursivas.

Outras contribuições para se pensar uma análise do discurso em Foucault vêm com a adoção de “atitudes metodológicas”, conforme explica Fischer (2003). A autora possui uma trajetória em pesquisa na área de análise do discurso midiático na formação da subjetividade adolescente e jovem e suas implicações no campo da educação. Assim, ela elenca quatro atitudes metodológicas que podem ajudar o pesquisador que estuda análise do discurso em Foucault no campo da educação ou em qualquer campo das ciências humanas. Portanto, se no campo da educação as análises dos discursos são advindas do cotidiano das aulas, dos currículos, dos materiais escolares (livros e apostilas), das brincadeiras e conversas; no campo da *internet* recorreremos às suas formas peculiares de comunicação; curtidas, denúncias, comentários, compartilhamentos e repercussões dos conteúdos em evidência.

A primeira atitude que Fischer propõe se trata de reconhecer que todas as lutas (e pesquisas) são discursivas. Não que elas se reservem apenas ao campo discursivo, mas é preciso admitir que não se pode fugir dele, que toda forma de embate na esfera da linguagem está permeada por conflitos e disputas (FISCHER, 2003, p. 372). Desse modo, Fischer afirma que não é porque se faz pesquisa sobre o discurso que se pode estar acima dele, a subjetividade é constituída por ele. Segundo a autora, talvez, a única distância que se possa tomar com relação a ele seja o posicionamento ético e a honestidade intelectual de que não há verdades essenciais, mas disputas pela construção dessas verdades e o que elas são capazes de produzir. É essa postura que permite refletir sobre as composições dessa luta, ao lado de quem se luta e o que se busca tornar-se como ser humano. A escolha de um clipe com uma *drag queen* e os comentários que derivam dele como objeto de pesquisa são parte de minha postura ética por evidenciar a arte que rompe com as expectativas de sexualidade e gênero e o tensionamento das práticas discursivas em torno da defesa das pessoas que fogem das normas sexuais e de gênero.

A segunda se refere à atenção no tratamento das palavras com relação às coisas. Essa relação não é direta, não é imediata. Entre uma palavra que intenta significar uma coisa há

um enunciado que permite uma chave de leitura da realidade que não se confunde com as significações instantâneas (FISCHER, 2003, p. 372). Assim sendo, as relações entre as palavras e as coisas já não podem mais ser tomadas como imediatas. A chave de leitura desta pesquisa tem o enunciado como mediador entre as palavras e as coisas. É esse mediador que sinaliza a vontade de verdade e as disputas políticas em torno dos significados. De acordo com nossa imersão no campo de pesquisa, o objeto estudado não possui apenas uma chave de leitura enunciativa. As tentativas de explicar/julgar/exaltar/apreciar/entender/condenar as verdades do corpo, do sexo e do gênero passam pelas mais diversas fontes as quais serão abordadas no item ‘Problematizando os comentários’.

A terceira diz respeito aos enunciados como práticas discursivas e não discursivas que constituem o objeto de pesquisa dentro de determinadas relações de poder e determinados modos de subjetivação (FISCHER, 2003, p.372-373). No caso do objeto de estudo desta pesquisa, observo que as relações de poder não se limitam à sessão de comentários, lugar de onde as agressões e significações são lançadas e enfrentadas. Muitas vezes, as respostas a esses comentários retornam à rede em forma de vídeos sobre esses comentários, ou seja, se tornam um novo conteúdo. No *Youtube* é muito comum que os donos do canal produzam vídeos intitulados de ‘respondendo os comentários de ódio’ ou ‘respondendo *haters*’ e ganhem audiência e dinheiro<sup>14</sup> com esses eventos. Esse tipo de conteúdo geralmente surge como deboche dos comentários de ódio; além de aproveitar para explicar por que tais comentários estariam equivocados, tem tripla função: comercial, humorística e pedagógica. Mesmo fora do *YouTube* os comentários podem ser lançados em outras redes sociais para causar efeitos de humor, revolta, denúncia, etc. Nas academias esse material tem virado objeto de pesquisa para muitos cursos. Esse quadro demonstra como é possível produzir arte, humor, parcerias e conhecimento a partir dos discursos de ódio. Contudo, não nego o fato de que esses comentários produzem também efeitos nocivos como agressão verbal, *cyberbullying*, perseguição, medo, danos morais e psicológicos sobre as subjetividades que desviam das normas sexuais e de gênero que se manifestam na rede.

Por fim, ela traz como quarta atitude metodológica a aceitação do inesperado pelo pesquisador, não como conformismo, mas como incentivo. Que o pesquisador saiba, além de aceitar, aproveitar as surpresas que surgem na caminhada da pesquisa como motivação para se dedicar ainda mais ao trabalho (FISCHER, 2003, p. 373). Nesse item, reconheço que o atributo do inesperado altera a rota e o cronograma da pesquisa, mas antes de encarar essa novidade

---

14 É possível ganhar dinheiro com anúncios publicitários vinculados aos vídeos.

como problema tenho a possibilidade de incluir esse fato inesperado na pesquisa e incorporar novos elementos que podem enriquecer a discussão. Aproveito então o ensejo do parágrafo para relatar minha experiência do inesperado na pesquisa. Um dos fatores que motivou a escolha do clipe foi o número de *dislikes* (não gostei) que o clipe teve a princípio, visto que, via de regra, os cliques com muitos *dislikes* costumam estar repletos de comentários negativos, ou seja, contém muito material de pesquisa. Ocorre que, da época do lançamento do clipe até o retorno a ele como objeto de pesquisa (intervalo de um ano), o número de *dislikes* reduziu e os comentários negativos e de ódio ficaram mais difíceis de ser encontrados visto que foram ‘engolidos’ pelos comentários positivos. Sobre este clipe podemos afirmar que o tempo tem inviabilizado o ódio.

Além dessas quatro atitudes metodológicas de que autora fala, ela ainda traz outra contribuição ao longo do texto. Fischer (2003) atenta para que o pesquisador duvide daquilo que é colocado como natural, pois os objetos são “naturalizados” pelas práticas e discursos. A partir do objeto escolhido para a pesquisa, o pesquisador deve se colocar em posição de questionar as lacunas que o circundam e buscar nas dispersões da história as condições que tornam o objeto aquilo que dizem que ele é. Essas construções de verdades que constituem o objeto se fazem em meio às lutas e disputas discursivas das quais o pesquisador não está livre. Justamente, essas verdades colocadas como naturais que busco contextualizar como construções sociais no jogo do poder das práticas e discursos que surgem nos comentários do clipe escolhido. A sessão ‘Problematizando os comentários’ tratará melhor desse tema.

### 3.1 O YOUTUBE COMO CAMPO DE PESQUISA

O ‘lugar’ que chamo de campo de pesquisa é a plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*. Esse *site* foi fundado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim em junho de 2005 - tendo sido comprado pela Google um ano depois por 1,65 bilhões de dólares - e proporciona o serviço de compartilhamento de vídeos na *internet* (BURGESS; GREEN, 2009, p. 17-18). “A plataforma de vídeos disponibiliza uma interface bastante simples e integrada, dentro da qual o usuário pode fazer o *upload*<sup>15</sup>, publicar e assistir vídeos em *streaming*<sup>16</sup> sem necessidade de altos níveis de conhecimento técnico” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 17).

---

15 *Upload* - transferir, carregar. Transferência de dados de um computador para outro (SWAYA, 1999, p. 490).

16 *Streaming* - Tecnologia que é capaz de reproduzir áudio ou vídeo enquanto ainda está carregando (*downloading*), diminuindo, assim, um pouco o tempo de espera (SWAYA, 1999, p. 449).

Os autores Jean Burgess e Joshua Green (2009, p. 23) entendem o *YouTube* como um “objeto de estudo particularmente instável, marcado por mudanças dinâmicas (tanto em termos de vídeos como de organização) e diversidade de conteúdos”, além de ser um objeto de difícil definição por sua relação não linear entre os atores envolvidos no processo de criação e disseminação dos vídeos. Existe a força hierárquica da empresa em como gerenciar os conteúdos, mas existe também uma força que emana de baixo para cima, que é a força dos criadores de conteúdos que podem sair do anonimato para a fama em apenas um vídeo (idem, p. 23-24).

Cabe ressaltar também que, ao se pensar e delimitar o *YouTube* como campo de pesquisa não se pode perder de vista que a *internet* é um “espaço” de conexão, comunicação e compartilhamento de conteúdo entre os diferentes *sites*, páginas, redes sociais, etc. O que isso significa? Significa que os acontecimentos que viralizam na rede não são propriedade de um *site* ou página, ainda que deles se originem. Além disso, um mesmo acontecimento reverbera de diferentes formas na rede. Uma notícia do *site* jornalístico se torna clipe no *YouTube*, polêmica no *Facebook*<sup>17</sup> e piada no *Twitter*<sup>18</sup>, ao mesmo tempo. Cada página (*site*, rede social, plataforma de vídeo, etc.) existente na *internet* guarda suas próprias peculiaridades, mas nenhuma delas existe isoladamente, estão sempre em relação umas com as outras, implicando-se, transformando-se, disputando audiência, disputando o tempo que se gasta com elas, para elas, fabricando suas verdades e discursos. Portanto, ainda que os elementos discursivos sejam extraídos dos comentários do *site* de vídeos, não se pode falar sobre “o discurso do *Youtube*” ou “o discurso do *Facebook*”, posto que os compartilhamentos se dão entre as próprias páginas. Assim, é mais coerente dizer de um discurso que circula na rede virtual.

Contudo, assumir as estreitas relações entre as diferentes páginas virtuais não autoriza menosprezar as particularidades de cada uma. A escolha pelo *site* de compartilhamentos de vídeos acontece justamente pelo seu forte apelo visual, por aquilo que as imagens “dizem” (ou não dizem), por ser outra linguagem, ainda, rica e saturada de significações. Essa opção também se justifica pelo seu espaço de comentários, a principal fonte discursiva da pesquisa.

---

17 O *Facebook* é uma rede social virtual lançada em 4 de fevereiro de 2004 com a missão de dar às pessoas o poder de compartilhar informações e fazer do mundo um lugar mais aberto e conectado (FACEBOOK, 2018, disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/FacebookBrasil/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/FacebookBrasil/about/?ref=page_internal)>). Acesso em: 10 mai. 2018.

18 O *Twitter* é uma rede social conhecida como microblog. Você pode publicar textos com até 140 caracteres – além de fotos, vídeos e links sobre o que você está fazendo, onde está, informações sobre o trânsito ou a sua opinião sobre um assunto (JESUS, 2012, disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/02/o-que-e-twitter-e-para-que-serve.html>>). Acesso em: 10 mai. 2018.

O volume textual nos comentários do *YouTube*, em geral, não costuma formar longos textos nem longas discussões entre os espectadores; os comentários são feitos após assistir o vídeo, ou seja, expressam a reação ao conteúdo assistido. Mas essa sequência (assistir-comentar) não é uma regra, alguns criadores de conteúdo dos canais percebem que seus vídeos são avaliados negativamente mesmo não sendo assistidos e o oposto também acontece, o vídeo pode ter avaliação positiva sem que se assista o conteúdo. Essas práticas opostas costumam vir das pessoas chamadas *haters* e inscritos, respectivamente. Os próprios comentários também são passíveis de avaliação negativa/positiva e dependendo dessa avaliação um comentário consegue se sobrepor a outro. Os comentários mais destacados (tanto pela positividade quanto pela negatividade) costumam ser aqueles que geram as discussões e chamam a atenção do autor do vídeo que pode participar da conversa se assim desejar. Essas conversas (ou discussões) muitas vezes são aproveitadas pelos *youtubers* como disparadores para a criação de novos conteúdos para o canal. Outra característica importante dessas conversas nos comentários é que, via de regra, acontecem entre pessoas desconhecidas o que por sua vez facilita a troca de ofensas.

No que diz respeito aos usuários da plataforma de vídeos, os dados do *YouTube Insights*<sup>19</sup> 2017 apontam que “a audiência brasileira é composta por 98 milhões de internautas, sendo 10% deles autodeclarados como LGBT+. Além disso, 96% dos jovens entre 18-34 anos acessam o site” (PACETE, 2017).

Um dado interessante na reportagem de Coelho (2018) diz que “o *Youtube* é a página na qual o brasileiro passa mais tempo por visita” (em média, vinte minutos e trinta e três segundos por visita). Além disso, o *YouTube* se tornou a mídia social mais usada no Brasil superando o Facebook (COELHO, 2018).

Assim, ao escolher o *YouTube* como campo de pesquisa, cujas fontes pesquisadas são formadas de imagens e textos, cabe tecer algumas considerações a respeito da particularidade da imagem na pesquisa. Segundo Balestrin e Soares:

Antecipadamente, não há como saber o que um filme pode, afinal, fazer conosco, e vice-versa – o que nós podemos fazer com um filme. É na relação que estabelecemos com a imagem que se nos coloca que algo pode (ou não) acontecer. Imaginamos que as possibilidades de experiência com um filme, bem como as possibilidades de leitura e de análise fílmica, são múltiplas e, ao mesmo tempo, singulares (BALESTRIN; SOARES, 2012, p. 91-92).

---

19 O *YouTube Insights* é uma espécie de censo que a empresa Google realiza através do serviço “Think with Google” para disponibilizar informações dos internautas para empresas direcionarem ofertas e serviços. Parte dessa pesquisa é socializada com o grande público, mas as informações detalhadas estão disponíveis apenas para as empresas que contratam o serviço através de assinatura (THINKWITHGOOGLE, 2015. Disponível em: <<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/about/>>). Acesso em: 14 mai. 2018.

Ainda que as autoras tenham se reportado às análises filmicas, acredito que sua contribuição sirva também para pensar os vídeos na internet dada a proximidade dos materiais. Apostamos nessa dimensão do inesperado que o artefato cultural na forma de vídeo pode causar em seus espectadores e em seus respectivos comentários, mesmo sabendo que a abundância das reações não se confunde com a abundância de enunciados, posto que estes são raros.

As autoras defendem que a produção da imagem não precisa ser uma transposição da realidade concreta; mesmo suas confecções mais criativas e fantásticas não devem ser entendidas como oposto do real, visto que através dos significados das produções filmicas, podemos conversar com a realidade ‘fora da tela’. “A tela seria uma das possibilidades concretas de apresentar e constituir a chamada *realidade*. A tela torna-se uma teia de discursos. Discursos esses que fazem as realidades existirem, persistirem e, por vezes, modificarem-se” (BALESTRIN; SOARES, 2012, p. 90). Desse modo, o *YouTube* como rede social, como comunidade, permite que o desenrolar discursivo sobre o vídeo visto aconteça ali mesmo. E é justamente essa combinação das imagens na tela e o discurso em torno dela que busco trabalhar no clipe escolhido.

Com a contribuição das autoras citadas, realizei uma descrição<sup>20</sup> do videoclipe “Paraíso” dividida cena a cena, frase a frase da música, de forma a capturar a visibilidade do clipe com a dizibilidade da letra da música, e selecionei três cenas com base nos impactos políticos da paisagem urbana e dos corpos sensuais dos artistas que performam uma paixão dissidente. Essas imagens são os disparadores dos comentários no *YouTube*, os quais tratei como elementos discursivos da pesquisa e que podem ser vistos na íntegra, na tabela do apêndice B.

---

20 A descrição completa do videoclipe pode ser vista no item Apêndice A.

#### 4 ANÁLISE DO CLIPE “PARAÍSO”<sup>21</sup> DE LUCAS LUCCO<sup>22</sup> E PABLO VITTAR<sup>23</sup>

A música<sup>24</sup> que embala o clipe fala sobre a paixão entre duas pessoas. Apesar de a letra ser escrita numa forma dialógica, o gênero dos cantores não aparece na letra. Mais tarde, ao assistir o videoclipe, percebe-se que os trechos da música que expressam ação e dominação são cantados pelo cantor e a parte que canta sobre amor, pela *drag*.

Hoje, você vai embora/ Só se eu deixar/ Hoje, embaixo do lençol/ O bicho vai pegar/  
Te pego de jeito/E se pegar fogo/ Deixa queimar/Te beijo gostoso/Eu tiro sua roupa/Te  
levo pro Paraíso/ E eu vou (4x)/ Te leve pro Paraíso/ E eu vou (4x)/ Direto pro Paraíso/  
Te leve pro Paraíso/ Direto pro Paraíso/ Diz o que cê quer de mim/ Provocou e eu  
quero, sim/ A noite toda, a noite toda/ Sim, sabe que eu gosto assim/ Hoje eu vou até  
o fim/ Me chama, implora o meu amor (2x)/ Me acende, que eu quero sentir calor/ Me  
chama, implora o meu amor/ Se me chama, eu vou (2x)/ Me chama, implora o meu  
amor/ Me acende, que eu quero sentir calor/ Me chama, implora o meu amor/ (Eu  
vou!)/ E eu vou, e eu vou, e eu vou, e eu vou/ Te leve pro Paraíso/ E eu vou (4x)/  
Direto pro Paraíso.

Figura 4 - Prédios



Fonte: YouTube (2019).

21 Clipe disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qtTM2YV3bI8>>.

22 Cantor, compositor, modelo e ator brasileiro. Seus principais trabalhos musicais são do ritmo sertanejo universitário (DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA. Disponível em: <<http://dicionariompb.com.br/lucas-lucco>>). Acesso em: 25 no. 2018.

23 Cantor, compositor e Drag Queen brasileiro(a). Seus principais trabalhos musicais são do ritmo pop (DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA. Disponível em: <<http://dicionariompb.com.br/pablo-vittar/biografia>>). Acesso em: 25 nov. 2018,

24 Disponível em: <https://www.letras.mus.br/lucas-lucco/paraíso/> Acesso em: 25 nov. 2018.

Mas, quando a canção é transposta para um clipe protagonizado por um homem e uma *drag queen* a paixão é questionada, abominada, aclamada, aplaudida, odiada, diagnosticada e tantas outras possibilidades que surgem nos comentários dos internautas do *YouTube*.

Assim, selecionei três cenas que acredito suscitar diversas reações dos espectadores. Embora eu tenha feito a descrição completa do clipe e disponibilizado no apêndice, acredito não ser preciso trabalhar mais do que essas três cenas, uma vez que as entendo como suficientes para encaminhar a discussão.

Cena 1: A primeira cena é um enquadramento de uma metrópole. Não se vê nenhuma casa ali. Os prédios têm sua pintura desbotada e as fachadas pichadas. As pichações dizem o nome do clipe e dos artistas no prédio do meio, além de dizeres como “racismo mata” e “abaixo a ditadura”. Nos prédios vizinhos outras mensagens dizem “la homofobia mata”, “a loucura move tudo”, “viva o povo”, “não é não” [e logo abaixo da frase o símbolo de luta feminista (a mão cerrada dentro do espelho de vênus)], e outros símbolos como o lésbico [dois espelhos de vênus juntos] e o triângulo do movimento gay. É dia, mas não se pode ter certeza se é manhã ou tarde. O tempo parece nublado e há muita névoa. A paleta de cores é composta por vários tons de cinza. Há algumas aeronaves e helicópteros voando por entre os prédios. Não há sinal de pessoas nas varandas dos prédios. O silêncio só é quebrado pelos barulhos das aeronaves que cortam o vento. A cena dura 7 segundos.

Na primeira cena, o clipe faz menções sobre o respeito à diversidade sexual e de gênero, combate ao racismo e defesa da democracia nas mensagens de pichação. A força das palavras e frases pichadas nos prédios da primeira cena não são exploradas ao longo do clipe; mesmo com a participação de Vittar, a questão do respeito à diversidade sexual e de gênero não aparece. O clipe só conta com a participação dos dois artistas o tempo todo. Entendo a ideia do ‘paraíso perdido’, da ilha deserta para viver a paixão a dois. Porém, as primeiras cenas se passam em uma metrópole, onde, supostamente, deveria haver uma grande população. A relação dos dois parece ser um segredo. O casal não pode ser visto em público? Lucco teria vergonha de apresentar sua ‘namorada’ *drag queen* aos amigos e familiares? Um clipe que evoca mensagens de luta dos movimentos sociais perdeu uma grande oportunidade de explorar esse contexto, o que torna, por fim, as frases vazias. O clipe, então, sugere que o suposto respeito à diversidade é mais uma tolerância com aqueles que são ‘diferentes’ ou ‘exóticos’. Junqueira (2013) situa essa suposta relação de respeito como uma relação vertical de permissão de existência em que o tolerante seria a benevolente pessoa que vive dentro das normas de condutas sexuais e de gênero e o tolerado seria a diferença a ser suportada.

As frases de pichação, embora carreguem enunciados de luta e resistência, no clipe, parecem estar tão apagadas quanto os tons de cinza da primeira cena. Metaforicamente, os prédios parecem simbolizar os armários dos quais as pessoas não ousam sair. E o motivo desse



medo talvez encontre eco em uma das frases que diz “*la homofobia mata*”. Como lembra Sedgwick (2007, p. 22), sair do armário não é uma passagem, uma questão de dentro ou fora, mas sempre um encontro imprevisível, cujas consequências não são possíveis apreender em sua totalidade, dando margem para imprevistos, os mais diversos.

Além disso, o silêncio da primeira cena que contrasta com as frases potentes, talvez indique que os escritos nos prédios, sejam os últimos recursos de resistência de uma metrópole autoritária, visto que algumas frases dizem “abaixo a ditadura” e “viva o povo”. Mas esse exercício de reflexão não encontra fôlego ao longo do clipe.

A cena seguinte só reforça a ideia de que o clipe não é tão engajado na luta das dissidências sexuais e de gênero, mas, antes, vale-se de suas bandeiras para sustentar a imagem do cidadão moderno, ‘de mente aberta’, na figura de Lucco.

Cena 2: eles se aproximam na parte da canção que diz “te beijo gostoso” e ele (Lucas Lucco) avança na direção dela (Pablo Vittar) segurando seu pescoço e no momento do toque uma transição de cenário. Nesse cenário ele ainda segura o pescoço dela e os dois estão de lábios semiabertos. Esse cenário, além do azul do céu e do mar, conta com folhagens verdes e as rochas ao redor dos artistas. A cena tem duração de 4 segundos.

Figura 5 - Lucas Lucco acaricia o rosto de Pablo Vittar



Fonte: YouTube (2019).

Ainda que o clipe gire em torno do tema da sensualidade entre os dois artistas, que poderiam estar representando dois personagens quaisquer, o beijo não acontece. O clipe foi muito polêmico na época de seu lançamento (janeiro de 2018) e gerou uma enxurrada de

comentários de ódio no canal do artista bem como um grande número de avaliações negativas (os “*deliskses*”). Até o momento da pesquisa (dezembro de 2018), o vídeo conta com 82 milhões de visualizações, 1,3 milhões de avaliações positivas (“*likes*”) e 467 mil avaliações negativas (“*deslikes*”). Possuindo 276.199 comentários.

Lucas Lucco é um artista do meio sertanejo. Mas, um sertanejo moderno (sertanejo universitário), que se difere do chamado sertanejo tradicional ou raiz. Esse meio musical, tanto o moderno quanto o tradicional, não conta ainda com um artista *gay* assumido de repercussão nacional, e a visão de homem nesse meio só permite que o mesmo tenha práticas sexuais heterossexuais e *performances* de gênero consideradas tipicamente masculinas. Nesse sentido, Lucco deu um passo considerado ousado (a partir do lugar de modelo de masculinidade que ele ocupa no meio artístico) e sentiu a fúria conservadora de boa parcela de seu público<sup>25</sup> enquanto que os fãs de Vittar sentiram falta de uma cena de beijo entre os dois. Nos cliques que Lucco fez contracenando com mulheres cisgênero ele faz par romântico, as mostra em público, as beija. Com Vittar, ele vive a ardente paixão, mas não a beija, não a apresenta em público. Curiosamente e, possivelmente sem querer, o clipe acaba por contar a história de muitas travestis e transexuais consideradas ideais para o sexo sem compromisso, mas inadmissíveis para o convívio social e vida pública.

Se a primeira cena diz que “*la homofobia mata*”, na segunda cena, parece que a solução encontrada para escapar da metrópole perigosa, foi fugir para o paraíso perdido para viver a ardente paixão. Mas é possível fugir para sempre? O que fugir tem a ver com resistir?

Figura 6 - Lucas Lucco se despindo sobre Vittar

---

25 Reações do público segundo o que eles mesmos deixaram registrado nos comentários.



Fonte: YouTube (2019).

Esse é o limite que Lucas Lucco pode suportar com a parceria artística. Ele sabe (ou receia) que ultrapassar esses limites poderiam pôr em risco sua carreira e sua imagem. E, mesmo com todo esse “cuidado”, foi alvo de muitas críticas. Contudo, se uma cena de beijo com a *drag* poderia ser muito comprometedora, as insinuações de sexo ficam bem claras tanto na letra da música quanto no vídeo, conforme mostrado na cena a seguir:

Cena 3: ela canta “sabe que eu gosto assim” na sequência mostra o rapaz tirando o casaco que está preso apenas pelos braços e se inclinando na direção dela que está deitada no sofá que alterna para uma cena no leito do rio na parte cantada pela *drag* “hoje eu vou até o fim” em que os dois trocam carícias e depois voltam para o sofá em novo ângulo que possibilita ver Vittar de joelhos dobrados, pernas abertas e Lucco por cima com a cabeça encostada no peito dela. Ela alisa a cabeça dele com as duas mãos. A sequência das 3 cenas tem duração de 7 segundos.

A mensagem que se passa através da representação masculina não tem nada de diversa, ao contrário, reforça estéticas e *performances* de gênero clichês. No clipe, Lucco tem seu corpo malhado bem exposto, e as escolhas de figurino deixam isso claro. A câmera captura bastante a imagem de sua calça de cintura baixa, com o pênis quase à mostra, mas em momento algum as filmagens valorizam suas pernas ou bunda. Há uma preocupação em interditar essas partes do corpo masculino e focar outras que transmitam a mensagem de virilidade. Os gestos do rapaz sobre Vittar também são de dominação, proteção e controle, na maioria das vezes. Vittar, por sua vez, ocupa um papel considerado tipicamente feminino no clipe, embora tenha cenas em que ela tome atitude ao chegar no rapaz e não ficar esperando que ele sempre se aproxime. A estampa que a *drag* usa em um de seus maiôs parece a folha de caládio – contorno

verde e centro rosado – talvez em alusão a Eva e Adão quando expulsos do paraíso tendo que recorrer às folhas para encobrir a nudez.

A sensualidade e a beleza são atributos ligados ao bronzeado das peles (que em alguns momentos são cobertas por *glitter* dourado), corpos malhados e cabelos descoloridos. Uma fórmula estética bastante conhecida, repetida e saturada, mas que ainda funciona bem no mercado audiovisual. Como disse Foucault "Fique nu..., mas seja magro, bonito, bronzeado!" (1986, p. 83). O escândalo da nudez, por vezes, tem perdão pela intervenção da beleza dos corpos.

Vale ressaltar que apesar das críticas, a cena três fecha algo que ficou em aberto nas duas outras cenas. A cena 3 revela que não foi preciso fugir para o paraíso para transar. Ali mesmo no apartamento, na perigosa metrópole, o ‘pecado’ acontece. E se o padrão de beleza desses corpos representa, por um lado, um privilégio que ‘abre portas de aceitação’, por outro lado, funciona como uma antiga estratégia comercial de capturar a atenção e o desejo de quem devora a cena, para deleite ou agonia. A cena três é uma vingança, uma provocação, uma afronta. O silêncio e isolamento da metrópole é rompido com a publicização desse clipe provocativo no *YouTube*. Sem imagens explícitas, apenas com sugestões, a cena três é uma das cenas que conduzem o espectador para criar seu próprio final, e o resultado dessa provocação pode ser visto nos comentários.

Outra contribuição teórica para pensar os vídeos no *YouTube*, e a forma como os internautas os recebem, vem com Elizabeth Ellsworth (2001), ao trabalhar o conceito de modos de endereçamento no cinema - ou seja, o que o filme (ou qualquer outro vídeo) pensa e espera do espectador. A autora se refere ao encontro do texto do cinema com o espectador como um evento, que acontece em um espaço sociopsíquico de interação, dos usos que o espectador faz do texto desse filme (ELLSWORTH, 2001, p. 13). A autora define modo de endereçamento da seguinte maneira: “o modo de endereçamento não é um momento visual ou falado, mas uma estruturação – que se desenvolve ao longo do tempo – das relações entre o filme e seus espectadores” (ELLSWORTH, 2001, p. 17). Ela lembra também que, segundo os estudiosos de cinema, o modo de endereçamento ‘convoca’ o espectador a assistir ao filme sob uma posição subjetiva específica (ELLSWORTH, 2001, p. 17).

Nesse sentido, talvez os *haters* dos comentários, foram convocados a ocupar a posição de Lucas Lucco e transar com Vittar, e por algum motivo, enfurecem-se. Não é difícil para um homem se identificar com Lucco, sua estética e performances são o que se espera de uma masculinidade hegemônica. É justamente a relação desse homem com a inclassificável figura de Vittar que pode disparar os comentários de ódio. Chamam Vittar de homem, de

mulher, de trans, de travesti, de veado e bicha. Mas não importa o que a artista é, porque enquanto arte e subjetividade, ela pode ser tudo isso e mais um pouco, ou então nada disso; é a dissidência inominável que irrompe em Vittar que perturba o frágil castelo de areia do ideal de masculinidade que esperam de Lucco, e o cantor, aceitando a parceria, é alvo dos mais diversos xingamentos.

Retomando as ideias de Ellsworth, a autora pondera que “a maneira como vivemos a experiência do modo de endereçamento de um filme depende da distância entre quem o filme pensa que somos e quem nós pensamos que somos, isto é, depende do quanto o filme ‘erra’ seu alvo” (ELLSWORTH, 2001, p. 20). Mas os modos de endereçamento não são únicos, eles podem ser múltiplos, além de negociáveis (ELLSWORTH, 2001, p. 21-23). Por exemplo, não é preciso que os modos de endereçamento tenham sempre a/o protagonista do filme como porta de entrada. Além disso:

[...] não importa quanto o modo de endereçamento do filme tente construir uma posição fixa e coerente no interior do conhecimento, do gênero, da raça, da sexualidade, a partir da qual o filme ‘deve’ ser lido: os espectadores reais sempre leram os filmes em direção contrária a seus modos de endereçamento, ‘respondendo’ aos filmes a partir de lugares que são diferentes daqueles a partir dos quais o filme fala ao espectador (ELLSWORTH, 2001, p. 31).

Essa ideia fica clara nos comentários do *YouTube* quando, se por um lado, o clipe convida a transar com Vittar, por outro, parte dos internautas recusa com veemência e agressividade. Contudo, essa recusa é difícil de compreender. Relações sexuais marginalizadas tendem a ser alvo de um discurso de desprezo no espaço público, mas no espaço privado das masturbações, por detrás das telas dos computadores exibindo vídeos pornôis, rende-se milhões de acessos e visualizações e movimentam a economia em escala global (PRECIADO, 2008, p. 36).

Ellsworth (2001, p. 36-37), recorda que não é tarefa fácil fazer uma leitura fílmica crítica e politizada sobre um artefato cultural que opera diretamente com nossos desejos e prazeres. Além disso, a autora revela “que as relações entre a forma como os textos cinematográficos endereçam seu público e a forma como os espectadores reais leem os filmes não são nítidas ou puras – elas tampouco são lineares ou causais” (ELLSWORTH, 2001, p. 40). O espaço de comentários do *YouTube* abre um pouco essa janela de possibilidade de partilhar as reações do vídeo assistido, e nesse sentido, as reações não guardam nenhuma linearidade ou polaridade. As reações nos comentários são as mais diversas.

Outra noção trabalhada pela autora, que parece contribuir com o objeto desta pesquisa, sugere que o endereçamento de um texto é “um evento poderoso, mas paradoxal, cujo

poder advém precisamente da diferença entre endereçamento e resposta” (ELLSWORTH, 2001, p. 42). O espaço dos comentários no *YouTube* ajuda a compor o próprio espaço dessa diferença, espaço que permite relatar o quanto desse texto converge/diverge sobre cada um/uma, muito embora nem todos se utilizem desse espaço, de modo que muitas pessoas assistem o vídeo e nada comentam.

Portanto, o modo de endereçamento consiste na diferença entre o que poderia ser dito – tudo o que é histórica e culturalmente possível e inteligível de se dizer – e o que é dito (ELLSWORTH, 2001, p. 47). Assim, longe das unanimidades que pouco dizem, é no espaço dessa diferença, presente nos comentários, que busco entender os enunciados em disputa a respeito das verdades do corpo, gênero e sexualidades em dissidências.

#### 4.1 PROBLEMATIZANDO OS COMENTÁRIOS

Entendo que a tarefa de analisar discursos na *internet* a partir de uma perspectiva foucaultiana, passa por um conflito de paradigmas do conhecimento, ou seja, transcendental versus histórico. Foucault (1984) diz que o exercício do pensamento que se constrói sobre aquilo que ele chama de ‘os três domínios’, (ou seja, saber, poder e ética, sobre a relação do ser com as coisas, sobre a relação do ser com os outros, e sobre a relação do ser com ele próprio), não precisa buscar universalidades metafísicas; a perspectiva histórica, ainda que guarde seus limites, oferece respostas que atendem, tanto quanto possível, o anseio por construções possíveis de liberdade - de pensar, de agir, de se (des)construir - sem promessas de conquistas definitivas de qualquer liberdade plena. O autor assume os limites desse pensamento quando diz que:

É verdade que é preciso renunciar à esperança de jamais atingir um ponto de vista que poderia nos dar acesso ao conhecimento completo e definitivo do que pode constituir nossos limites históricos. E, desse ponto de vista, a experiência teórica e prática que fazemos de nossos limites e de sua ultrapassagem possível é sempre limitada, determinada e, portanto, a ser recomeçada (FOUCAULT, 1984, p. 349).

Por outro lado, ainda que o filósofo francês assumia os limites desse pensamento, lança também suas contribuições para pensar a construção da subjetividade na história. É através da arqueologia e da genealogia que Foucault (1984) encontra condições para romper com o paradigma metafísico do sujeito na modernidade.

Nesse sentido, essa crítica não é transcendental e não tem por finalidade tornar possível uma metafísica: ela é genealógica em sua finalidade e arqueológica em seu método. Arqueológica - e não transcendental - no sentido de que ela não procurará deprender as estruturas universais de qualquer conhecimento ou de qualquer ação moral possível: mas tratar tanto os discursos que articulam o que pensamos, dizemos

e fazemos como os acontecimentos históricos. E essa crítica será genealógica no sentido de que ela não deduzirá da forma do que somos o que para nós é impossível fazer ou conhecer; mas ela deduzirá da contingência que nos fez ser o que somos a possibilidade de não mais ser, fazer ou pensar o que somos, fazemos ou pensamos. Ela não busca tornar possível a metafísica tornada enfim ciência; ela procura fazer avançar para tão longe e tão amplamente quanto possível o trabalho infinito da liberdade (FOUCAULT, 1984, p. 348).

Assim, é a partir dessa aposta ético-filosófica, que é também uma ruptura com um modelo clássico de pensamento, que se orienta esta pesquisa. De modo geral, aquilo que neste trabalho chamo de discurso(s) de ódio, faz emergir dos comentários do vídeo, respostas prontas, portadoras de certezas, corolário de uma suposta descoberta pela essência do corpo, do sexo, do gênero, do espírito e da mente humana.

Esse paradigma binarista, pautado em uma ‘ordem natural das coisas’ divide a espécie humana em duas categorias possíveis, normais e anormais. Sobre os anormais, Foucault diz que, historicamente (séculos XVI, XVII e XVIII), essa ‘grande família’ foi primeiramente entendida a partir de três grupos distintos: monstro humano, indivíduos a corrigir e onanistas (FOUCAULT, 2014). O monstro humano desafia a inteligibilidade jurídico-biológica da época. Ao tomar como exemplo os casos de hermafroditismo<sup>26</sup>, o autor ressalta a dupla infração desses monstros, contra a natureza e contra a lei. Alguns desses monstros que ousaram desrespeitar as normas sexuais e de gênero da época, foram poupados das penas mais severas graças à intervenção da medicina que tentava explicar sua condição ‘anormal’. Contudo, embora escapassem da morte do corpo, essas pessoas não poderiam viver suas dissidências. Os indivíduos a corrigir, ainda que não escapassem das imposições legais, sentiam menos o peso delas do que das técnicas de disciplina que buscava corrigir o corpo e o comportamento. Por fim, os onanistas eram crianças e adolescentes de famílias burguesas que eram diuturnamente vigiadas para não praticarem masturbação. Acreditava-se que essa ‘precaução’ era um cuidado com a saúde física e mental. A partir do século XIX, o filósofo localiza três fenômenos que mudaram o entendimento da anormalidade:

a construção de uma teoria geral da ‘degenerescência’, que [...] vai durante mais de meio século, servir de quadro teórico, ao mesmo tempo que como justificação social e moral, a todas as técnicas de identificação, de classificação e de intervenção sobre os anormais; a organização de uma rede institucional complexa que, nos confins da medicina e da justiça, serve, ao mesmo tempo, como estrutura de ‘acolhimento’ para os anormais e como instrumento de ‘defesa’ da sociedade; enfim, o movimento pelo qual o elemento mais recentemente surgido na história (o problema da sexualidade infantil) vai recobrir os outros dois, para tornar-se, no século XX, o princípio de explicação mais fecundo de todas as anomalias (FOUCAULT, 2014, p. 271).

Assim, Foucault demonstra que a anormalidade não foi uma descoberta, mas uma produção histórica que, ao mesmo tempo que produzia saber, produzia também sujeitos. Na rede, os comentários que buscam ‘explicar’ as verdades do sexo e do gênero a partir dos vídeos, também produzem subjetividades das mais variadas, embora não partindo dos mesmos lugares de enunciação. Cada comentário tem seu próprio ponto de enunciação, nunca fixo. Mesmo os diálogos e as brigas, demonstram que um mesmo internauta, ora ocupa uma postura cientificista, depois cristã, ou então cientificista e cristã, ao mesmo tempo em que ameaça a integridade física de seu interlocutor. Não seria possível estabelecer uma identidade fixa e coesa para essas pessoas, nem traçar um perfil do agressor ideal (ou potencial).

---

26 Os conceitos de hermafroditismo e intersexualidade encontram-se entrelaçados historicamente, funcionando em algumas civilizações como conceitos similares, ou o hermafroditismo sendo percebido como uma subcategoria da intersexualidade (CANGUÇU-CAMPINHO; BASTOS; LIMA, 2009, p. 1.152).



Quando me refiro aos agressores como *haters* (expressão inglesa que, dentre outras coisas, passou a designar as pessoas que manifestam seu ódio na *internet*), não quero dizer com isso que essa expressão seja sua identidade, intento chamar a atenção para suas práticas discursivas de ódio na rede.

Segundo os comentários de ódio que agrupei nesta pesquisa, outras ‘roupagens’ possíveis dessa configuração (normais x anormais), aparecem também em jogos duais como: são e doentes, desejáveis e abjetos, tradicionais e imorais, fiéis e pecadores, naturais e artificiais, conservadores e esquerdistas. Conforme se verá com mais detalhes adiante, mesmo os comentários que enfrentam esse ódio, também partilham do mesmo paradigma, ou seja, a preocupação em explicar uma identidade essencial, um destino, uma justificativa de que não se pode punir alguém por ‘nascer’ de determinada maneira. Esse paradigma de conhecimento é apoiado pela autoridade, tradição e prestígio de instituições como Religião, Lei e Ciência, mas não somente essas. A partir de uma perspectiva nietzscheana, Foucault escreve:

Não há uma natureza do conhecimento, uma essência do conhecimento, condições universais para o conhecimento, mas que o conhecimento é, cada vez, o resultado histórico e pontual de condições que não são da ordem do conhecimento. O conhecimento é um efeito ou um acontecimento que pode ser colocado sob o signo do conhecer. O conhecimento não é uma faculdade, nem uma estrutura universal. Mesmo quando utiliza um certo número de elementos que podem passar por universais, esse conhecimento será apenas da ordem do resultado, do acontecimento, do efeito (FOUCAULT, 2002, p. 24).

Portanto, ao tomar a instituição jurídica sob determinado recorte temporal, como um exemplo possível de práticas sociais, Foucault sinaliza o peso dessas práticas nos processos de formação das verdades e das subjetivações (FOUCAULT, 2002, p. 27). Posteriormente, analiso o rebatimento das instituições nos sete agrupamentos dos discurso de ódio (discurso de ódio explícito, discurso da moral conservadora, discurso da religião cristã, discurso da enfermidade mental, discurso naturalizador, discurso esquerdo-político e discurso da aceitação). Minha proposta de problematização desses comentários passa por um olhar diferente. As apostas éticas, conceituais e teórico-metodológicas das quais lanço mão, procuram oferecer uma perspectiva diferenciada do corpo, sexo, gênero e comportamento humano. Não mais a partir de descobertas definitivas ou verdades essenciais, antes, por modos possíveis de se constituir humano, sem os estigmas da anormalidade. Inspirado na leitura de Baudelaire, Michel Foucault (1985, p. 344) diz que “o homem moderno não é aquele que parte para descobrir a si mesmo, seus segredos e sua verdade escondida; ele é aquele que busca inventar-se a si mesmo” ainda que essa invenção seja um desafio atravessado pelas mais diversas negociações.

Assim, se é possível que outros modos de subjetivação desafiem a ordem vigente, nem por isso eles são menos legítimos e dignos de existir.

Portanto, ao tomar a instituição jurídica sob determinado recorte temporal, como um exemplo possível de práticas sociais, Foucault sinaliza o peso dessas práticas nos processos de formação das verdades e das subjetivações (FOUCAULT, 2002, p. 27). Posteriormente, analiso o rebatimento das instituições nos sete agrupamentos dos discurso de ódio (discurso de ódio explícito, discurso da moral conservadora, discurso da religião cristã, discurso da enfermidade mental, discurso naturalizador, discurso esquerdo-político e discurso da aceitação). Minha proposta de problematização desses comentários passa por um olhar diferente. As apostas éticas, conceituais e teórico-metodológicas das quais lanço mão, procuram oferecer uma perspectiva diferenciada do corpo, sexo, gênero e comportamento humano. Não mais a partir de descobertas definitivas ou verdades essenciais, antes, por modos possíveis de se constituir humano, sem os estigmas da anormalidade. Inspirado na leitura de Baudelaire, Michel Foucault (1985, p. 344) diz que “o homem moderno não é aquele que parte para descobrir a si mesmo, seus segredos e sua verdade escondida; ele é aquele que busca inventar-se a si mesmo” ainda que essa invenção seja um desafio atravessado pelas mais diversas negociações. Assim, se é possível que outros modos de subjetivação desafiem a ordem vigente, nem por isso eles são menos legítimos e dignos de existir.

Outro aspecto que interessa na pesquisa são as re(l)ações de enfrentamento, negociação e diálogo nesses comentários. A partir dos conceitos foucaultianos de enunciado, poder e resistência, penso como essas re(l)ações se operam em meu objeto, ou seja, como encarar esses discursos que cristalizam imagens degradadas das pessoas sexo-gênero dissidentes. Foucault (1985, p. 349-350) acredita que mais importante que buscar representações é perceber as possibilidades de reação a elas:

.Trata-se de tomar como domínio homogêneo de referência não as representações que os homens se dão deles mesmos, não as condições que os determinam sem que eles o saibam, mas o que eles fazem e a maneira pela qual o fazem. Ou seja, as formas de racionalidade que organizam as maneiras de fazer (o que poderíamos chamar de seu aspecto tecnológico), e a liberdade com a qual eles agem nesses sistemas práticos, reagindo ao que os outros fazem, modificando até certo ponto as regras do jogo (é o que poderíamos chamar de versão estratégica dessas práticas). A homogeneidade dessas análises histórico-críticas é assegurada, portanto, por esse domínio das práticas, com sua versão tecnológica e sua versão estratégica (FOUCAULT, 1985, p. 349-350).

Com isso, o filósofo marca como norteador não o signo, a palavra ou a ofensa, mas as condições que possibilitam que essa palavra possa ser lançada como tal, causando

determinadas consequências, operando relações de poder específicas. No caso deste objeto de pesquisa, não basta apenas identificar as palavras de ódio (embora para mim seja uma etapa necessária), mas principalmente, investir nas possibilidades de enfrentamento a elas.

Identifiquei que as disputa pelas verdades na rede, passam também por uma disputa de visualização, não bastando apenas ‘possuir a resposta correta ou verdadeira’ mas fazer a todo custo, que essa resposta seja visualizada, curtida, comentada, compartilhada e, se possível, viralizada. Cabe citar um caso interessante da pesquisa sobre um internauta que vasculha o perfil do interlocutor para obter informações para serem utilizadas contra ele nas discussões dos comentários. Assim, o espaço dos comentários no *YouTube* é um lugar possível para esses conflitos. Mas nem só de conflitos se operam esses diálogos. Alguns internautas em dissidência, preocupam-se em explicar seu ponto de vista a partir de suas próprias reflexões e experiências de vida.

Existem também os chamados ‘textões’, muito populares no *Facebook* e mais raros no *YouTube*. Esses ‘textões’ tratam de explicações (defesas de opinião ou ponto de vista) e relatos longos, de muitas linhas, uma ‘faca de dois gumes’ na rede, pois lida com um público acostumado com leituras mais curtas ou mesmo imagéticas, mas também permite tocar a sensibilidade e a reflexão do interlocutor, de modo que esse ‘textão’, pode se tornar viral na rede. Esse formato então possui basicamente esses dois destinos. No caso do canal da Pablla Vittar no *YouTube*, é recorrente a manifestação de internautas nos comentários pedindo aos fãs para curtir, comentar e compartilhar os vídeos para gerar visibilidade na rede para a artista. Essas são as armas usadas nos debates, mas a resistência na rede não se limita a isso. Muitas pessoas têm usado o espaço do *YouTube* para a produção de arte, conversas, debates, (in)formação e militância na luta contra o ódio.

#### 4.1.1 Comentários e suas verdades (des)construídas

Na sessão de comentários do *YouTube*, existe a possibilidade filtrar, avaliar, denunciar e responder os comentários. A filtragem (classificação) dos comentários podem ser divididas em dois tipos: ‘**principais comentários**’ (os que receberam muitas avaliações positivas) e os ‘**mais recentes**’ (que desconsideram as avaliações positivas ou negativas e são lançados mais recentemente). A classificação de ‘principais comentários’ permite visualizar os comentários de maior repercussão (marcados como ‘gostei’ ou ‘like’) e são mantidos no topo da seção. Os comentários com muitas avaliações negativas (‘não gostei’ ou ‘dislike’), embora

não sejam quantificados numericamente como os *likes*, são reconhecidos e registrados pelo sistema. Assim, perdem seu potencial de visualização para os comentários com mais *likes*, que ficam no topo da página.

Além disso, existe a opção de denunciar o comentário em cinco categorias: conteúdo comercial indesejado ou spam; material com conteúdo sexual e pornografia; abuso infantil; discurso de ódio ou violência explícita; assédio ou bullying. Por fim, os comentários podem ser respondidos, e a partir disso se desenvolver um diálogo (ou troca de ofensas). Ao trabalhar os comentários, levei em conta todas as ferramentas possíveis, com exceção das denúncias que não são públicas. Optei por usar os dois filtros, e não me limitei apenas aos comentários de maior repercussão, escolhi também alguns comentários de pouca repercussão por trazer enunciados diferentes daqueles contidos nos comentários mais populares.

A constelação discursiva que surge nos comentários de ódio são a respeito da genitália de Vittar, da suposta homossexualidade de Lucco, da anormalidade da homossexualidade, da defesa da moral conservadora, a identidade de gênero de Vittar, afeto gay como pornografia, extermínio gay, interdição aos direitos dos dissidentes sexuais, toxidade dos comentários do *YouTube*, afronta cristã, sexo reprodutivo, homofobia, aceitação da diferença, passividade sexual de Lucco, homossexualidade enquanto doença, apoio a Bolsonaro, comunismo, a ‘coragem’ de Lucco ao trabalhar com Vittar e o pecado da homossexualidade.

Com base nos comentários do videoclipe ‘Paraíso’ e também nos comentários do vídeo citado no início do texto sobre a modelo Thalita Zampirolli, percebo que as reações adversárias às pessoas dissidentes das normas sexuais e de gênero, poderiam ser alocadas em 7 grandes grupos distintos com base nos ‘argumentos’ utilizados: discurso de ódio explícito/ discurso da moral conservadora/ discurso da religião cristã/ discurso da enfermidade mental/ discurso da natureza biológica/ discurso esquerdo-político/ e discurso da aceitação. Esses 7 grupos de reações se legitimam a partir de ‘certezas’ que seus interlocutores acreditam defender.

Cabe citar também que esses discursos podem ou não se combinar entre si, podem ou não se manifestar isoladamente, podem até mesmo se excluir e aparecem nos mais diversos formatos como notícias, piadas, diagnósticos, campanhas, pregações, opiniões, comentários e tantas outras formas capazes fornecer ‘as molduras da verdade’. Essas formas de recombinações ou exclusões do discurso são entendidas por Foucault como princípio da descontinuidade em que “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 1999, p. 52-53).

Assim, essa organização desses sete grupos visa identificar os enunciados que emergem nesses discursos, as forças políticas que se tensionam a partir desses enunciados e como eles reverberam nas diversas subjetividades que as movimentam no jogo do poder. Quais verdades aparecem nos comentários? É possível resistir aos ataques discursivos? O que esse conflito tem produzido nos modos de se fazer humano?

Os sete grupos a seguir surgem a partir do tratamento dos dados, ou seja, dos comentários dos vídeos descritos nesta pesquisa. O tratamento desse material leva em conta seus enunciados, além de conceitos e categorias que me permitiram realizar uma análise do discurso foucaultiana. Nessa análise, busquei entender que os comentários de ódio sobre as dissidências sexuais e de gênero nos vídeos, só podem surgir a partir de contextos bem específicos, contextos esses que estão muito além do internauta que os lançou. Refiro-me às condições históricas de seu surgimento, relações e práticas sociais que produzem a trama do saber-poder, produções das inteligibilidades humanas e das estratégias de controle e resistência que moldam as subjetividades.

Ressalto que os sete grupos não são um quadro de referência universal sobre a totalidade das possibilidades discursivas a respeito das dissidências sexuais e de gênero na internet. Esses grupos – que surgem espontaneamente, cabendo-nos apenas o trabalho didático de dividi-los – são apenas algumas manifestações discursivas que surgem da reação dos vídeos assistidos e das conversas realizadas na sessão de comentários do *YouTube*. Certamente, ao usar outros vídeos como disparadores, outras conversas surgiriam, o que provavelmente traria rumos diferentes dos quais apresentamos. Assim, assumo os limites da pesquisa. Por outro lado, ressalto a importância desses resultados, uma vez que essa organização só foi possível graças à raridade dos enunciados que circundam o tema e da literatura de autoras e autores que me ajudam conceitualmente a entender o problema de pesquisa. Além disso, é a multiplicidade das instituições interessadas na produção discursiva a respeito do sexo, que me permitiram a dispersão em tantos grupos. Esse fenômeno fora observado por Foucault (1988):

A Idade Média tinha organizado, sobre o tema da carne e da prática da confissão, um discurso estreitamente unitário. No decorrer dos séculos recentes, essa relativa unidade foi decomposta, dispersada, reduzida a uma explosão de discursividades distintas, que tomaram forma na demografia, na biologia, na medicina, na psiquiatria, na psicologia, na moral, na crítica política (FOUCAULT, 1988, p. 35).

Como bem menciona Foucault, essa ‘explosão de discursividades distintas’ sobre a sexualidade (e gênero) que se constituíram historicamente enquanto saberes, retornam à rede como verdade finais, essências, origens e certezas sobre o corpo, o gênero e a sexualidade. Cada

grupo, cada enunciado, cada comentário lançado a esse respeito geram efeitos variados na rede e nos internautas.

#### 4.1.1 Grupo 1 – Discurso de ódio explícito

Esse grupo guarda uma diferença com relação aos seis grupos posteriores; o primeiro grupo é o único - até o momento - que possui alguma consolidação jurídica para ser enquadrado como crime, portanto, o discurso desse grupo é legalmente passível de ser interditado e punido.

Segundo Brugger (2007, p. 118) o discurso de ódio pode ser definido como “palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas”. O autor faz essa definição em uma perspectiva jurídica e criminal discutindo os limites da liberdade de expressão frente aos discursos de ódio, no ocidente.

Esse tipo de discurso na *internet*, quando denunciado às redes sociais, costuma ser rapidamente removido e seu autor punido de acordo com as diretrizes de cada rede social. Na esfera jurídica, contudo, não costuma ter o mesmo consenso e rapidez. Brugger diz que:

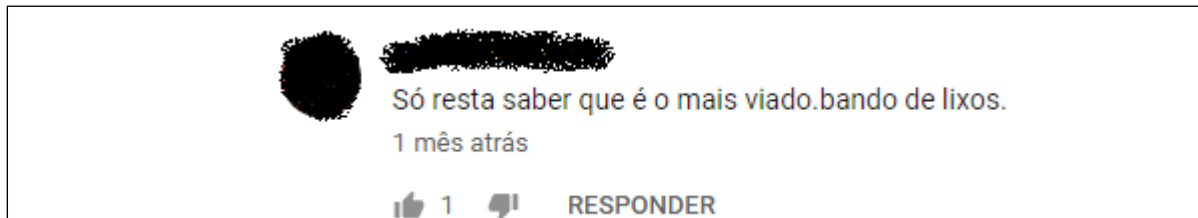
De modo geral, nem o direito constitucional moderno nem o direito internacional permite ou proíbe o discurso do ódio de maneira consistente. Na comunidade mundial, tal discurso às vezes é protegido, às vezes não. Entretanto, o discurso do ódio é muito mais protegido nos Estados Unidos do que na Alemanha, Europa, Canadá e na maioria dos países com constituições modernas. (BRUGGER, 2007, p. 118)

Essa dificuldade em delimitar o discurso de ódio, pode ser melhor entendida a partir da contribuição de Rosenfeld (2001) sobre a concepção do discurso de ódio na esfera jurídica. Rosenfeld (2001, p. 8), diferencia conceitualmente o ‘discurso de ódio na forma’ (*hate speech in form*) e o ‘discurso de ódio no conteúdo’ (*hate speech in substance*). O primeiro manifesta explicitamente a intenção do ódio enquanto o segundo faz isso de forma implícita, o que permite que o segundo caso constantemente escape às determinações jurídicas, por vezes, protegido sob alegações de liberdade de expressão, doutrina, fé, opinião, etc. Portanto, os seis grupos seguintes da minha divisão dos discursos de ódio, aproximam-se mais da segunda definição de Rosenfeld.

No caso do discurso de ódio explícito, os interlocutores acreditam possuir intrinsecamente algum(ns) atributo(s) de superioridade em relação àqueles que desejam atacar; talvez o caso histórico mais emblemático seja o discurso da suposta superioridade da raça ariana

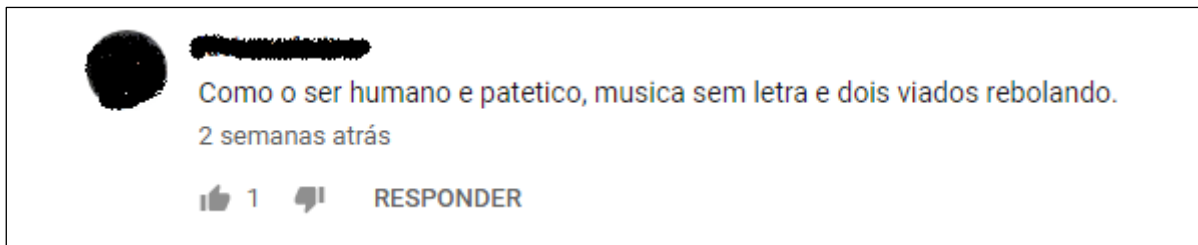
sobre as demais. O estigma de inferioridade de certos grupos (judeus, negros e homossexuais) produzido por esse momento nefasto da história, retorna à *internet* na forma de comentários (Fig. 7, 8 e 9) de ódio, conforme os exemplos extraídos da pesquisa:

Figura 7 - Comentário de internauta



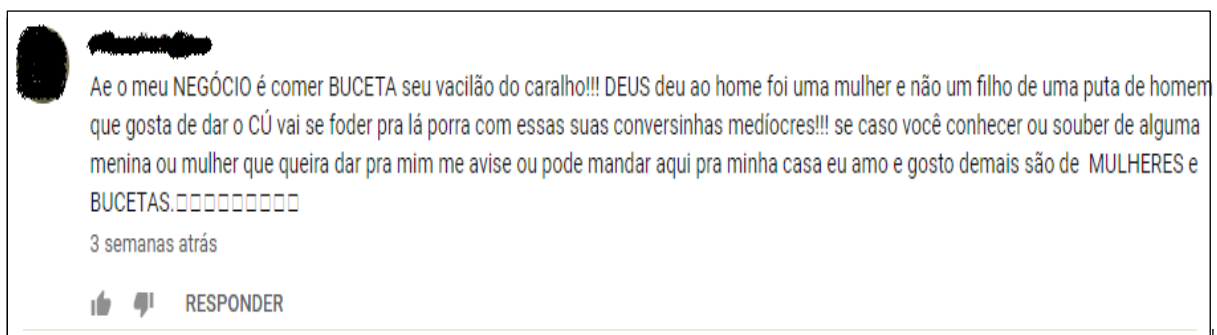
Fonte: YouTube (2019).

Figura 8 - comentário de internauta



Fonte: YouTube (2019).

Figura 9 - comentário de internauta



Fonte: Youtube (2019).

A banalidade como o discurso de ódio contra os dissidentes sexuais e de gênero circula na rede tem uma particularidade que outras formas de discurso de ódio não têm, é a produção de um “excesso de significados” em torno do sexo, como nos diz Rubin (2017, p. 82). Parece-me que quando se fala de sexo e gênero é possível dizer qualquer coisa e sempre mais, em um contexto que, definitivamente, quantidade não é sinônimo de qualidade. Diferente de outras formas de discurso de ódio que partem ao ataque àquilo que está localizado no corpo

desde o nascimento, as dissidências parecem não se localizar, mas fugir de um roteiro previsto para o corpo. Fugir de uma norma pelos usos não ortodoxos dos corpos nas buscas dos prazeres sexuais e estéticos. Usos que Vittar se vale na composição de sua *drag* e nas insinuações sexuais do clipe, imagens que abalam certos internautas que manifestam seu ódio nos comentários.

A reportagem de Varella (2016) demonstra que “só 14% dos internautas se dizem homofóbicos, mas 49% mostram comportamento homofóbico na rede”. Outros dados da pesquisa que a reportagem mostra também são importantes serem citados:

Parcelas relevantes, embora minoritárias, responderam que a homossexualidade não é natural e deveria ser combatida (19%, cerca de um em cada cinco) e que a família deveria ser formada por um homem e uma mulher (33%, ou um em cada três). Diante da situação hipotética de um filho homossexual, 44% afirmaram que tentariam ajudar e, se não fosse possível, fariam de tudo para aceitar (uma manifestação homofóbica, mesmo que bem-intencionada), 10% que iriam buscar ajuda médica ou espiritual ‘até conseguir trazer o filho de volta’, 3% que teriam dificuldade em aceitar e provavelmente romperiam relações e 2% acreditam que ‘seria o fim de suas vidas’. No campo oposto, 41% afirmaram que o ato não mudaria em nada a relação com o filho (VARELLA, 2016).

Por outro lado, esses comentários de ódio geram de imediato dois efeitos positivos na mídia e na sociedade: 1- esses comentários levantam debates importantes e não deixa esquecer que essas questões não foram superadas e que são necessárias serem debatidas no cotidiano da rede e fora da rede. 2- Esses discursos mobilizam correntes e campanhas na rede em defesa dos grupos agredidos. Essas campanhas ganham força à medida que o comentário de ódio ganha repercussão. Cabe citar que, esses aspectos positivos guardam certo oportunismo de grande parte da população, empresas e instituições, uma vez que essa postura já é prevista em lei e não se trata de um grande esforço aderi-la, mas apenas uma obrigação a cumprir. Esse é um caminho fácil, pois foge das polêmicas dos discursos de ódio implícitos (*hate speech in substance*). Assim, essa postura que não é um favor, mas um dever, aparece como ‘camaradagem’ daqueles que buscam promover a imagem de sua empresa, de seu partido político, de sua imagem pessoal, etc.

Ainda que o discurso de ódio explícito seja passível de interdição e punição legal, se o alcance e efetivação desse mecanismo jurídico tarda em cumprir seu dever (ou então não cumpre seu dever), até lá, a situação é mediada apenas pelas relações de poder entre os envolvidos e pelas redes de ajuda e solidariedade que vão se formando em decorrência do evento e posteriormente se desfazendo após o evento. Por exemplo, nas relações entre chefes e subordinados ou entre os ‘valores’ de uma empresa que são contrários aos valores do funcionário, há que se pensar bem nas consequências de uma denúncia. Exemplos similares se



encontram em outras instituições como família, escola, comunidade religiosa, hospitais, entre outras, no sentido de ocupar uma posição subordinada nessas instituições, silenciar-se diante dos discursos mais extremos, torna-se necessário para garantir a sobrevivência, a formação, a segurança, o reconhecimento e a proteção. Portanto, as relações de poder entre as pessoas, ramificam-se também pelas brechas e limitações da Lei. Mesmo havendo uma lei, ela por si só não oferece todas as garantias de proteção, é preciso mobilizar uma rede de apoio para acessar à denúncia e lidar com o que vem após a denúncia. Esse entendimento encontra suporte em Butler (2015), ao trabalhar o tema da precariedade.

A precariedade implica viver socialmente, isto é, o fato de que a vida de alguém está sempre, de alguma forma, nas mãos do outro. Isso implica estarmos expostos não somente àqueles que conhecemos, mas também àqueles que não conhecemos, isto é, dependemos das pessoas que conhecemos, das que conhecemos superficialmente e das que desconhecemos totalmente. Reciprocamente, isso significa que nos são impingidas a exposição e a dependência dos outros, que, em sua maioria, permanecem anônimos (BUTLER, 2015, p.31).

Além de lembrar da importância da vida em sociedade como interdependência mútua, Butler (2015) também menciona que recorrer ao Estado (neste caso à Lei enquanto faceta do Estado) é consequência de precariedades que o próprio Estado produz sobre as pessoas. Se os movimentos sociais, por décadas, reivindicaram legislações que os protegessem dos discursos de ódio, ameaças e agressões verbais, foi porque o Estado foi permissivo na estruturação do acesso à educação, trabalho, renda, moradia e direitos que privilegiaram a minoria masculina, branca, cisgênera, heterossexual e cristã. Essas interseccionalidades unidas, compõem o perfil, ou melhor, a média dos representantes dos três poderes da República brasileira. E se a justiça tem tomado medidas punitivas contra o ‘discurso de ódio na forma’ não é por conta de mudança das mentalidades benevolentes que a compõem.

Foucault (2014, p. 127) diz que o abrandamento das punições não significa uma evolução moral na forma como tratamos os criminosos, antes uma eficiência no gerenciamento dos corpos, do tempo e da energia que se pode aproveitar deles nas relações de poder. No caso dos discursos de ódio, tenho visto que a forma de sua punição se manifesta mais sob formas de multas, indenizações e retratações públicas do que um encarceramento. O que para mim, significa uma importância da esfera econômica no tratamento desses discursos. De outro modo, pune-se em dinheiro, protege-se por dinheiro. Uma proteção jurídica de nichos de mercado

emergentes expressos (por exemplo) pelo *pink money*<sup>27</sup> e *black money*<sup>28</sup> e pela *pink tax*<sup>29</sup>. O *pink money* se trata do poder de consumo das pessoas sexo-gênero dissidentes, o *black money* do poder de compra dos negros e a *pink tax* se refere ao valor de até 12,3% que as mulheres pagam a mais nos mesmos produtos de versão masculina.

O mercado aprendeu rapidamente a ‘vender representatividade’ em seus produtos. Assim, nos tempos atuais, o discurso de tolerância, diversidade e representatividade nada mais é que manifestações estratégicas do casamento entre Estado e mercado, que se sustentam mutuamente. A suposta proteção estatal na interdição desses discursos, mais do que preocupada com a ‘dignidade da pessoa humana’, está assegurando proteções – juntamente ao mercado – de clientelas em ascensão.

Por fim, um fato curioso. A despeito de todas as críticas feitas sobre as limitações e oportunismos da legislação que inibe a produção do discurso de ódio explícito, cabe ressaltar que, no objeto, não vi nenhum comentário relacionando as dissidências sexuais e de gênero como crime. Não vi nenhum comentário com teor como ‘lugar de viado é na cadeia’; nada remotamente parecido. Embora haja sim (a exemplo do beijo gay na mídia<sup>30</sup>), uma linha discursiva conservadora que tente relacionar o afeto dissidente como imoral, portanto, atentado ao pudor, portanto, crime, mas não neste objeto. Se em um determinado momento da história, os dissidentes eram encarcerados e enclausurados por conta de suas práticas, hoje, são os ‘odiadores’ que precisam rever o que dizem e escrevem a respeito dos dissidentes, ao menos no ocidente. A mudança do trato jurídico sobre esses discursos, tem alterado as formas de produção discursiva dentro e fora da rede. É muito complicado ocupar uma posição discursiva que defenda o retorno do encarceramento de uma população quando o olhar jurídico inverteu sua lógica sobre quais as práticas precisam ser punidas e quais precisam ser protegidas. Inspirado pelos conceitos de Foucault e Deleuze, Miskolci (2007) entende que esse tipo de mudança nada mais é do que a passagem de uma sociedade disciplinar para uma sociedade de controle.

Conquistas como a do movimento anti-psiquiátrico, a despatologização de certos comportamentos assim como sua descriminalização são resultado desse processo de substituição da disciplina pelo controle. Ao invés de tratar ou prender, a sociedade

27 Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/noticias/investidores/20130531/poder-pink-money/3262>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

28 Disponível em: <<https://movimentoblackmoney.com.br/quem-e-o-mbm/>>. Acesso em 23 nov. 2019.

29 Disponível em: <<https://financasfemininas.com.br/pink-tax-produtos-para-mulheres-sao-mais-caros-que-os-para-homens/>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

30 E mesmo para quem tente associar o afeto dissidente à imoralidade, tem ficado cada vez mais difícil sustentar essa falácia, como demonstrou a Bienal do livro do Rio de Janeiro de 2019, em que a tentativa de censurar publicações de conteúdos dissidentes gerou exatamente o efeito oposto, um *boom* de vendas, apoio e visibilidade midiática nacional e internacional.

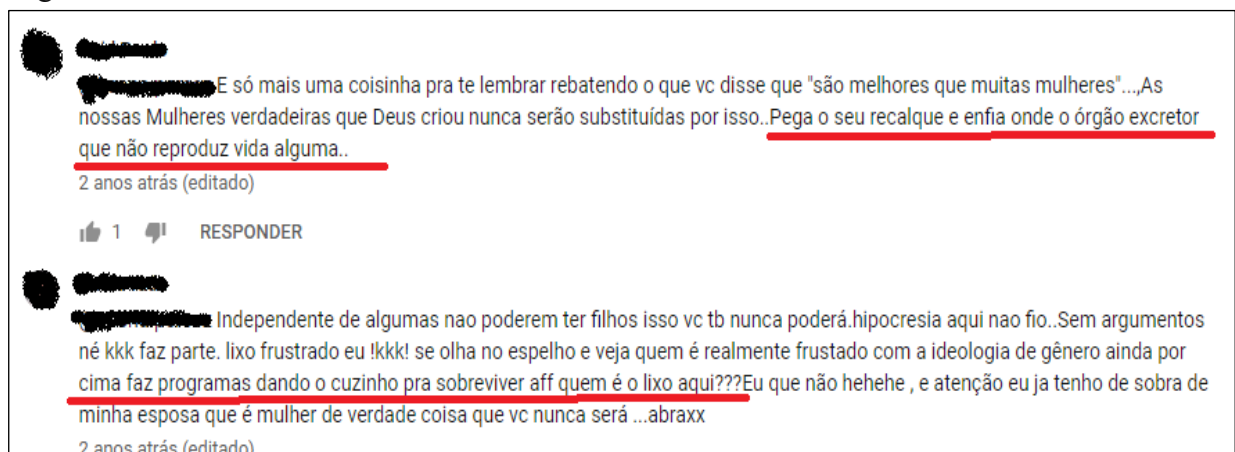
encontra meios de controlar aqueles cujos estilos de vida supostamente ameaçam a normalidade social (MISKOLCI, 2007, p. 113).

Os próximos grupos, por se tratarem de ‘discurso de ódio na substância’ (ou conteúdo) (*hate speech in substance*) não contam com a mesma intervenção jurídica do grupo anterior. Portanto, esses grupos guardam os embates mais explosivos e ‘polêmicos’, sua regulação fica a cargo da postura ética dos próprios internautas e também das posições discursivas e relações de poder que permitem as respostas, argumentos e silêncios de cada um na rede. A possibilidade de surgir tantos grupos produtores de discurso de ódio (ainda que implicitamente), que não sofrem intervenção jurídica, alia-se com a ideia de Foucault sobre a transformação histórica das relações de poder, em que, na modernidade, o direito tem se tornado apenas uma instância de poder dentre tantas possíveis.

E se é verdade que o jurídico pôde servir para representar, de modo sem dúvida não exaustivo, um poder essencialmente centrado na coleta e na morte, ele é absolutamente heterogêneo com relação aos novos procedimentos de poder que funcionam, não pelo direito, mas pela técnica, não pela lei mas pela normalização, não pelo castigo mas pelo controle, e que se exercem em níveis e formas que extravazam do Estado e de seus aparelhos. Entramos, já há séculos, num tipo de sociedade em que o jurídico pode codificar cada vez menos o poder ou servir-lhe de sistema de representação (FOUCAULT, 1988, p. 86).

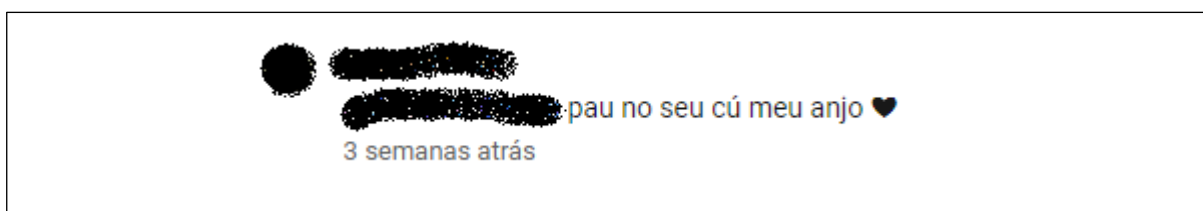
Um adendo que vale ressaltar nessa etapa discursiva das mensagens de ódio é o uso do cu como insulto, ofensa e vergonha no espaço dos comentários. Mas o uso do cu neste objeto não é mera abstração, não é uma ofensa qualquer, esses cus emergem das dissidências dos corpos, sexualidades e gêneros nos vídeos. Abaixo (Fig. 10, 11 e 12), cito algumas discussões entre internautas que discutiam se Thalita é ou não ‘mulher de verdade’ e ao final da ‘conversa’ acabam por se ‘ofender’ e nas figuras 11 e 12 discussões anais nos comentários do clipe:

Figura 10: comentários de internauta



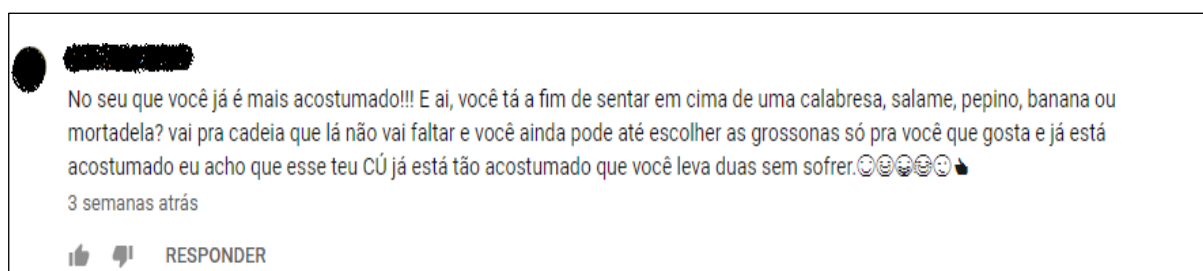
Fonte: YouTube (2019).

Figura 11: comentário de internauta



Fonte: YouTube (2019).

Figura 12: comentário de internauta



Fonte: YouTube (2019).

Essa ‘devolutiva’ do cu é explicada historicamente por Sáez e Carrascosa (2016) da seguinte maneira:

O interessante do cu é que sempre é o do outro, do estrangeiro. Na tradição europeia, sobretudo na espanhola, isso de cu é coisa de mouros. Para os árabes, são os europeus que vão lá pedir para serem enrabados. [...] Sempre é o povo ao lado que pratica sodomia, nunca é algo próprio da sua ‘nação’ ou da sua cultura. Na Idade Média, castigava-se a sodomia por ser algo próprio dos infiéis, dos povos muçulmanos (SAÉZ; CARRASCOSA, 2016, p. 44-45).

Segundo Sáez e Carrascosa (2016), “o cu é o grande lugar da injúria, do insulto” (p.27) como lugar social de abjeção. Os autores dizem que essa ofensa está ligada à passividade e à feminilidade, ao dar o cu, visto que a posição de atividade – penetrar o cu – é considerada uma posição de poder e virilidade (p. 29). Os autores defendem que mais que uma questão de ofensa, o cu é um dispositivo que regula a vida, além de uma questão política:

No gênero também se produz por meio da regulação do cu e que, de fato, o acesso ao ‘humano’ também tem relação com essa questão, na medida em que o sexo anal pode acarretar nada mais nada menos que a morte em oito países do mundo, e a prisão em mais de oitenta. Se isso não é um dispositivo que decide sobre a humanidade das pessoas, que nos deem outro exemplo melhor (SAÉZ; CARRASCOSA, 2016, p. 73).

Mas os autores não descrevem apenas os estigmas que rondam o cu, eles apostam em uma reviravolta política onde o cu possa ocupar um protagonismo poderoso. Baseados na leitura de Paco Vidarte, através de sua última obra publicada em vida, *Ética bicha*, os autores

apoiam a ideia de Vidarte sobre um *modus operandi* ao estilo do buraco negro, ou seja, sugar tudo que interessa sem se preocupar em retribuir nada ao sistema regulatório de sexo/gênero (SAÉZ; CARRASCOSA, 2016 p. 76). Além disso, outra estratégia defendida pelos autores seria a resignificação do cu como algo positivo, motivo de orgulho, da mesma forma como expressões como bicha, sapatão e *queer*, o cu poderia deixar de ser apenas ofensa se fosse resignificado positivamente (SAÉZ; CARRASCOSA, 2016, p. 160-131). Preciado (2014) também aposta na potência política e subversiva do cu quando diz que:

O ânus apresenta três características fundamentais que o transformam no centro transitório de um trabalho de desconstrução contrassexual. Um: o ânus é o centro erógeno universal situado além dos limites anatômicos impostos pela diferença sexual, onde os papéis e os registros aparecem como universalmente reversíveis quem não tem um ânus?). Dois: o ânus é uma zona primordial de passividade, um centro produtor de excitação e de prazer que não figura na lista de pontos prescritos como orgásticos. Três: o ânus constitui um espaço de trabalho tecnológico; é uma fábrica de reelaboração do corpo contrassexual pós-humano. O trabalho do ânus não é destinado à reprodução nem está baseado numa relação romântica. Ele gera benefícios que não podem ser medidos dentro de uma economia heterocentrada. Pelo ânus, o sistema tradicional da representação sexo/gênero vai à merda. (PRECIADO, 2014, p. 32).

Assim, os autores citados demonstram que dar o cu – mais que uma expressão ultrapassada de tentativa de ofensa – constitui-se em oportunidade de experimentar prazeres egoístas, no sentido de não ter compromisso com nenhuma ordem, sistema ou regra social de sexo e gênero. Além disso, o puro gozo dessa relação trai o capital duas vezes, a energia e o suor do corpo não se convertem em lucro para o capital, não há aí sublimação das potências sexuais no trabalho, mas em prazer da realização do ato sexual. E nessa relação não se produz novos trabalhadores para o mercado. Preciado (2014, p. 32) lembra que os “trabalhadores do ânus são os novos proletários de uma possível revolução contrassexual”.

#### 4.1.3 Grupo 2 – Discurso da moral conservadora

Na impossibilidade de denunciar as dissidências como crime, outras estratégias são tomadas pelas parcelas conservadoras da sociedade para tentar conter outras formas de expressão de sexualidade e gênero fora da norma. “Um exemplo é a descriminalização da homossexualidade, que obrigou àqueles que gostariam de denunciá-la como imoral a encontrar outras formas, dentre as quais se destaca o ressurgimento do temor da pedofilia” (MISKOLCI, 2007, p. 114). Assim, a associação das dissidências sexuais e de gênero às práticas de pedofilia, seria um dos últimos recursos dos conservadores para tentar encarcerar e, ao mesmo tempo, desmoralizar um segmento social. Rubin (2017) adverte que essa tática não é novidade. “Ao

longo de mais de um século, nenhuma tática para incitar a histeria erótica tem se mostrado mais eficiente que o apelo à proteção das crianças” (RUBIN, 2017, p. 70). Como veremos com mais detalhes no grupo seis, a imagem de Vittar foi associada à ‘propaganda sexualizadora das crianças’. “Os pânicos morais exprimem de forma culturalmente complexa as lutas sobre o que a coletividade considera legítimo em termos de comportamento e estilo de vida” (MISKOLCI, 2007, p. 111). Inspirada pelo conceito de Jeffrey Weeks, Rubin (2017) diz que

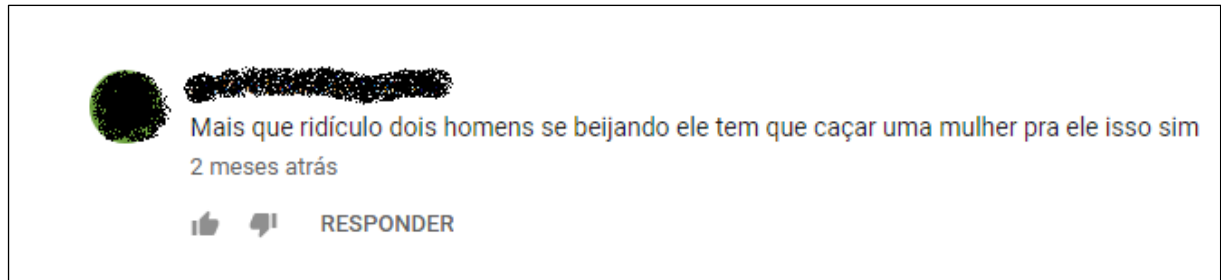
Os pânicos morais são o ‘momento político’ do sexo, durante o qual atitudes difusas são canalizadas na forma de ação política e, a partir disso, de transformação social. A histeria quanto à escravidão branca na década de 1880, as campanhas contra os homossexuais na década de 1950 e o pânico com relação à pornografia infantil no fim da década de 1970 são exemplos típicos de ‘pânico moral’ (RUBIN, 2017, p.109).

Assim, é pelo conceito de pânicos morais que entendo o ‘desespero’ do grupo 2. Embora a autoria do termo pertença a Stanley Cohen, o qual trouxe à tona o termo nos anos 60 para trabalhar questões relacionadas à reação da mídia e opinião pública sobre os desvios das normas sociais de um modo geral (MISKOLCI, 2007), optei por utilizar o entendimento de Richard Miskolci (2007) quando define pânicos morais como “mecanismo de resistência e controle da transformação societária, aqueles que emergem a partir do medo social com relação às mudanças, especialmente as percebidas como repentinas e, talvez por isso mesmo, ameaçadoras” (MISKOLCI, 2007, p. 103). A escolha por Miskolci ocorre pela articulação que ele faz desse conceito com relação ao casamento *gay*. O autor defende que, se por um lado, o movimento social das pessoas em dissidência já foi considerado uma ameaça às instituições da família e do casamento, a excessiva importância desse movimento na luta pela garantia de direitos como casar e formar família se revela uma armadilha, captura de um modo de vida regulado e normativo.

O discurso da moral conservadora se ancora na tradição e nos costumes de comportamentos e práticas sexuais e de gênero estritamente heterossexuais e heteronormativas pela simples ‘força do hábito’, ou seja, pela tradição cultural, por aquilo que uma determinada cultura entende como papel social do homem e da mulher (desde o comportamento em público até as práticas sexuais privadas). Essas afirmações reivindicam que há um padrão ‘normal’ de boa conduta social; seguem as normas sem questioná-las por não conseguirem enxergar que são construídas e usadas na manutenção das desigualdades sociais ou, valem-se dessas normas deliberadamente para a manutenção de privilégios de um grupo sobre outro.

Exemplo de grupo 2 (Fig. 13): comentário se refere provavelmente à suposta necessidade de Lucco em ‘trocar’ Vittar por uma mulher:

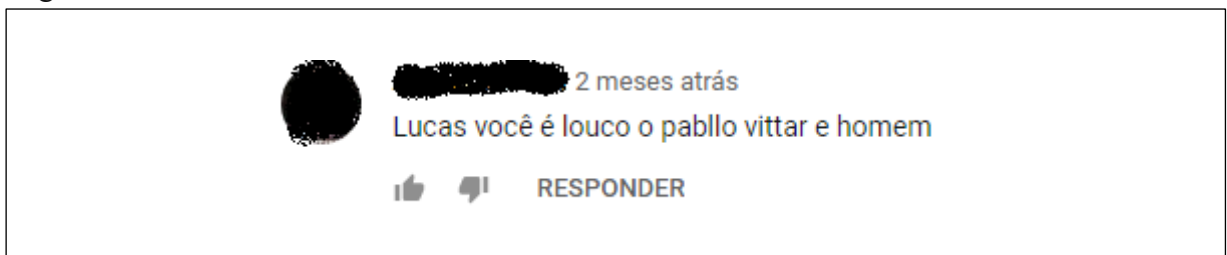
Figura 13: comentário de internauta



Fonte: YouTube (2019).

Curiosamente a pessoa se indigna por um fato que não ocorreu no clipe, o beijo. Talvez o clipe tenha produzido essa sensação nessa pessoa. Não há aqui uma justificativa para a suposta necessidade dele (Lucco?) “caçar” uma mulher... Ou, talvez, a justificativa seja que a relação erótica entre dois homens seja algo ridículo. Outras versões muito parecidas dessa frase diriam, “não é correto que dois homens se beijem”. Já o comentário abaixo (Fig. 14) parece expressar um espanto na relação dos dois artistas:

Figura 14: comentário de internauta



Fonte: YouTube (2019).

Surpresa, espanto, indignação. Esse grupo de comentários se choca com uma relação fora da norma, expressa o espanto, mas não se digna a explicar o motivo formalmente. O espanto é assim tão evidente que dispensa explicações? Assim, compreendo que o valor de verdade que esse grupo de comentários carrega é a indignação com a anormalidade da relação homossexual e que, por algum motivo que não emerge, o homem é feito para a mulher e a mulher é feita para o homem, qualquer configuração de relação para além disso é aberrante, ridícula e “louca”. Há uma escandalização, uma produção de pânico moral nesses tipos de discursos como já dissera Rubin (2017).

Sem entrar no mérito - ao menos por enquanto - de quão capturada pelo mercado e esteticamente padronizada é a constituição da *drag queen* performada por Phabullo Rodrigues da Silva (Pablo Vittar), o fato é que suas performances ainda provocam reações de pânico

morais, sua imagem constitui para alguns uma ameaça às relações heterossexuais. A esse respeito, Miskolci (2007) considera que:

Por trás dos temores de degeneração sexual residia o medo de transformações profundas em instituições como a família. Considerava-se que a então chamada ‘inversão sexual’ constituía uma ameaça múltipla: à reprodução biológica, à divisão tradicional de poder entre o homem e a mulher na família e na sociedade e, sobretudo, à manutenção dos valores e da moralidade responsáveis por toda uma ordem e visão de mundo (MISKOLCI, 2007, p. 105).

É o temor da mudança de uma visão de mundo, da mudança nas relações sociais que regem a superioridade masculina sobre a feminina, que parece assustar alguns internautas. As transformações profundas ainda não chegaram, mas é impressionante como um par de saltos e uma peruca tem o poder de tirar alguém do sério.

Rubin (2017, p. 109), alerta que “os pânico morais raramente aliviam um problema real, visto que se voltam a quimeras e significantes. Eles se aproveitam da estrutura discursiva preexistente de modo a inventar vítimas que justifiquem o tratamento dos ‘vícios’ como crimes”. A autora fala a partir de sua realidade, de um contexto norte-americano nas últimas décadas do século XX. Além disso, Rubin (2017) ressalta a dimensão propositiva dos pânico morais, ou seja, a capacidade da sociedade civil em pressionar o estado para medidas de controle e punição. Essa não é a realidade do contexto brasileiro do início do século XXI. Como visto no grupo 1, na maior parte das vezes, as medidas de controle e punição não recaem mais sobre os dissidentes, agora elas são aplicadas sobre os agressores dos dissidentes. Ademais, os pânico morais que surgem em meu campo de pesquisa não têm essa dimensão propositiva, eles param no nível da escandalização. Por outro lado, há quem proponha uma libertação espiritual dessa ‘vida de devassidão’.

#### **4.1.4 Grupo 3 – Discurso da religião cristã**

Não por acaso esse grupo ocupa uma posição muito especial nos debates acadêmicos dos discursos de ódio contra as dissidências sexuais e de gênero. A instituição cristã aglutina em torno de si várias esferas da vida social, mas mais que isso, orienta as esferas da vida social em torno de um ideal de cristandade. Ainda que nem sempre seja uma força determinante, certamente influencia as respostas de como outras instituições se posicionam tanto na vida pública quanto privada. Família, casamento, escola, política, legislação e cultura são alguns exemplos desses atravessamentos.



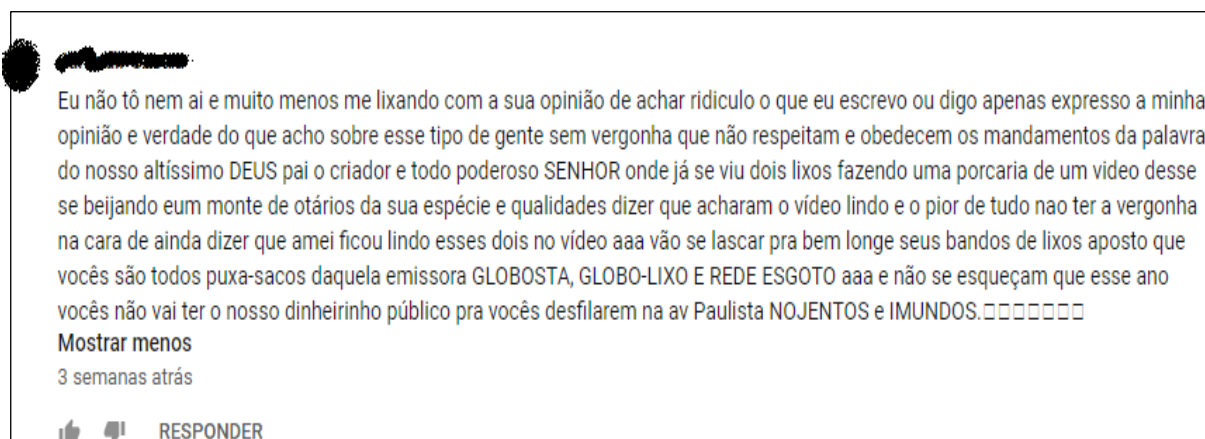
Seu lugar privilegiado de determinação da vida social só encontrou resistência a partir do momento histórico da formação de um Estado laico, ou melhor, da luta pela laicidade do Estado, luta essa que continua. Mas nem mesmo o princípio da laicidade do Estado impede que a instituição religiosa cristã seja uma ameaça para outros projetos de vida destoantes. Pierucci (1999), chama essa reação de integrismo. Segundo a definição do autor “Integrista é aquele que pretende abolir a separação entre religião e Estado, entre a revelação e o direito (PIERUCCI, 1999, p. 192).

Além disso, o autor também localiza esse conceito na proximidade entre catolicismo e extremismo islâmico na aversão pelo estado moderno em retirar a centralidade da religião da esfera pública – ainda que sua liberdade na esfera privada seja garantida. Outra distinção importante na obra de Pierucci (1999) se trata da diferenciação entre integrismo e fundamentalismo religioso. O autor explica que as raízes do primeiro são católicas e o segundo caso nasce no seio do protestantismo anglo-americano (PIERUCCI, 1999, p. 193). Apesar desses termos por vezes serem utilizados como equivalentes ou sinônimos, Pierucci (1999) cita a importância de diferenciar tais conceitos por conta de sua especificidade histórica, geográfica, teológica e pelos seus objetivos finais. Enquanto o integrismo visa principalmente o poder político, o fundamentalismo ambiciona ocupar os espaços de construção do conhecimento como escolas e universidades (PIERUCCI, 1999, p. 195).

Apesar de reconhecer a importância do trabalho do autor, cabe citar que sua análise se volta para o contexto da Europa e América do Norte no fim do século XX. Atualmente, no caso brasileiro, ocorre justamente o contrário. Não há uma bancada católica no Congresso, mas protestante. As mudanças que os fundamentalistas querem para a educação - valorizar as explicações teológicas em detrimento das científicas – encontram na política institucional suas principais condições de efetivação.

Influente na política, maioria na sociedade civil e hegemônica na cultura nacional, a instituição religiosa cristã ainda é uma das principais usinas produtoras de discurso de ódio contra as pessoas dissidentes. Evidentemente, não me referimos à Igreja como a sede do mal que precisa ser destruída; estou falando das posições discursivas que se pode ocupar a partir de um, já existe, discurso religioso. Não é preciso ser religioso para ocupar momentaneamente esse lugar discursivo. Como visto no campo de pesquisa, é possível, ao mesmo tempo, exaltar a Deus e ofender os irmãos dissidentes no mesmo comentário (Fig. 15).

Figura 15: comentário de internauta



Fonte: YouTube (2019).

Embora recentemente (13/06/2019), o Supremo<sup>31</sup> Tribunal Federal tenha equiparado os crimes de homofobia e transfobia ao crime de racismo, ainda fica resguardada a liberdade religiosa na produção de discursos contrários às dissidências sexuais e de gênero desde que não se constituam pela forma odiosa (*hate speech in form*). No comentário transcrito anteriormente essa regra não foi respeitada, até porque o comentário foi lançado na *internet* antes da decisão do STF. Não que a criminalização impeça automaticamente a produção do discurso de ódio na rede, mas havendo a regulamentação judicial há quem se abstenha de fazê-lo por temer a penalidade, e aos que transgredirem a determinação, podem responder criminalmente.

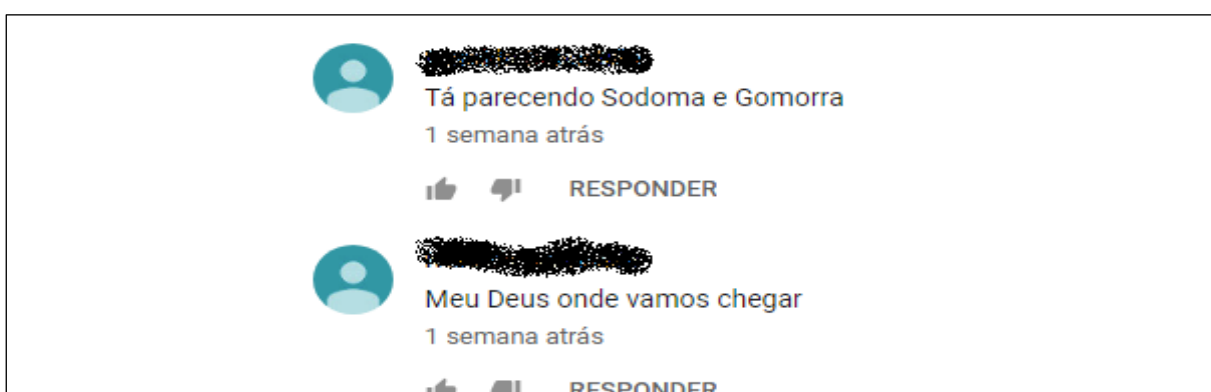
Contudo, neste grupo que agora analiso, o que interessa é justamente a liberdade religiosa garantida pelo Estado em manifestar desacordo com as dissidências. Enquanto os radicais religiosos vociferam contra a determinação judicial – a despeito de sua liberdade de pensamento e crenças garantidos – sua fúria surge mais da dificuldade de manifestar seu ódio contra a dissidência. Por isso, estratégias como ‘cura gay’, exorcismo e testemunho da ‘cura gay’, constituem de algumas práticas das quais lançam mão para inibir os avanços sociais conquistados por esse segmento da sociedade. Na impossibilidade de uma manifestação discursiva de ódio, o tom muda para discursos como arrependimento do pecado e possibilidade de salvação. Discursos que mais do que culpar e condenar, convidam à produção de outros modos de vida, outros usos do corpo, alinhados com o ideal cristão de manifestações de gênero binárias (homem/masculino e mulher/feminina) e sexo pós casamento, se possível, com geração filhos.

31 Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/stf-criminaliza-homofobia-mas-faz-ressalva-quanto-a-liberdade-religiosa/>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

No caso do discurso da religião cristã sua autoridade se fundamenta pela influência histórica na formação cultural brasileira, na ampla adesão da população pelo cristianismo e pelos textos bíblicos como revelação divina da verdade. Através da manipulação desses textos atende-se a anseios específicos. Usa-se os textos para legitimar as práticas de discriminação dos desviantes sexuais e de gênero.

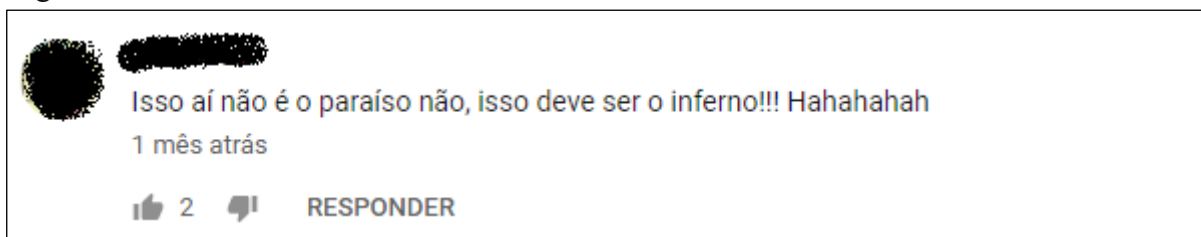
Outros exemplos do grupo 3 (Fig. 16 e 17): referências bíblicas a respeito do pecado da homossexualidade/sodomia.

Figura 16: comentários de internauta



Fonte: YouTube (2019).

Figura 17: comentário de internauta



Fonte: YouTube (2019).

A produção de culpa e vergonha pela via do pecado é algo adoecedor e leva a quadros de depressão e suicídio a muitas pessoas que vivem imersas nessa realidade; como fora retratado no filme ‘Orações para Bobby’ (2009). A produção dessa culpa se soma ao abandono/rejeição da família e da comunidade religiosa fragilizando laços sociais e afetivos. Além disso, não bastasse que isso fosse razão suficiente para nos atentarmos ao perigo desse discurso ele também vem ganhando força nas esferas da política institucional e corroendo o princípio da laicidade do Estado.

Segundo Lionço (2018, p.92), “a vergonha não deve ser um argumento político em uma democracia”. Ela cita a vergonha como mecanismo de desmoralização na vida pública de certas pessoas no contexto da política institucional. A autora se refere ao discurso que atrela a certos modos de vida fora das normas sexuais, de gênero e religiosas (religiões de matriz africana) a imoralidade e demonização dessas pessoas.

Nesse sentido, parte da direita política tem operado no interior de seu discurso um amálgama de imoralidade, pecado, culpa, vergonha, demonização, depravação e doença mental dessa população. A religião cristã enquanto instituição não está apenas bem representada na política, também detém influência midiática em vários canais de rádio, televisão, redes sociais e editoras de livros. A população evangélica vem crescendo<sup>32</sup> no Brasil ano após ano. Esse dado por si só não significaria muita coisa se os projetos de poder dessas religiões não fossem tão ameaçadores à consolidação da democracia, das liberdades individuais e do livre pensamento científico e filosófico, e pior ainda, projetos de poder encaminhados no interior da política institucional.

Historicamente, a relação discursiva da religião cristã com as dissidências tem no enunciado do pecado seu elo. A diferença é que as práticas de punição e perseguição das pessoas em dissidências agora dão lugar às práticas de tolerância, perdão e aceitação – do pecador e não do pecado, para que fique bem claro que a condição dessa ‘inclusão’ tem como exigência o abandono da antiga vida pecaminosa, o abandono dos antigos prazeres do corpo. O combate aos discursos de ódio da religião cristã tem se revelado um verdadeiro desafio. A supressão dos campos legítimos de conhecimento em prol da revelação divina como verdade única, dificulta muito a ampliação da conversa.

Por outro lado, não posso negar a existência das chamadas ‘igrejas<sup>33</sup> evangélicas inclusivas’ e mesmo a nova fase<sup>34</sup> da Igreja Católica no ‘acolhimento’ da população de dissidentes. Tem ocorrido em algumas paradas do orgulho LGBT do país, grupos de cristãos em manifestação de apoio à causa e também grupos que adentram o manifesto para pregar e convidar os manifestantes para suas igrejas. Embora eu reconheça que, se existem essas brechas

---

32 Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

33 Fundada em 1969, a Igreja da Comunidade Metropolitana teve como coordenadora e articuladora Sylvia Rivera, uma proeminente ativista da libertação gay e dos direitos dos transgêneros da América Latina que lutou pelo surgimento da ICM em Los Angeles, nos Estados Unidos. Disponível em: <<https://razoesparaacreditar.com/representatividade-2/igreja-evangelica-pastora-trans/>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

34 Pela primeira vez na sua milenar história, a Igreja Católica usou o termo LGBT em um documento oficial. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-44622557>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

para algum diálogo nas instituições religiosas, ainda vale a pena tecer conversas para traçar novos rumos para uma convivência respeitosa.

Contudo, ressalto que o horizonte ético que se propõe nesta pesquisa, pauta-se por uma busca incessante por dignidade plena, conforme percebo na visão de Junqueira (2013) em não se contentar com ‘inclusões’ e ‘tolerâncias’ ou qualquer postura que estratifique as pessoas em dissidência abaixo de uma categoria de pessoas que se consideram superiores em decorrência de seus privilégios. Sobre a especificidade desse contexto, os estudos de Michel Foucault em *Vigiar e Punir* (1987) não me deixa perder de vista a dimensão corretiva, ou melhor, a transformação subjetiva que o discurso da religião opera nas subjetividades dissidentes.

O abandono das práticas punitivas e sua mudança na gestão do pecado para uma transformação moral pela via do arrependimento, não demonstra um progresso moral da Igreja, antes, constitui-se em uma estratégia de controle dos corpos, ou seja, em vez de exterminar o pecador, a igreja arrebanha um potencial dizimista e um fiel transformado. A caixinha do dízimo está de olho no *pink money*. “Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutro lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas, senão nos circuitos da produção, pelo menos nos do lucro” (FOUCAULT, 1988, p. 9). Absorvi da citação de Foucault, a noção de barganha financeira sobre as dissidências sexuais e de gênero, visto que as noções de produção e lucro se referem estritamente aos processos de produção e reprodução do capital.

#### **4.1.5 Grupo 4 – Discurso da enfermidade mental**

Se pelo enunciado do pecado, a Igreja conseguia extrair de seus fiéis as confissões sexuais, foi pelo enunciado da anormalidade, entendida como desvio da conduta saudável, que a ciência do século XIX vai desenvolver todo um regime de tratamento das dissidências sexuais, entendidas à época, como ‘desvios da natureza’ (FOUCAULT, 1988). O discurso da enfermidade mental tem seu respaldo argumentativo na literatura médica. Embora a homossexualidade tenha sido retirada da lista de doenças no final do século XX a luta pela despatologização da transexualidade continua em pleno século XXI.

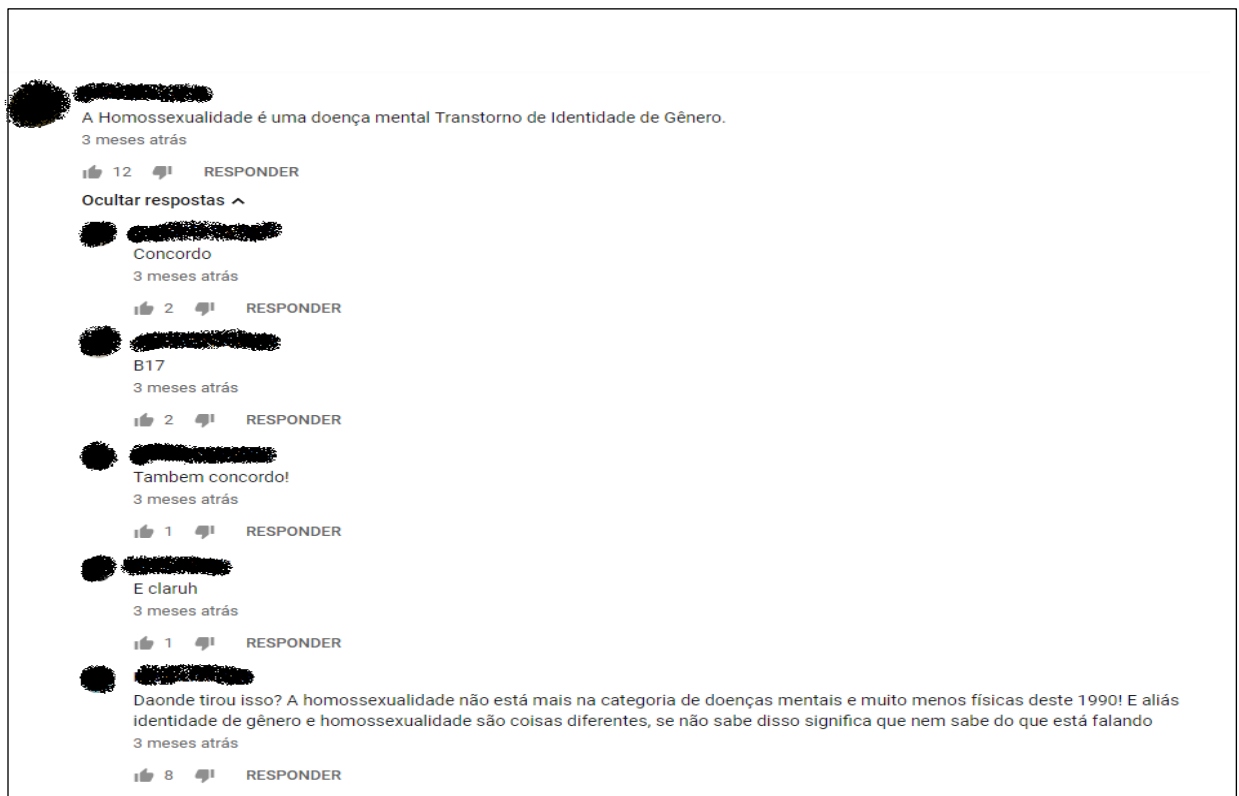
Ainda que essa literatura se modifique, o estigma da doença mental permanece no imaginário de muita gente e não raro há aqueles que arbitrariamente relacionam práticas de pedofilia à homossexualidade. Em *História da loucura na Idade Clássica*, Foucault (2008) demonstra que a patologia não foi descoberta, mas fabricada, historicamente, no interior de

certos saberes médicos. A produção dos saberes sobre sexualidade do século XIX capta dos sujeitos as confissões (as quais passam a ter *status* de relatos clínicos) detalhadas dos ‘desvios sexuais’ para serem categorizadas no quadro nosológico e, na sequência, tratadas em razão de sua ‘natureza desviante’ (FOUCAULT, 1988).

Mas a verdade do sexo não é simplesmente extraída do paciente, ela é também interpretada por alguém que ocupa uma posição privilegiada (de poder), que confere autoridade ao observador sobre o observado (FOUCAULT, 1988, p. 68). “Contudo, não devido a alguma propriedade natural inerente ao próprio sexo, mas em função das táticas de poder que são imanescentes a tal discurso” (FOUCAULT, 1988, p. 69). Poder e discurso! Duas chaves de leitura que permitem o entendimento do ruído que causa o diálogo a seguir. A posição socialmente privilegiada da normalidade sexual e de gênero (cis-heterossexual) que produziu esse saber há alguns séculos retorna à rede com o mesmo enunciado.

Exemplo do grupo 4 (Fig. 18): o comentarista parece não saber a diferença entre orientação sexual e identidade de gênero, mas, mesmo assim, inclui as duas condições como doença mental.

Figura 18: comentários de internautas



Fonte: YouTube (2019).

Entre concordâncias (12 curtidas e 3 respostas de apoio) e discordâncias, um dos internautas tenta explicar o equívoco do comentário.

A luta dos movimentos sociais pela despatologização das sexualidades e identidades de gênero não normativas, e a mudança do olhar da medicina e da saúde mental a respeito do tema, às vezes, parecem não serem suficientes diante do senso comum.

Hoje, sabemos que o Estado nos desampara. Sabemos também que nossos discursos, por mais fundamentados que sejam em filosofia política, em teorias feministas e em estudos históricos e sociológicos, são distorcidos fanaticamente em prol do discurso de ódio puro e simples. Eu, junto a muitas pessoas que lutam por justiça social no Brasil, somos objeto de ódio e de repulsa (LIONÇO, 2018, p.126).

Se esse discurso da enfermidade mental viraliza na rede e ganha adeptos, podem formar grupos, páginas e comunidades virtuais que se associam a instâncias políticas institucionais, abrindo precedente jurídico para curar o que não é doença; embate que o Conselho Federal de Psicologia (CFP) conhece de perto através da resolução<sup>35</sup> CFP 01/99. Não é como se o fenômeno começasse na rede, mas seu potencial se soma às outras pautas conservadoras de outras instâncias no jogo do poder para retroceder conquistas da dessa população dissidente.

#### **4.1.6 Grupo 5 – Discurso naturalizador**

O discurso naturalizador (ou da natureza biológica) é usado por alguns como a ‘voz da ciência’ para tentar justificar a falta de legitimidade das práticas sexuais e de gênero não hegemônicas. Aos gays, é dito que suas práticas sexuais não são capazes de reproduzir. É difícil não se lembrar da infeliz fala de Levy Fidelix<sup>36</sup> quando diz: - “aparelho excretor não reproduz”. Às pessoas trans, por mais que mudem seus corpos (conforme demonstram os comentários no vídeo de Thalita), lhes é dito que não serão capazes de mudar seu DNA, que nunca poderão negar seu ‘passado’.

Esses discursos defendem a tríade sexo/orientação sexual/identidade de gênero; uma suposta linearidade natural entre genital, desejo erótico e identificação de gênero (BUTLER, 2003). Para a filósofa, é essa coerência, ou inteligibilidade dessa tríade linear, que garante a ordem socialmente estabelecida e pune aqueles que não se portam em conformidade

---

35 O Conselho Federal de Psicologia aciona o Supremo Tribunal Federal requerendo extinção de ação judicial que defende a terapia de reversão sexual (CFP, 2018).

36 Frase proferida pelo candidato à presidência no debate eleitoral televisivo de 2014 que repercutiu nas redes sociais.

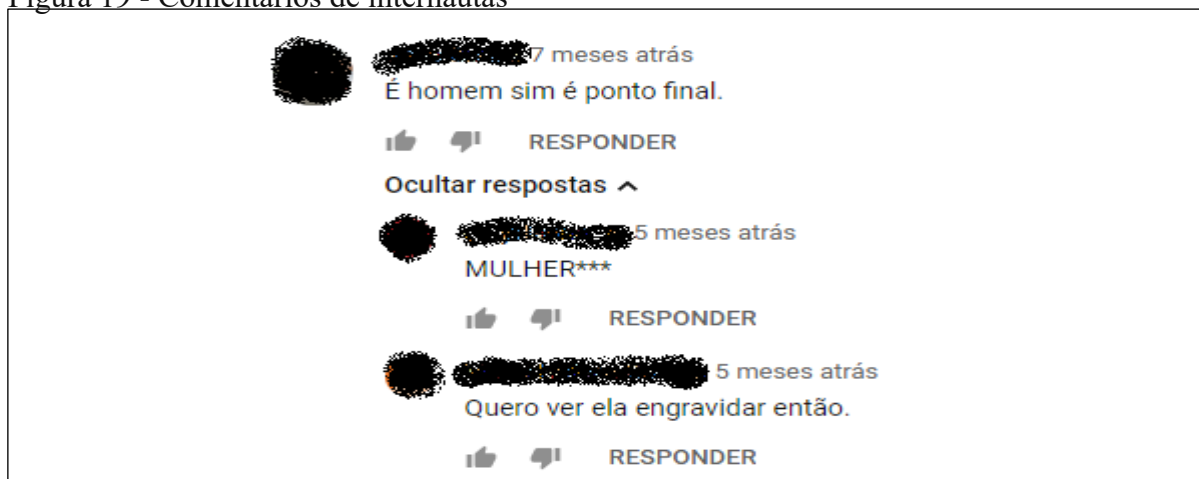
(BUTLER, 2003, p. 38). A punição vem do temor às configurações alternativas dessa tríade, de seu potencial subversivo, que abalam a ‘certeza’ dessa naturalidade (BUTLER, 2003, p. 39). Tanto o sexo biológico quanto o gênero são culturalmente construídos, não havendo diferença entre ambos (BUTLER, 2003, p. 25).

Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura” (BUTLER, 2003, p. 25).

Segundo a autora, essa estratégia discursiva naturalizante é um dos elementos que asseguram a estabilidade binária do sexo/gênero que por sua vez são tomados como determinantes do desejo sexual heterossexual considerado natural/normal, ou nas palavras da própria autora, ‘heterossexualidade compulsória’ (BUTLER, 2003, p. 25). Além disso, a leitura genealógica que Butler (2003, p. 42) faz de autores como Foucault, Nietzsche e Michel Haar, permite que a filósofa afirme que não há uma ontologia sexual. Não há nada nos órgãos genitais, que *a priori*, defina o ser nem que garanta alguma identidade natural. Assim, é no conceito de performatividade que Butler situa as expressões de gênero; fabricações estilísticas na superfície do corpo (BUTLER, 2003, p. 195).

Exemplo do grupo 5 (Fig. 19) – um dos argumentos parece defender que Thalita não pode ser mulher porque não pode engravidar.

Figura 19 - Comentários de internautas



Fonte: YouTube (2019).

Na disputa pela verdade em torno da condição de mulher de Thalita, um dos lados levanta a impossibilidade de uma gravidez que “comprovaria sua condição de não-mulher”,



ainda que, juridicamente, ela tenha o pleno reconhecimento de sua condição de mulher. Esse argumento da gravidez tem ao menos 4 problemas:

1 – Deduz que uma construção social (mulher) seja uma consequência natural da condição de fêmea (animal gestante). Beauvoir (2016, p. 64, 65) explica que a fisiologia não cria valores e que somente à luz de explicações psicosocioeconômicas que se entende o processo de sujeição da mulher, ou seja, “trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana” (BEAUVOIR, 2016, p. 65). O comentário do internauta estabelece como ‘regra do jogo’ a função gestativa como comprovação do ser mulher, estabelecendo uma existência social em função exclusivamente de um fenômeno comum a tantas espécies de animais. Para Haraway (2019):

Não existe nada no fato de ser ‘mulher’ que naturalmente una as mulheres. Não existe nem mesmo uma tal situação - ‘ser’ mulher. Trata-se, ela própria, de uma categoria altamente complexa, construída por meio de discursos científicos sexuais e de outras práticas sociais questionáveis (HARAWAY, 2019, p. 165).

Assim, a construção de uma identidade de mulher surge mais como uma disputa política na construção de um significado social hegemônico (vontade de verdade – para citar uma expressão de Foucault) do que uma descoberta do elemento fundamental, ontológico, do ser mulher.

2 – A possibilidade de gravidez ocupa um período determinado da vida das pessoas que podem gestar e não a vida inteira; esse período comporta a fase pós puberdade até a menopausa (PRECIADO, 2008, p. 200). Nesse sentido, as fases infantil e senil estariam excluídas dessa interpretação? O que dizer dos homens transexuais que gestam?

3 – Nem todos os corpos entendidos como biologicamente femininos podem engravidar; algumas configurações fisiológicas são estéreis (PRECIADO, 2008, p. 200).

4 – A intersexualidade evidencia que qualquer tentativa da biologia definir universalmente a condição da mulher (e do homem) pode ser questionada. Cromossomos, hormônios, genital, capacidade reprodutiva, fisiologia, etc. reconfiguram-se em inúmeras possibilidades de ser mulher, homem ou algo mais. Uma das pautas que o movimento intersexual reivindica é que a categoria médica não tente adivinhar o gênero do bebê e operá-lo nessa fase para que o mesmo decida seu gênero em momento posterior de sua vida (FÁBIO, 2018). Além do direito ao corpo, Preciado (2014, p. 135) também lembra que o movimento reivindica a liberdade sexual fora das normas heterocentradas. Talvez, deixar em aberto essa possibilidade intersexual de conformação dos corpos, seria reconhecer o fracasso do sistema

sexo/orientação sexual/identidade de gênero; ameaçando toda uma ordem estabelecida. Segundo Preciado (2014):

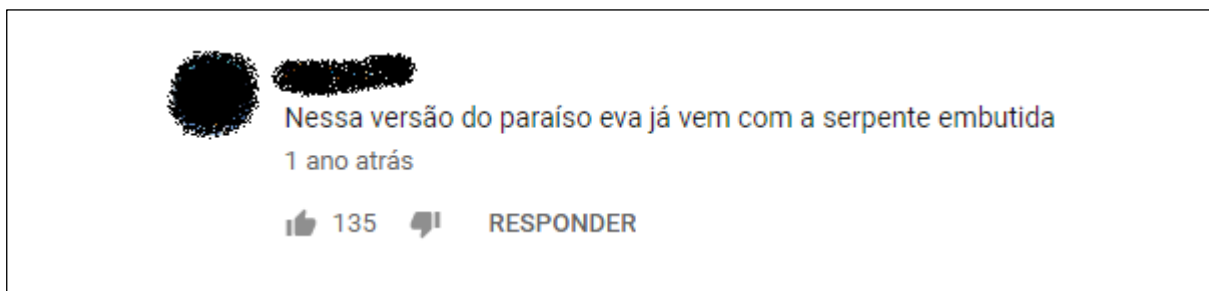
Os chamados corpos ‘intersexuais’ comprometem o trabalho mecânico da mesa de atribuição dos sexos, minam secretamente a sintaxe segundo a qual a máquina sexual produz e reproduz corpos. Os bebês intersexuais representam uma ameaça, alteram a fronteira para além da qual há diferença, e aquém da qual há identidade. Põem em xeque o automatismo performativo da mesa de operações. Evidenciam a arbitrariedade das categorias (identidade e diferença, macho/fêmea) e a cumplicidade que essa categorização estabelece com a heterodesignação dos corpos (PRECIADO, 2014, p. 131).

Preciado (2014, p. 128-129), ao analisar os processos de normalização das pessoas chamadas intersexo, lembra que a cirurgia médica nesses corpos é a segunda etapa de uma cirurgia ‘social’ que atravessa todos os corpos, intersexuais ou não. Segundo o autor:

As operações mais conhecidas sob o nome de cirurgia de mudança de sexo e de reatribuição sexual, que são popularmente estigmatizadas como casos limites ou exceções estranhas, não passam de mesas secundárias nas quais se renegocia o trabalho de recorte realizado sobre a primeira mesa de operações abstrata pela qual todos nós passamos (PRECIADO, 2014, p. 128).

Outro comentário (Fig. 20), desta vez retirado do clipe de Vittar com Lucas Lucco, refere-se à genitália de Vittar:

Figura 20: comentário de internauta



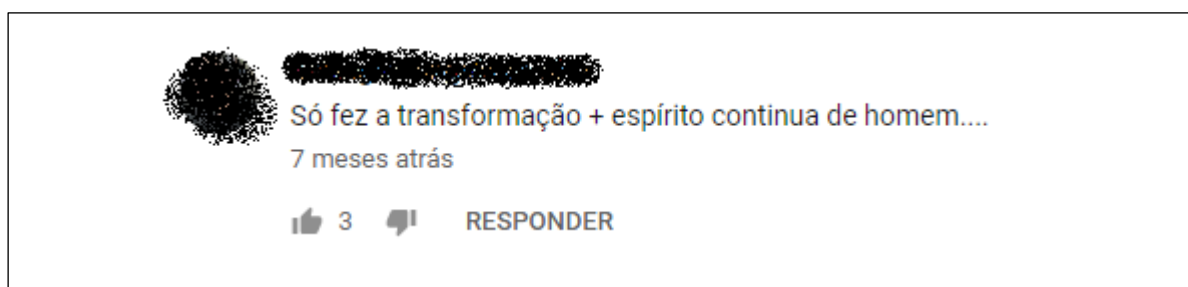
Fonte: YouTube (2019).

Esse é apenas um, dos vários comentários que insistem em negar a estética feminina da *drag queen* por conta de seu órgão genital culturalmente determinado como masculino. Nesse comentário, a moeda de troca para o passaporte da feminilidade de Vittar seria uma vagina. Entretanto, o caso de Thalita demonstra que nem possuindo uma vagina se garante a posição de mulher, visto que possuindo a forma não haveria a função reprodutiva.

Permito-me fazer um exercício de imaginação. Caso houvesse um transplante de útero para que mulheres transexuais pudessem gestar e parir ainda haveriam comentários dizendo que o DNA continua XY, ou seja, masculino. Vou além, caso houvesse uma tecnologia

de edição genética capaz de alterar o DNA diriam que ‘essa mulher não é natural’, que ‘existe um passado masculino’ ou ‘não foi feita pelos desígnios do Senhor’. Enfim, o discurso naturalizador busca uma verdade na ‘natureza do corpo’ para definir masculinidades e feminilidades, entretanto, esse discurso não passa de uma tentativa de se valer de premissas da biologia científica para sustentar posições morais e religiosas, como no caso do comentário que retomo a seguir (Fig. 21), sobre Thalita.

Figura 21 - Comentário de internauta



Fonte: YouTube (2019).

Quanto mais a tecnologia borra as fronteiras entre o natural e o construído, mais os conservadores vão apelar para respostas metafísicas e divinas. O futuro é tão assustador quanto inevitável. Como demonstra o mito do ciborgue de Donna Haraway (2019, p. 194), esse híbrido de orgânico e máquina pode subverter a ordem, o comando e o controle. Não é a tecnologia no corpo que assusta a ordem, mas a democratização dessa tecnologia nas mãos daqueles que subvertem a ordem. A tecnologia, enquanto produção cultural, não se opõe à natureza. Desse modo, Preciado (2014) busca em Michel Foucault sua concepção de tecnologia para pensar essa relação nos corpos, gêneros e sexualidades:

A força da noção foucaultiana de tecnologia reside em escapar à compreensão redutora da técnica como um conjunto de objetos, instrumentos, máquinas ou outros artefatos, assim como em escapar à redução da tecnologia do sexo às tecnologias implicadas no controle da reprodução sexual. Para Foucault, uma técnica é um dispositivo complexo de poder e saber que integra os instrumentos e os textos, os discursos e os regimes do corpo, as leis e as regras para a maximização da vida, os prazeres do corpo e a regulação dos enunciados de verdade (PRECIADO, 2014, p. 154).

Por isso a disputa discursiva sobre corpo, gênero e sexualidade em rede constitui-se em disputa tecnopolítica. Preciado (2014) aborda essa discussão a partir da noção de contrassexualidade, uma atitude de apreensão das relações tecnopolíticas entre corpo, gênero e sexualidade no mundo descompromissada de uma ideia de natureza e origem. Essa perspectiva defende a legitimidade de usos criativos de prazer, da plasticidade e liberdade de (re)construção e (re)modelação do corpo, gênero e sexualidade.

A contrassexualidade joga sobre duas temporalidades. A primeira, uma temporalidade lenta na qual as instituições sexuais parecem nunca ter sofrido mudanças. Nela, as tecnologias sexuais se apresentam como fixas. Tomam emprestado o nome de ‘ordem simbólica’, de ‘universais transculturais’ ou, simplesmente, de ‘natureza’. Toda tentativa para modificá-las seria julgada como uma forma de ‘psicose coletiva’ ou como um ‘Apocalipse da Humanidade’. Esse plano de temporalidade fixa é o fundamento metafísico de toda tecnologia sexual. Todo o trabalho da contrassexualidade está dirigido contra, opera e intervém nesse âmbito temporal. Mas há também uma temporalidade do acontecimento na qual cada fato escapa à causalidade linear. Uma temporalidade fractal constituída de múltiplos ‘agoras’, que não podem ser o simples efeito da verdade natural da identidade sexual ou de uma ordem simbólica. Tal é o campo efetivo em que a contrassexualidade incorpora as tecnologias sexuais ao intervir diretamente sobre os corpos, sobre as identidades e sobre as práticas sexuais que destes derivam (PRECIADO, 2014, p. 24).

Correlacionando os apontamentos de Preciado com o objeto da pesquisa, penso que a disputa dos comentários no *YouTube* sobre os vídeos opera na temporalidade lenta, busca por verdades e normas pautadas por um ordenamento ‘natural’ do corpo, gênero e sexualidades. Por outro lado, são as imagens dos vídeos que são os disparadores dessa disputa discursiva. Essas imagens fazem parte da segunda temporalidade, dos múltiplos ‘agoras’, que se formam na mente de cada pessoa que as vê. Talvez, o espaço de construção textual na rede (na *internet*) tenha sido utilizado como um espaço de produção de sentido, de forma, de verdade que as imagens, por sua natureza fractal, insistem em multiplicar dispersamente. “O espectador constrói a imagem, a imagem constrói o espectador” (AUMONT, 1993. p. 81). Baseado na leitura de Gombrich, Aumont diz que há uma dimensão subjetiva do espectador que participa ativamente da construção da imagem. Aumont lembra que a construção da imagem pode carregar projeções e expectativas do observador. Nesse sentido, as imagens da dissidência na rede explodem com violência diante dos olhos do expectador, seja para deleite, agonia, ou qualquer outra sensação singular de cada um. O espaço de escritura dos comentários sugere pistas dessas sensações, mas são os enunciados que nos demonstram a luta política das significações, naturalizadas, do corpo, gênero e sexualidades.

#### **4.1.7 Grupo 6 – Discurso esquerdo-político**

O discurso esquerdo-político atribui aos partidos políticos de esquerda (seus militantes e eleitores) a ‘propaganda homossexualizadora’ e a ‘ideologia de gênero’ para ‘realizar a mudança de sexo e inversão do gênero das criancinhas’. Confundem, estrategicamente, a defesa de direitos humanos com ‘doutrinação esquerdista’ e debate sobre sexualidade e gênero como parte de um projeto de dominação da sociedade pelos homossexuais,

ou, como os conservadores chamam, ‘agenda gay’. Esses conceitos, que fazem pouco ou nenhum sentido para os acadêmicos, são estranhos justamente por sua falta de critério, rigor e seriedade que as academias estão acostumadas. Essa miscelânea conceitual tenta distorcer as políticas e propostas de defesa dos direitos humanos para gerar pânico moral entre os eleitores mais afinados com a política da extrema direita. Essas ‘teorias conspiratórias’ podem ser encontradas nos livros, vídeos e *twittes* do *YouTuber* – autointitulado filósofo – Olavo de Carvalho, apontado pela Revista Veja<sup>37</sup> como Guru do governo Bolsonaro. Há diversos outros *YouTubers* que também partilham da mesma opinião de Olavo, seus conteúdos na plataforma possuem um tripé: valores tradicionais/conservadores no que diz respeito a questões como família, práticas sexuais e aborto, defesa/ampliação da influência cristã na sociedade e também apoio a candidatos/partidos da direita que representam esses valores. As construções de argumentos e discussões nos comentários no *YouTube* indicam relação entre esses três elementos.

Voltando aos conceitos deturpados pela extrema direita política, a noção de ‘propaganda homossexualizadora/transsexualizadora’ e ‘ideologia de gênero’ vem da relação com as reivindicações dos movimentos sociais, partidos políticos, professores e especialistas em ensinar nas escolas públicas do Brasil, conteúdos a respeito de educação sexual que engloba assuntos do interesse de todos como as ISTs (infecções sexualmente transmissíveis), denúncia de abuso sexual, assédio, dentre outros. Ocorre que, dentro desse conteúdo escolar, existe um tópico que trataria da diversidade sexual e de gênero. Para algumas pessoas da direita política, falar sobre a existência dessas pessoas em sala de aula equivale a ensinar que os alunos sejam assim. Nesse sentido, acusam a escola de ‘transformar as crianças em homossexuais e transexuais ávidos por atividades sexuais precoces’. Britzman (1996, p. 79-80) escreve:

Para um número significativo de heterossexuais que imaginam sua identidade sexual como ‘normal’ e ‘natural’, existe o medo de que a mera menção da homossexualidade vá encorajar práticas homossexuais e vá fazer com que os/as jovens se juntem às comunidades gays e lésbicas. A ideia é que as informações e as pessoas que as transmitem agem com a finalidade de ‘recrutar’ jovens inocentes.

Segundo Junqueira (2014), historicamente, a escola vem fazendo exatamente o oposto, ou seja, produzindo ativamente a subalternização das dissidências sexuais e de gênero na estrutura curricular e no cotidiano. A instituição escolar é apenas um dos muitos espaços de interesse político na luta por direitos das pessoas em dissidência. De um modo mais amplo, Lionço (2018, p. 91) diz que as discussões na política institucional brasileira têm esbarrado em

---

37 Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/revista-veja/leitor-2612/>>. Acesso em: 05 dez 2019.

entraves morais e religiosos, em que discussões academicamente fundamentadas a respeito de direitos humanos (a exemplo das dissidências sexuais e de gênero) têm sido propositalmente deslocadas sob atributos de vergonha e perversão. A seguir lanço mão de alguns comentários que relacionam a figura de Vítar com a esquerda política.

Exemplos do grupo 6 (Fig. 22, 23 e 24): comentários parecem associar Vítar ao comunismo e faz referência a Bolsonaro.

Figura 22: comentário de internauta



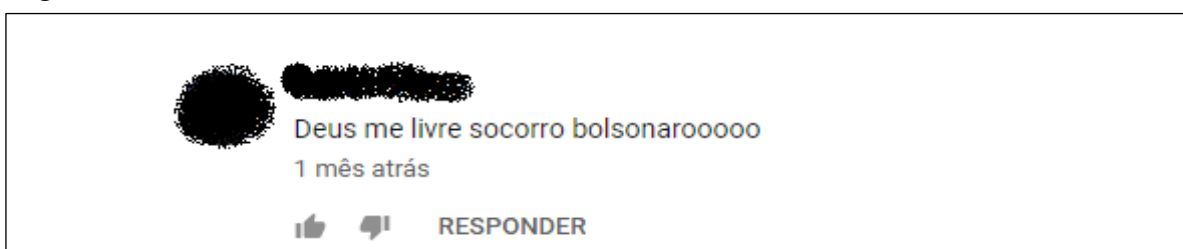
Fonte: YouTube (2019).

Figura 23: comentário de internauta



Fonte: YouTube (2019).

Figura 24: comentário de internauta



Fonte: YouTube (2019).

Vítar (Fig. 25) é, constantemente, alvo de inúmeras “*fake news*”<sup>38</sup>. Uma delas dizia que a artista seria cotada (junto ao então deputado federal do Psol, Jean Wyllys - igualmente vítima de inúmeras *fake news*) para ensinar em escolas do Brasil conteúdos de diversidade sexual.

38 *Fake news* são notícias falsas com a intenção de manipular a opinião pública, ou, simplesmente, obter um rendimento econômico pelo aumento do tráfego nas páginas *web*, que divulgam esse tipo de ‘informação’ (PINA, 2017. p. 41).

Figura 25 – Fake news sobre Pabllo Vittar



Fonte: *site e-farsas*.<sup>39</sup>

Noto, portanto, a figura de Vittar associada à esquerda política brasileira, principalmente com Psol, partido alinhado com a defesa dos direitos humanos. Além disso, como o lançamento do clipe ocorreu em ano de eleições para presidente (2018) e Bolsonaro era o candidato favorito da extrema direita, suas referências nos comentários se ligam a outra notícia falsa sobre Vittar e Wyllys, a de que se Bolsonaro vencesse as eleições a *drag* e o deputado sairiam do Brasil. A artista nunca escondeu sua repulsa pelo candidato (agora Presidente do Brasil) aderindo à campanha #elenão, uma campanha midiática contra o então candidato. Vittar já desmentiu a notícia em vídeo<sup>40</sup>, jamais disse que sairia do Brasil por esse motivo e no caso de Jean Wyllys sua saída se deveu às ameaças<sup>41</sup> de morte que veio sofrendo.

39 Disponível em: <<https://www.e-farsas.com/jean-wyllys-e-pabllo-vittar-farao-turne-pelas-escolas-para-falar-sobre-diversidade.html>>. Acesso em: 05 dez. 2019.

40 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AheG8-5qQtw>>. Acesso em 05 dez. 2019.

41 Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/24/politica/1548364530\\_154799.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/24/politica/1548364530_154799.html)>. Acesso em: 05 dez. 2019.

Em 2019, o *YouTuber* Felipe Neto, após combater<sup>42</sup> a censura e homofobia na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, sofreu várias calúnias e ameaças pela *internet*, como consequência, cancelou trabalhos, eventos e tirou a própria mãe do país. Também em 2019, o canal Porta dos Fundos teve sua sede atacada por bombas no Rio de Janeiro por conta de um trabalho humorístico que retratava Jesus Cristo como homossexual<sup>43</sup>.

Assim, o discurso de ódio esquerdo-político, que por vezes surge como ameaças fascistas de extermínio, engloba todas as posturas progressistas e de defesa dos direitos das pessoas em dissidência sexual e de gênero enquanto um projeto político de esquerda com vistas à destruição dos valores morais tradicionais, da religião cristã e de sua representação na política institucional.

Esse acalorado debate político, polarizado, entre direita e esquerda no Brasil a respeito das questões de sexualidade e gênero contam com um engajamento político que não é tão visto em outros setores, essenciais, da vida pública; visto que, a princípio, o direito ao corpo, práticas sexuais e expressões de gênero deveriam ser assuntos de foro íntimo, da vida privada. Para Rancière (2014), o desprezo pela coisa pública indica um ódio à democracia, talvez por isso os debates de teor político na rede possuam o ódio não apenas na forma, mas também no conteúdo. Não é como se as questões do corpo, gênero e sexualidade não fossem intrinsecamente políticas, elas são, ocorre que a forma como é posto o debate na rede desloca o peso político da questão para ‘escolhas da vida privada’ ou opinião. Essa tendência egoísta, individualista de fazer política é observada por Rancière:

Infelizmente, todas as boas coisas têm seu anverso: a multidão desobrigada da preocupação de governar fica entregue a suas paixões privadas e egoístas. Ou os indivíduos que a compõem se desinteressam do bem público e se abstém de votar nas eleições, ou as abordam unicamente do ponto de vista de seus interesses e caprichos de consumidores. Em nome de seus interesses corporativistas imediatos, opõem greves e manifestações às medidas que visam garantir o futuro dos sistemas de aposentadoria; em nome de seus caprichos individuais, escolhem nas eleições o candidato que mais lhes agrada, da mesma maneira que escolhem entre os inúmeros tipos de pão que as padarias descoladas oferecem. O resultado é que os ‘candidatos de protesto’ ganham mais votos do que os ‘candidatos de governo’ (RANCIÈRE, 2014, p. 95-96).

Entretanto, o autor ainda oferece esperança para um panorama político diferente. A democracia não é um atributo de nenhum governo ou sociedade (RANCIÈRE, 2014, p. 68), a

---

42 Disponível em: <<https://www.metrojornal.com.br/entretenimento/2019/09/16/felipe-neto-manda-mae-para-fora-brasil-e-cancela-evento-apos-ameacas.html>>. Acesso em: 05 dez. 2019.

43 Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2019-12-24/produtora-do-porta-dos-fundos-no-rio-sofre-ataque-com-coquetel-molotov.html>>. Acesso em: 05 dez. 2019.



democracia é uma atitude que não cabe na representação (RANCIÈRE, 2014, p.70). Existe um potencial da *internet* de fazer política diretamente, democraticamente, mas esse potencial não pode se atualizar em figuras que se dizem ‘representar o povo’ enquanto na verdade não passam de alternâncias oligárquicas (RANCIÈRE, 2014, p. 95-96). É preciso reinventar a participação política na *internet* sem a beatificação de candidatos de direita ou esquerda, sem esperar benesses, esmolas ou favores. E mesmo assim, se no pior dos quadros não for possível construir o mundo dos sonhos, que a rede seja a força da produção de pesadelos daqueles que não aceitam os modos dissidentes de existir.

Além do ódio à democracia, a extrema direita política no Brasil também odeia à verdade e por isso usa abundantemente a estratégia da polêmica no discurso político. Foucault (2004), ao ser questionado em entrevista sobre a causa de seu afastamento das polêmicas responde:

Como na prática jurídica, a polêmica não abre a possibilidade de uma discussão no mesmo plano, ela instrui um processo; ela não se relaciona com um interlocutor, mas com um suspeito; ela reúne as provas de sua culpabilidade e, designando a infração que ele cometeu, pronuncia o veredicto e lança a condenação. De qualquer forma, não estamos na ordem de uma investigação realizada em comum; o polemista diz a verdade na forma de julgamento e de acordo com a autoridade que ele próprio se atribuiu. Porém, este é o modelo político mais poderoso atualmente. A polêmica define alianças, recruta partidários, produz a coalizão de interesses ou opiniões, representa um partido; faz do outro um inimigo portador de interesses opostos contra o qual é preciso lutar até o momento em que, vencido, ele nada mais terá a fazer senão se submeter ou desaparecer (FOUCAULT, 2004, p. 226).

Embora Foucault tenha utilizado a palavra ‘atualmente’ para se referir a um panorama da Europa de seu tempo, essa reflexão fala oportunamente da situação atual do cenário político brasileiro. Assim, são as polêmicas, articuladas com pânico morais e interesses religiosos que tem (des)orientado o debate político das questões de gênero e sexualidade.

#### **4.1.8 Grupo 7 – Discurso da aceitação**

Esse discurso é, provavelmente, a evidência mais forte que tenho de que não se pode simplificar e dividir as reações dos internautas somente entre a favor ou contra as dissidências sexuais e de gênero. Esse grupo surge como um meio termo, talvez uma tentativa de conciliação e apaziguamento das discussões. Mas é também um lugar subjetivo de decisões, posturas éticas, na qual deixo claro e reitero minha postura radical de dignidade em sua completude, sem aceitar acordos que nos façam abrir mão de quem somos e do que planejamos

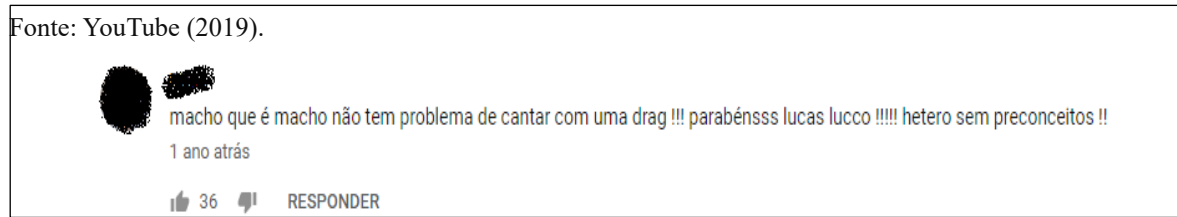
ser. É ter em mente que cada direito e espaço conquistado arduamente, não é privilégio, não é querer demais, é apenas querer viver. Nesse sentido, pensar eticamente com Foucault implica em pensar nos usos possíveis da *internet* para a transformação pessoal, e implica também pensar a si mesmo enquanto objeto do conhecimento e as possibilidades de se constituir sujeito diante de uma realidade, transformando seu próprio modo de se fazer sujeito (FOUCAULT, 2004, p. 215).

Foucault (2004, p. 267) lembra que “ética é prática refletida da liberdade. A liberdade é condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida assumida pela liberdade”. Então a ética é aquilo que se escolhe fazer com a liberdade que se tem. Assim, os conteúdos e discursos produzidos na rede são um exercício ético, porque se dá em contexto de liberdade de expressão, mas é também um exercício político, em que pessoas com distintos níveis de privilégios disputam as verdades do corpo, gênero e sexualidades. Cada discurso lançado na rede é dito de um lugar específico (posição de sujeito), mas embora os lugares enunciativos não sejam estáveis há um elemento fixo que une todos os discursos de ódio e o discurso da aceitação, que é um suposto lugar de superioridade que é confundido com privilégio. O privilégio é tão somente uma vantagem que se tem sobre o outro, mas nunca um elemento determinante de superioridade, que se revelou no contexto da pesquisa como normalidade. Conforme visto ao longo da pesquisa, as contribuições de Foucault permitem ver que a condição de normalidade não é um atributo essencial com o qual se nasce, é um elemento do jogo de poder que constitui subjetividades. Portanto, privilégio também é poder, principalmente quando marca o lugar de enunciação, muitas vezes falando ‘por alguém’, querendo ‘dar voz a alguém’, como pretende o discurso do resto.

O discurso da aceitação não é propriamente um discurso de ódio, ao menos não se lança como tal, mas produz os mesmos efeitos de forma mais branda; não é um discurso de ódio na forma, mas no conteúdo e de forma muito sutil. Esse discurso reproduz uma subalternização das pessoas em dissidência por aqueles sujeitos que gozam dos privilégios de ‘normalidade’ sexual e de gênero. Esse discurso permite a existência do outro como diferente, inferior, produzindo a manutenção de hierarquias sociais diferenciadoras (JUNQUEIRA, 2013).

Exemplo de grupo 7 (Fig. 26)– comentário parabenizando a atitude do homem heterossexual, macho em trabalhar com uma pessoa gay.

Figura 26 - Comentário de internauta



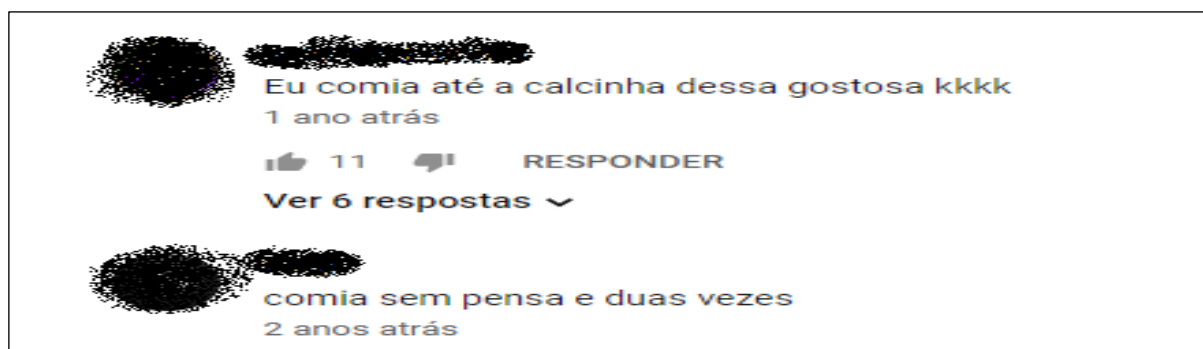
Fonte: YouTube (2019).

Essa exaltação, quase heroica, parece indicar um esforço ou talvez uma benevolência do homem heterossexual (o “macho”) aceitar trabalhar com um *gay*. Ainda que bem-intencionado, esse tipo de discurso reforça uma situação trazida por Junqueira (2013):

é recorrente o entendimento de que respeitar o ‘outro’ seria um gesto humanitário, expressão de gentileza, delicadeza ou magnanimidade. Uma espécie de benevolente tolerância que deixa ilesas hierarquias, relações de poder e técnicas de gestão das fronteiras da normalidade. Informadas por uma matriz de conformação, pessoas com distintos graus de preconceitos costumam se perceber dotadas de atributos positivos por serem portadoras de certa sensibilidade em relação às vítimas – uma dose de compaixão, em função da qual o ‘outro’ recebe uma aquiescente autorização para existir, em geral, à margem e silenciado (p.493).

Além das contribuições de Junqueira a respeito da tolerância do outro como benevolência, outra atitude recorrente nesse contexto são as práticas de ‘elogio’ de cunho objetificante como nos comentários do vídeo de Thalita.

Figura 27 - Comentários de internautas



Fonte: YouTube (2019).

O corpo da mulher transexual (e também das travestis) tem sido historicamente associado ao fácil acesso e à prostituição, decorrentes de um processo social de discriminação que as empurra para essa atividade (ROCHA, 2017, p. 121-122). Frequentemente impedidas de usar o banheiro de acordo com o gênero que se identificam, sem o direito ao nome social, e sem proteção sistemática contra o *bullying* transfóbico, essas meninas geralmente não acessam à

qualificação esperada pelo mercado. Além disso, mesmo qualificadas, o mercado resiste em contratá-las por preconceito (ROCHA, 2017, p. 121).

Além disso, geralmente, as pessoas que produzem esse discurso de aceitação, acreditam fazer um exercício de acolhida, de inclusão. É preciso diluir essas hierarquias e reconhecer as demandas e privilégios de cada lado para que as parcerias e alianças se formem de modo mais horizontal possível, para que não se perpetue uma ideia de que as pessoas dissidentes sejam constituídas de uma ‘casta inferior’ e indefesa a espera da proteção dos privilegiados. Ao pensar os direitos civis enquanto luta e conquista das pessoas em dissidência com relação aos privilegiados que não pensam sobre um direito que creem ser ‘natural’ Sáez e Carrascosa (2016, p. 41) dizem que “os que ocupam uma posição de poder, de privilégio, de maioria, não se perguntam sobre a origem de seus direitos ou de sua posição”. É essa reflexão que precisa ser feita por aqueles que possuem interesse em compor parcerias com as lutas dissidentes.

A luta das dissidências sexuais e de gênero precisa de aliados e alianças, mas essa luta não precisa ser tutelada. Àqueles que se preocupam em apoiar as pautas e dispõem de meios e condições para tal podem operar o trabalho sob um papel coadjuvante, visto que os dissidentes são capazes de protagonizar sua própria luta política. As pessoas não são iguais, mas essas diferenças não podem servir de pretexto para fixá-las em posições mais ou menos importantes, visto que essas práticas configuram discriminação. E é justamente nisso que reside o perigo do discurso da aceitação. Uma vez que determinado modo de segregação e subalternização social é entendido como crime em uma sociedade outros meios mais ‘fluidos’ desse mecanismo surgem na forma de discursos como aceitação e tolerância, relações igualmente verticalizadas de normalidade social em uma versão ‘light’, mas agora com o cinismo de uma ‘civildade modernosa’. Não é *chic* ter um colega *gay*?

‘Aceitar’ um amigo/colega ou parente/familiar em dissidência não é um favor nem uma moda, é um compromisso ético-político com todos os ônus e bônus que isso significa. Significa muitas vezes abrir mão de valores, crenças, hábitos, amizades e relações que passam a se tornar conflitantes. Significa fazer escolhas, renúncias. Significa mudar caminhos, percursos, quiçá, perigosos. Escolher estar na companhia dessas pessoas é por si só um ato político, que Tatiana Lionço (2018) conhece de perto. A autora relata que teve uma foto sua viralizada na *internet* com um colega homossexual (ator pornô) que bastou para associá-la igualmente ao trabalho. Esse não foi um episódio isolado, Lionço (2018) desabafa em seu livro

os ataques em suas redes sociais bem como as consequências na vida pessoal e na saúde sobre sua postura política em apoiar as pessoas em dissidência na política institucional e na *internet*.

#### 4.1.9 Resistências aos comentários de ódio

Em resposta aos comentários de ódio há diversas reações: avaliação positiva através do marcador “gostei” e negativa pelo “não gostei”, além de riso, repulsa, discordância, concordância, revolta, indignação, deboche, discurso de tolerância e tantas outras. As respostas que emergem de quem enfrenta os comentários de ódio são: a fragilidade da heterossexualidade, a fragilidade da masculinidade, a hipocrisia dos moralistas, o prazer masoquista de acessar conteúdos que de antemão causam desconforto, homofobia como uma homossexualidade reprimida, inclusão/aceitação/tolerância/benevolência/ para com as minorias sexuais.

Durante a pesquisa, avaliei a possibilidade de trazer a relação comentário-resposta e ver como se desdobram os enfrentamentos, embates e resistências no interior de cada comentário selecionado. Mas, pelos motivos que exponho a seguir, parece-me que esse não é o melhor caminho.

Quanto à forma, as respostas tendem majoritariamente para dois caminhos: corroboração do comentário (as respostas reforçam o sentido do comentário inicial) ou troca de ofensas. Existe uma pequena parcela de respostas que oferecem ao interlocutor um ponto de vista diferente daquele proposto pelo argumento inicial de forma educada, mas é comum que surja outro internauta no meio do diálogo lançando uma resposta agressiva. A agressividade, provocação e ofensa não são privilégio dos autores dos comentários de ódio; as respostas discordantes chegam muitas vezes, tão grosseiras quanto as anteriores com direito às mais variadas formas de injúria. A esse respeito Lionço (2018) nos traz uma valiosa reflexão:

Talvez uma das tarefas mais difíceis seja renunciar ao ímpeto da atuação odiosa. As emoções têm uma dimensão contagiosa, de modo que quando somos atingidas pelo ódio alheio passamos a também odiar. O exercício do pensamento, no entanto, pode nos livrar deste afã imediatista, nos recuperando da impotência que é se deixar dominar pelos outros e seus afetos. Por mais agressiva e violentamente eficaz que nossa reação ao ódio que nos dirigem possa ser, render-se ao afeto alheio é da ordem de uma impotência de si, a ruína de deixar-se reduzir ao modo de ser que teve no outro a própria agência. Eu diria que renunciar ao próprio ódio nessas situações e então dispor de autonomia suficiente para transpor tais afetos para o campo da reflexão crítica é já um modo de vencer (LIONÇO, 2018, p. 157).

Como nos casos abaixo (Fg. 27 e 28).

Figura 28 - Comentários de internautas



Fonte: YouTube (2019).

Figura 29 - Comentários de internautas



Fonte: YouTube (2019).

A partir do exemplo trazido (exemplo que se repete ao navegar pelos comentários), detecto dois padrões no campo de comentários do *YouTube*. Primeiro, os comentários com muitos “likes” costumam atrair mais respostas do que aqueles com menos “likes” o que por sua vez indica que os comentários com altas visualizações tendem a provocar debates. Porém, diferente dos comentários que são originalmente expostos, a aba das respostas é sempre oculta. É preciso clicar na opção “ver respostas” para visualizá-las e mesmo assim não são exibidas em sua totalidade, é preciso clicar cada vez mais enquanto as respostas se prolongarem. Assim, para adentrar a discussão que ali se configura, é preciso um interesse e esforço maior do que “passar o olho” pelos comentários.

Quanto ao segundo padrão, noto que quando os comentaristas estendem as conversas (ou ofensas) os diálogos subsequentes vão perdendo “likes” progressivamente, chegando a zero geralmente. Há um arrefecimento da discussão, ela vai deixando de ser um

assunto “da rede” para se tornar um canal de conversa dual ou troca de ofensa pessoal. A ofensa que começa direcionada aos artistas, ao clipe, ao trabalho é direcionada mais tarde ao internauta.

Esse fenômeno sugere que as longas conversas travadas nesse espaço perdem potencial de visibilidade. Por isso, entendo que a troca de ofensas (e até mesmo os comentários elogiosos e de apoio) no espaço das “respostas dos comentários” não geram grandes impactos na rede. Por outro lado, se o objetivo for uma resposta apenas à pessoa do outro lado da tela o método é eficaz, uma vez que o *YouTube* notifica seus usuários a cada resposta enviada. Pessoalizar ofensas no *YouTube* não movimentam a plataforma no sentido do debate, a menos que se trate de algum *youtuber* famoso ou com projeção midiática visto que nessa plataforma atacar um produtor de conteúdo é atacar também sua base de fãs (inscritos do canal).

Os comentários no *YouTube* são carregados a cada 20 postagens. Assim, 20 comentários positivos retiram o comentário negativo da atual página de visualizações (no caso das postagens mais recentes); ao passo que se esses comentários fossem respostas ao comentário de ódio, este continuaria a se manter no topo das visualizações e as respostas subvisualizadas.

Assim, uma das principais armas para tencionar o debate nessa plataforma ainda é o “like” e “dislike” nos vídeos e comentários por produzirem efeitos instantâneos de visualização e movimentação do algoritmo<sup>44</sup>. Outra forma de também tencionar o debate é entrar na disputa pelo comentário mais divertido, provocativo, engraçado e criativo. Mas esses comentários devem surgir rápido e angariar os “likes”, antes que alguém os crie primeiro ou a página de comentários fique tão extensa que os internautas não tenham mais ânimo de ler.

Curiosamente, os *haters* do canal de Pablio Vittar são muito rápidos na produção desses comentários, como dissemos anteriormente, quanto mais novo o vídeo de Vittar, mais fácil fica encontrar os comentários de ódio. Esses “comentaristas de ódio” estão sempre ligados nas novidades do canal, chegando mais rápido do que boa parte dos próprios fãs da artista. Esse fenômeno, poderia ser chamado de “o paradoxo dos *haters*”, visto que se eles negativam o conteúdo (o vídeo) o algoritmo não reabastece sua página com as novidades produzidas, logo, eles só poderiam acessar o conteúdo com tamanha rapidez se ativassem as notificações do canal. Contudo, para ativar as notificações de um canal é preciso estar inscrito nele, ou seja, fazê-lo crescer. Os *haters*, são a versão atualizada dos bisbilhoteiros que, sem nada de interessante para

---

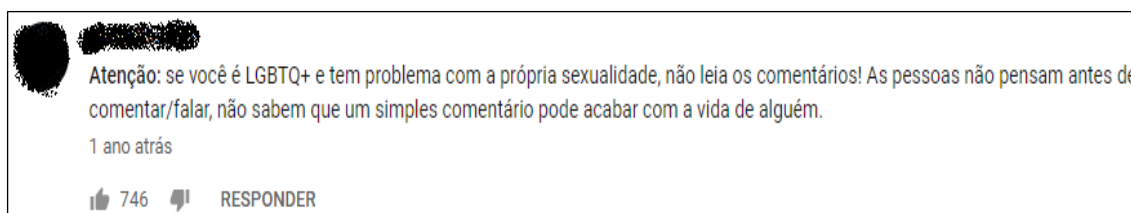
44 Pode-se entender que o **Algoritmo do *YouTube* é um conjunto de processos lógicos**. Eles analisam os vídeos e seus conteúdos para que possa servir melhor para a audiência. Disponível em: <<http://www.playdeprata.com.br/videomarketing/como-funciona-o-algoritmo-do-youtube/>>. Acesso em: 06 dez. 2019.



fazer da própria vida, ficavam o dia todo na janela espiando as vidas que interessam... Para o bem ou para o mal, todo esse esforço tem colocado os vídeos da *drag* na sessão “em alta” do *YouTube* nas épocas de seu lançamento.

Destaco alguns dos argumentos mencionados anteriormente como formas de resistência ao ódio (Fig. 30).

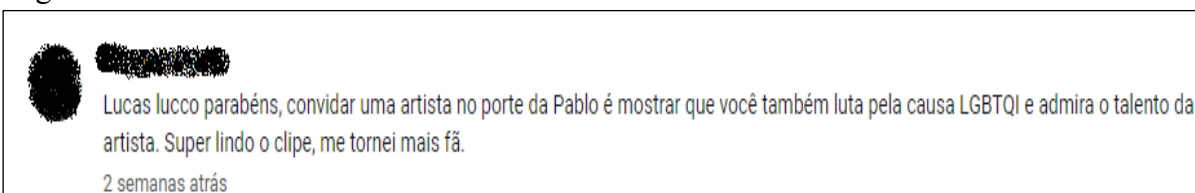
Figura 30 - Comentário de internauta



Fonte: YouTube (2019).

Esse comentário alerta para a toxicidade dos comentários que visam ofender/agredir as pessoas que, de alguma forma, não pertencem ao grupo normativo de sexualidade e gênero. A grande repercussão através das curtidas indica uma sensibilidade e preocupação com a integridade emocional dessas pessoas. Indica também que o processo de aceitação da própria sexualidade/gênero não é fácil e pode ser um percurso muito delicado. Lembro ainda que muitas pessoas que passam pela etapa do autoconhecimento sexual (e de gênero) contam com a *internet* como campo de apoio e informação visto que não possuem a segurança e amparo em outras instâncias da vida social. O *YouTube* mesmo, tem diversos vídeos sobre histórias e modos de contar para a família sobre a orientação sexual e identidade de gênero. As pessoas relatam nos comentários como o vídeo foi importante para elas, como ajudou e deu forças nessa nova etapa da vida. Por isso é importante a disputa discursiva, a denúncia e a luta política no campo dos comentários das redes sociais, pois esse espaço, às vezes, é o único lugar que as pessoas podem buscar apoio nos primeiros momentos dessa nova fase da vida.

Figura 31 - Comentário de internauta

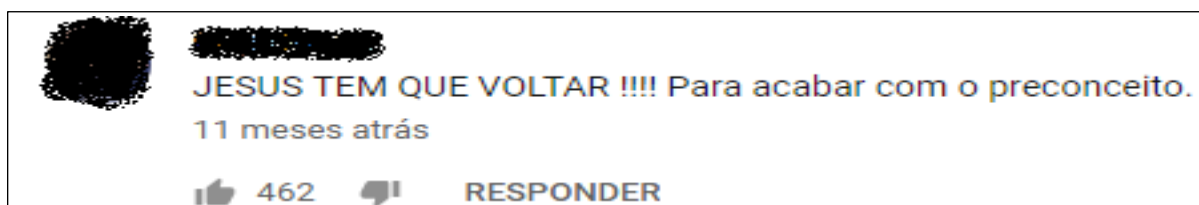


Fonte: YouTube (2019).

Esse tipo de discurso que aqui aparece como um elogio ou incentivo pode ser também uma armadilha como visto no item 7 ‘discurso da aceitação’. Parabenizar atitudes que deveriam ser a regra (respeito) acabam produzindo mais exceção; ou ainda, usadas como moeda de troca. Até onde uma parceria com Vittar é de fato uma decisão política em prol de uma comunidade ou uma estratégia midiática de visibilidade e publicidade?

Nas relações de enfrentamento do ódio na rede, não me parece uma boa estratégia exaltar as supostas ‘boas ações’ de figuras que não tem participação política na causa das dissidências sexuais e de gênero. A banalização do desrespeito produz o espanto das atitudes respeitadas; penso então, que a inversão do centro de referência, ou seja, escandalizar-se pelo desrespeito, tenha um efeito muito mais potente. Na *internet*, esse escândalo pelo desrespeito é conhecido pela expressão “mimimi”, que se aproxima da frescura, da revolta sem razão e do politicamente correto. Esse movimento coloca as relações de poder e desigualdade entre as pessoas muito mais em evidência (Fig. 31).

Figura 31 - Comentário de internauta



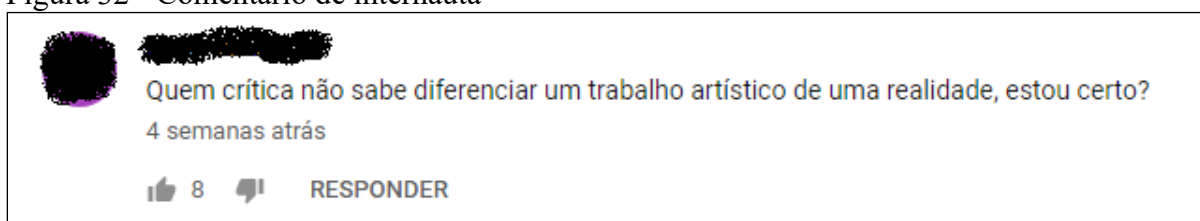
Fonte: YouTube (2019).

Aqui existe uma apropriação de um termo, usado por aqueles que praticam o discurso de ódio religioso, de forma ressignificada. O clamor pela volta do messias se justificaria na necessidade de acabar com o problema do preconceito. Os ensinamentos de Jesus vão na contramão do discurso de ódio e, de fato, a maioria das citações bíblicas usadas para agredir as minorias sexuais são advindas do antigo testamento. As passagens bíblicas da vida de Cristo escancaram a hipocrisia dos moralistas de ontem e de hoje. Mas entre as pessoas que se valem da bíblia para sustentar o ódio, elas fazem um recorte preciso e seletivo para dividir as pessoas entre, de um lado, os imorais, e, de outro, os servos de Deus.

O comentário repercute a necessidade de se acabar com o preconceito. Mas o preconceito em si não é um problema; é um estado precipitado de julgamento dos fatos que pode ser transformado a partir de novas experiências. O discurso de ódio não se equipara ao preconceito. Preconceito é, por exemplo, dizer que todo *gay* é engraçado, divertido.

Preconceitos se ligam fortemente a ideias estereotipadas, de pouca ou nenhuma reflexão. O discurso de ódio produz outros efeitos que não passam pela ‘ingenuidade’ do preconceito. Dentre as principais consequências do discurso de ódio tenho demarcado aqui neste texto os impactos psicossociais e políticos que ameaçam a dignidade de um determinado segmento social. Por isso, entendo que um embate discursivo pelo fim do preconceito é uma estratégia rasa. Geralmente, os discursos que visam combater preconceitos recaem no erro do discurso da aceitação, o erro da relação vertical entre o ‘normal’ e o ‘diferente’ que precisaria ser compreendido, apesar de sua diferença/estranheza (Fig. 32).

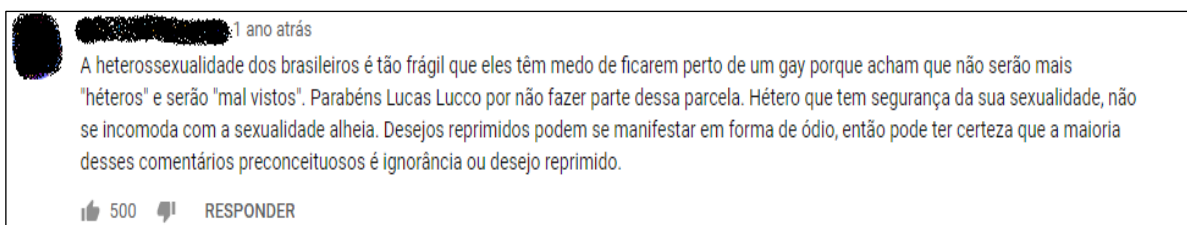
Figura 32 - Comentário de internauta



Fonte: YouTube (2019).

O campo discursivo que se abre aqui aponta para uma dicotomia entre arte e realidade. Em um trabalho artístico tudo é possível, tudo pode acontecer. A potência da arte se encontra no fato dela não ter limites criativos – embora deva ter limites éticos, a arte não pode ser usada como subterfúgio para produzir a degradação do outro. E, se, nesse clipe, a arte se encontrasse com a realidade? A produção teria menos valor? Parece que justificar a relação erótica entre Lucco e Vittar no clipe como arte, ‘como faz de conta’, seria de algum modo uma tentativa de acalmar os ânimos mais exaltados e lembrar que, *na realidade*, eles são apenas bons colegas de trabalho e nada mais (Fig. 33).

Figura 33 - Comentário de internauta



Fonte: YouTube (2019).

É interessante ver que um comentário dessa repercussão tenha tocado no tema da fragilidade sexual do homem homossexual. Sabe-se que sustentar qualquer *performance* de gênero e sexualidade tem seu preço e até a performance do homem cis homossexual não é

composta apenas de privilégios. Mas, entendendo também que defender a ideia de uma sexualidade segura, fixa, nega a fluidez da própria sexualidade e retoma o debate essencialista sobre a ‘verdade do sexo’.

Assim, ainda que os comentários de enfrentamento ao ódio apareçam para disputar os espaços discursivos da rede é importante notar a recorrência na defesa de duas ideias que podem se revelar como armadilhas: uma é a identidade sexual fixa e a outra que a convivência e o trabalho com pessoas dissidentes da norma sexual e de gênero é um grande esforço digno de reconhecimento. O primeiro argumento reforça a ideia de que práticas sexuais precisem ser enquadradas por um determinado rótulo ou identidade e o segundo argumento reproduz a prática da aceitação benevolente daqueles que estão do lado da ‘normalidade’. E ambos os argumentos recairiam na mesma matriz de pensamento metafísico que originam os sete grupos do discurso de ódio.

Para superar essa aporia, é preciso ocupar a *internet* para além dos espaços de comentários, é preciso ocupar o espaço de sua produção de conteúdo, criando novas formas de dialogar que não se limitam a explicar, mas em provocar e incitar as potencialidades das dissidências sexuais e de gênero na rede. Essa tarefa não é fácil, para muitos opositores, a produção de conteúdos dissidentes são uma ameaça a seus valores e esses conteúdos estão na linha de frente de uma batalha de censuras, denúncias e reverberações midiáticas.

#### 4.2 CENSURAS, DENÚNCIAS E REVERBERAÇÕES MIDIÁTICAS

Entendemos que, ao analisar os comentários dos vídeos propostos, encontraremos pistas para pensar questões que atravessam vários outros conteúdos que circulam na *internet*, ou seja, o suposto ‘ponto final’ das questões que dizem respeito às dissidências sexuais e de gênero.

Em sua página<sup>45</sup> oficial, o *YouTube* apresenta como sua missão “dar a todos uma voz e revelar o mundo” (acesso em 11 out. 2019). Posteriormente, acrescentam: “Acreditamos que todos têm o direito de expressar opiniões e que o mundo se torna melhor quando ouvimos, compartilhamos e nos unimos por meio das nossas histórias” (acesso em 11 out. 2019). O *site* de vídeos explicita como valores: a liberdade de expressão, o direito à informação, direito à oportunidade e liberdade para pertencer.

---

45 Disponível em: <<https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/>>. Acesso em: 16 out. 2019.

Dadas as boas-vindas, é importante conhecer, tanto quanto possível, as regras, possibilidades e proibições da plataforma de vídeos através da sessão de Políticas do *YouTube*. Apenas quem sente na pele as consequências de andar em dissidência sabe da importância de se negociar com as normas vigentes. Através da leitura dessas políticas, entendemos que corpos e afetos dissidentes precisam explicar cuidadosamente seu contexto de existência para garantir visibilidade na rede, uma vez que, lidam diariamente com os rótulos da “depravação” e posteriormente, todo aquele processo de denúncia, avaliação de censura e luta por existir na rede.

Na *internet*, as dissidências sexuais e de gênero são alvo constante dos vigilantes moralistas, que por má-fé, fazem usos dissimulados de ferramentas criadas para promover respeito e integridade das imagens de cada um. Citamos como exemplo o videoclipe desta pesquisa, embora sensual, foi acusado de sexual. Escandalizaram-se com um beijo quem nem aconteceu! Talvez o ódio provoque essas alucinações... A seguir, listamos os principais tópicos que informam das regras, penalidades, recursos e ferramentas disponíveis no *YouTube*.

#### 4.3 POLÍTICAS DO *YOUTUBE*

A página<sup>46</sup> oficial em português sobre as políticas e segurança do *YouTube* detalham as diretrizes das práticas proibidas e permitidas no *site* de vídeos. De imediato, é possível encontrar um vídeo no topo da página, o qual explica resumidamente as políticas e segurança da plataforma de vídeos. Basicamente, alerta que conteúdos (vídeos, áudios, imagens, miniaturas, figurinhas e comentários) que sejam ilegais ou desrespeitem as diretrizes da plataforma são excluídos e as contas dos usuários podem sofrer penalidades temporárias ou definitivas (exclusão).

A página possui três grandes sessões para tratar desses temas e estão agrupados em: A- Diretrizes da comunidade, B – Ferramentas e recursos de segurança, C – Denúncia e aplicação da política. Cada grupo possui subdivisões temáticas que podem ser vistas na íntegra na página oficial do *YouTube*. Explicitarei apenas aquelas que guardam relação direta com o objeto de estudo. Vale lembrar também que a lista de exemplos daquilo que deve ou não ser feito na comunidade sofre periodicamente alterações e atualizações. Geralmente, os princípios

---

46 Disponível em: <<https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/policies/#community-guidelines>>. Acesso em: 16 out. 2019.

dessas diretrizes se mantêm os mesmos, as alterações são feitas com a finalidade de oferecer mais exemplos que retratem novas situações.

#### **4.3.1 - Diretrizes da comunidade**

Os doze itens que fazem parte dessa seção são: 1 - Nudez ou conteúdo sexual, 2 - Conteúdo prejudicial ou perigoso, 3 - Conteúdo de incitação ao ódio, 4 - Conteúdo explícito ou violento, 5 - Assédio e *bullying* virtual, 6 - *Spam*, metadados e golpes, 7 – Ameaças, 8 - Direitos autorais, 9 – Privacidade, 10 - Falsificação de identidade, 11 - Segurança infantil, 12 – Outras políticas. Desses, vale a pena citar os itens que podem gerar a remoção (ainda que, às vezes, injusta) do conteúdo ou usuário no *YouTube* como “Nudez ou conteúdo sexual”, “Conteúdo de incitação ao ódio”, “Assédio e *bullying* virtual” e “outras políticas”.

##### **4.3.1.1 Nudez ou conteúdo sexual**

Nesse item o *YouTube* alega que a nudez e o conteúdo sexual são permitidos apenas para finalidades científicas, documentais, educativas e artísticas. Os conteúdos criados com a finalidade de satisfação sexual ficam proibidos. A empresa pede ainda que os produtores de conteúdos deixem o mais claro possível o contexto e a proposta do vídeo para facilitar a análise da equipe e evitar denúncias por parte dos usuários. É nesse ‘contexto’ que muita coisa escapa e os conteúdos dissidentes recebem maiores denúncias. O *YouTube* não revela os dados das denúncias, essa informação fica restrita apenas à empresa, entretanto, através dos sinais de *deslike*, comentários de ódio nos vídeos e mesmo em casos em que o vídeo fica horas ou dias ausente da plataforma, é possível inferir que o material sofreu denúncia.

Ainda que as manifestações de afeto e sensualidade nos vídeos dissidentes não sejam mais explícitas que os conteúdos normativos, a polêmica formada na rede sempre demanda um esforço a mais, uma explicação a mais, um cuidado a mais na confecção desses conteúdos que outros vídeos não tem, uma espécie de ‘higienização’ da imagem para que possa parecer menos chocante. Enquanto os beijos heterossexuais são exibidos em câmera lenta o selinho gay ainda provoca ruído. É como se os conteúdos dissidentes precisassem entrar pela porta dos fundos da *internet*, a não ser na pornografia.

Portanto, é muito importante o trabalho de *sites* voltados a públicos dissidentes, de denunciar abusos de poder na censura desses conteúdos como o *site* do ‘Põe na Roda’ fez ao

publicar matéria<sup>47</sup> a respeito da restrição de idade de um clipe de Pablllo Vittar no *YouTube*. O Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (CONAR) exigiu a restrição de idade no clipe da *drag* por conter publicidade de bebida alcoólica, um procedimento padrão. Contudo, o CONAR disse não ter conhecimento de outros clipes na mesma situação enquanto existem ao menos 5 outros clipes com milhões de visualizações - de artistas heterossexuais - que não sofreram a mesma interferência.

#### **4.3.1.2 Conteúdo de incitação ao ódio**

De modo muito semelhante ao item 1, o *YouTube* permite abordar a temática do discurso de ódio nos formatos educativos, mas proíbe a prática do discurso de ódio. Para tanto, oferece vários exemplos do que fazer e não fazer a respeito. Proíbe-se, por exemplo, incitação ao ódio, à violência, humilhação, difamação, desumanização e produção de estereótipos de pessoas baseado em características como: idade, classe social, deficiência, etnia, identidade de gênero, nacionalidade, raça, situação imigração, religião, sexo, gênero, orientação sexual, vítimas de um evento violento em grande escala e os familiares dessas pessoas e veteranos de guerra. Entretanto, na sessão de comentários do vídeo das políticas de segurança, diversos internautas manifestam seu desacordo com a seriedade das denúncias seja nos comentários, seja nos *deslikes* que chegam a 60% aproximadamente. Não é sabido o nível de seriedade que a empresa trata essas questões e nem teria como saber uma vez que essa discussão não é aberta aos usuários, mas conheço as consequências dos silenciamentos de populações historicamente subalternizadas sobretudo nas formas que levam para o próximo tópico.

#### **4.3.1.3 Assédio e bullying virtual**

Segundo a empresa “não é permitido conteúdo ou comportamento destinado a assediar, ameaçar ou intimidar terceiros de forma mal-intencionada no *YouTube*” (acesso em 04 out. 2019). Ou seja, fica proibido para criadores de conteúdos e consumidores de conteúdos articularem mobilizações e campanhas de assédio e perseguições a terceiros no *YouTube*. Entretanto, segundo o filósofo, escritor e *youtuber* Henry Bugalho<sup>48</sup>, é recorrente o caso de *youtubers* que se atacam em vídeos e de seguidores que fazem o serviço de assédio e *bullying*

---

47 Disponível em <<https://poenaroda.com.br/diversidade/homofobico-conar-diz-nao-ter-conhecimento-de-outros-clipes-com-bebida-alcoolica-alem-de-pablllo/>>. Acesso em: 16 out. 2019.

48 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dDt1zYCZ1b8>>. Acesso em: 16 out. 2019.

nos comentários. O que a empresa tem feito mais sistematicamente desde 2019 é retirar a monetização dos vídeos, ou seja, a capacidade de ganhar dinheiro com o conteúdo. Uma medida importante, mas insuficiente e que precisa ser melhorada. Bugalho lembra que o *YouTube* também aplica as mesmas penalidades aos produtores de conteúdo que combatem os discursos de ódio. O primeiro corte de monetização é feito pela inteligência artificial da plataforma, e se o produtor de conteúdo discordar da medida pode pedir uma nova avaliação com um funcionário humano da empresa. Entre os dias que se passam recorrendo da medida, perde-se tempo, dinheiro e divulgação do vídeo. É preciso que a empresa invista em tecnologia para penalizar apenas os agressores, visto que não é justo que internautas que trabalham em conformidade com as políticas da empresa sejam penalizados.

### 4.3.2 Outras políticas

Essa sessão lembra que o uso de linguagem de baixo calão pode levar o vídeo à restrição de idade. Lembra também que, publicar conteúdo que incentive os usuários a desrespeitar os termos de serviço do *YouTube*, pode levar a remoção desse conteúdo e/ou encerramento da conta. Além disso, o uso das palavras de baixo calão pode gerar a desmonetização do vídeo e perda de publicidade e patrocínio. Acredito que essa medida exista por duas razões: primeiro pelo gerenciamento automático (inteligência artificial) de discurso de ódio no *YouTube* igualar essas palavras com intuito de ofender e também devido a uma preocupação da empresa com o público menor de idade que a acessa.

Após conhecer os tópicos disponíveis na página oficial do *YouTube* sobre as políticas e segurança dessa comunidade virtual, compreendo a importância de cada um desses itens na intenção de construir uma comunidade democrática, plural e respeitosa. Entretanto, a partir dos estudos sobre os vídeos que compõem esta pesquisa, sabemos que na prática a comunidade não é assim. A produção diária do ódio nessa plataforma acontece em uma velocidade muito superior aos esforços da equipe de análise de denúncias e do sistema de inteligência automático de detecção de denúncias.

Além disso, conforme mostrado no item “Problematizando Comentários”, os comentários de ódio inevitavelmente virão, e, confrontá-los nesse espaço parece ser mais interessante para os autores desses comentários, que percebem que conseguiram provocar incômodo do que como espaço de resistência, embora também seja possível resistir nesse espaço seja na resposta, no silêncio ou denúncia.



Nossa aposta de resistência na rede; em vez de apenas silenciar, notificar, banir e confrontar os comentários ou discutir com seus autores, é apostar na produção e apoio de conteúdo público que abalem esses comentários/comentadores, ou seja, informação, humor, diversão e militância na rede através de novos vídeos, *memes*, músicas, etc. Essa via gera um impacto muito maior, porque promove retorno financeiro a seus produtores, cria comunidades virtuais com objetivos afins, propaga informação e conhecimento, cria redes de afeto e amizades com trocas de ideias e experiências a respeito das dissidências, criam novas formas de visibilidades que não dependem das mídias tradicionais. Conforme Foucault dizia a respeito das relações de poder, “de modo geral, eu diria que o interdito, a recusa, a proibição, longe de serem as formas essenciais do poder, são apenas seus limites, as formas frustradas ou extremas. As relações de poder são, antes de tudo, produtivas” (FOUCAULT, 1984, p.133). De modo semelhante, defendemos que as relações de poder na rede também devem operar mais pelas produções que pelas proibições. Apostamos nas disputas de verdades e visibilidades na rede, no *YouTube*. Ainda que, no caso das produções sexo-gênero-dissidentes apareçam desafios que pessoas cis-heterossexuais desconheçam.

Em 2017, o *YouTube* foi acusado<sup>49</sup> de restringir conteúdo dissidente classificando-o como restrito (potencialmente censurável). Simples menções de orientação sexual dispararam tal classificação. Esse problema repercutiu no *Twitter* e o *YouTube* pediu desculpas e informou que trabalharia na resolução do problema. Em 2019 o problema se repete. Segundo Allan Wood (2019) *Youtubers* norte-americanos acusam o *site* de vídeos de manipular algoritmos em detrimento de conteúdos e palavras-chave relacionadas às dissidências sexuais e de gênero, gerando desmonetização dos vídeos. Segundo os entrevistados o mesmo não ocorre com as palavras-chave hétero e heterossexual. Além disso, os entrevistados alegam que conteúdos dissidentes (ainda que não tratem de sexo) têm sido considerados sexualizantes e por conseguintes menos divulgados e restritos. Um porta-voz do *YouTube* nega as acusações.

O *YouTube* possui regras definidas para publicação de conteúdo adulto, existe um aviso nos vídeos “Vídeo com restrição de idade (com base nas Diretrizes da comunidade)”. É preciso fazer *login* com um endereço de *e-mail* válido, comprovando a maioridade. Assim, enquanto não houver confirmação de *login*, fica impossível acessar o conteúdo. Entretanto, as polêmicas e escândalos que se criam em torno dos conteúdos dissidentes, produzem um estado de alerta vermelho na rede. O excesso de denúncias pode retirar um conteúdo da plataforma

---

49 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FNwRCUPyOtM>>. Acesso em: 13 out. 2019.

apenas retornando quando se prova que o material não era impróprio. Ocorre que nesse movimento, o vídeo excluído que retorna perde todo seu potencial de novidade, de viralização, de alcance e suas antigas visualizações e comentários. Ao retornar, seu impacto nunca mais será o mesmo. Ao perder toda essa potência visual, se perde também popularidade, potenciais novos inscritos no canal, apoio financeiro e propagandas. Para aqueles que dedicam sua vida a esse trabalho de produção de conteúdo nessa plataforma, é uma perda imensa.

Esse processo pode ser interpretado como um retorno ao armário virtual promovido pelo *YouTube*, e esse retorno não ocorre apenas nos mecanismos de denúncias e censuras da plataforma de vídeos. A manipulação dos algoritmos de visualização e a ocultação das palavras relacionadas ao universo das dissidências no Google (dona do *YouTube*) também são forma de silenciamento e tentativas de retorno ao armário. A intenção da Google era reduzir o retorno de conteúdo pornográfico que as palavras disparavam, e limitar a busca para conteúdos informativos como saúde e educação, por exemplo (NOGUEIRA, 2019), o que em si é uma medida positiva. O problema é que a barra de pesquisa do Google não completa palavras de cunho sexual, incluindo aí palavras como lésbica, bissexual, travesti, entre outras. Seria um movimento de assepsia virtual? Uma preocupação com a objetificação das pessoas? Acharmos difícil que essas sejam as razões enquanto a sexualização da mulher cisgênero continuar servindo de chamariz comercial ao homem cis-heterossexual, inclusive em comerciais que circulam no *YouTube*.

Manifestar na rede, outras formas de ser e amar – mesmo não experimentando das agressões sofridas na rua – ainda são alvo de censura de um modo muito particular. Via de regra, todo conteúdo virtual considerado ofensivo e/ou inapropriado para menos de idade pode ser denunciado à administração da página virtual e ser removido. Ocorre que há casos de denúncias (FUSSEL, 2018) de imagens com manifestações de afeto e carinho entre pessoas do mesmo sexo que são retiradas do ar ou autorizadas apenas mediante confirmação de maioridade, impedindo assim, a livre circulação de conteúdo sem nenhuma conotação erótica.

Outro exemplo é a denúncia seguida da remoção das fotos no *Facebook* de homens transexuais sem camisa. Os denunciantes e a administração do *Facebook* acreditam que as imagens que mostram o processo de transição de gênero são conteúdos pornográficos. De forma semelhante, mulheres cisgênero que publicam em suas páginas fotos e vídeos com imagens que aparecem seus seios – por exemplo em momentos de amamentação ou operação cirúrgica – podem ter seus arquivos denunciados como material erótico. Ou seja, mesmo as mulheres cisgênero não podem dispor da liberdade de seus corpos da mesma forma que os homens

cisgênero, o que nos leva a pensar que a luta de mulheres pode ser uma potencial aliança em conjunto com outras lutas que buscam ampliar a liberdade e autonomia sobre o próprio corpo.

Também é importante entender de que maneira os vídeos foram tratados pela mídia televisiva e demais mídias virtuais. A interface TV e *internet* ainda é muito forte, portanto, ainda é comum que uma cena ou acontecimento que fez sucesso em uma mídia chame a atenção em outra. Talvez seja uma característica da nova geração. Uma pesquisa<sup>50</sup> de 2018 indica que apenas 18% dos telespectadores dedicam atenção exclusiva à TV. O restante faz outra atividade ao mesmo tempo. Essa atividade, geralmente está relacionada ao uso do *smartphone* como segunda tela. Alguns programas de TV de considerável audiência, possuem um espaço dedicado à leitura ou exibição de mensagens enviadas pela *internet* através das redes sociais oficiais desses programas. Não raro, esses programas de TV e seus apresentadores capitalizam seus programas e sua imagem para outros canais virtuais como *YouTube*, *Instagram*, *Facebook* (dentre outros) a fim de expandir sua imagem, ou melhor, o valor de sua imagem diante de potenciais anunciantes de publicidades.

No caso do vídeo de Thalita, apesar do acesso pelo *YouTube*, o conteúdo original pertence ao Programa Sílvio Santos. O vídeo utilizado é apenas um fragmento do programa que possui íntegra apenas na TV ou *site* oficial da emissora. Um internauta editou parte do programa e o lançou como vídeo no *YouTube*. Esse gesto, individual, gerou milhares de visualizações e centenas de comentários, carregando os enunciados mais diversos em torno da dissidência da moça.

Nos *sites* de notícias, a fama de Thalita se fez por conta do suposto romance da moça com o jogador de futebol Romário. Geralmente, esse tipo de matéria se resume aos comentários em torno da beleza da companheira, reforçando padrões de beleza ligados ao que move esse mercado. Entretanto, aos olhos da mídia especializada em vender notícias da vida de famosos, encontraram algo mais extraordinário que a beleza de uma mulher para mudar todo o foco da matéria, a transexualidade de Thalita. Essa dissidência é usada como chamariz de cliques para matérias sensacionalistas, explorando o passado antes da transição e sugerindo uma masculinidade duvidosa de quem sai com a mulher trans. Mas essa comoção não se restringiu aos sites de notícias. Thalita foi convidada a diversos programas de televisão de, pelo menos, quatro emissoras da TV aberta.

---

50 Disponível em: <<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/pesquisa-video-viewers-como-os-brasileiros-estao-consumindo-videos-em-2018/>>. Acesso em: 16 out. 2019.

A mídia televisiva, por décadas, tem usado moças bonitas como adorno (dançarinas, apresentadoras, garotas-propaganda, garota do tempo, plateia do auditório). Quando entrevistadas, pergunta-se da alimentação, rotina de exercícios, maternidade, dicas de moda e maquiagem. Thalita na TV não tem nem a chance de ser uma mulher estereotipada, está aquém disso, porque sua condição de mulher na mídia é inconsistente. Seu lugar na mídia tem sido como o espetáculo exótico da criatura que ‘parece mulher’ e que se envolveu supostamente com um jogador de futebol o qual, por sua vez, tem sua condição de homem questionada. Diante de tanto escândalo e polêmica, a beleza dela é apenas um detalhe. Detalhe não! Condição de ser minimamente ouvida.

Em uma leitura deleuziana, Roseiro, Rodrigues e Alvim (2018, p. 285) disparam que “a beleza tornou-se uma cifra necessária para que o corpo consiga circular nas sociedades de controle”. As pessoas dissidentes, que não possuem o privilégio estético, tornam-se instantaneamente piada. A *internet* é prova disso, seus vídeos e *memes* que circulam diariamente fazem das dissidências ‘feias’ motivos de riso. Com uma cruel predileção pelos corpos gordos, negros e periféricos. Um exemplo? O vídeo<sup>51</sup> ‘Morra de rir bichas engraçadas’. Não por acaso o corpo que abre o vídeo é de uma travesti negra trabalhando na prostituição. Na sequência, um compilado de corpos e vozes em dissidências (estéticas, de gênero e de sexualidades). Beleza também é um privilégio que atravessam os corpos e (re)negociam sua condição de ser e estar no mundo.

O videoclipe de Pablllo com Lucco contou com matéria no Programa de TV Fantástico da Rede Globo, com cenas do clipe e entrevista dos artistas. O encontro dos dois artistas foi lançado na TV e *internet* com o objetivo de atingir públicos diferentes, de faixas etárias diferentes. Segundo os próprios artistas uma parceria até então improvável e que gerou surpresas aos fãs de ambos. No *instagram* dos artistas, é possível ver as fotos das cenas de produção do clipe. O espaço do *instagram*, ainda que aglomere mais fãs que *haters*, ainda é um espaço que não está totalmente livre dos discursos de ódio. Em qualquer espaço midiático que seja, TV ou *internet*, as polêmicas parcerias de Vittar e as acaloradas discussões entre fãs e *haters* tem servido de palco para propagandas de diversas marcas. Nos clipes e redes sociais de Vittar é possível ver *merchandising* (uma espécie de propaganda sutil, não declarada) de produtos como TNT, *Trident*, *Colgate* e tantos outros. Não é de hoje que a publicidade brasileira tem usado as dissidências como palcos de seus produtos. Trevisan lembra que:

---

51 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pCJdxyq0weU&t=151s>>. Acesso em: 16 out. 2019.

Por volta de 1984, a TV brasileira apresentou um jingle no qual uma belíssima morena de vestido decotado e ar sensual apresentava um novo tipo de armário e insistia para que as pessoas não se deixassem enganar pelas aparências. Aparentemente, um anúncio comum. Mas, após um cuidadoso trabalho de divulgação complementar ao jingle, o público espantou-se ao descobrir que se deixara “enganar pelas aparências”: aquela fascinante morena era na verdade o travesti Roberta Close, que ganhou fama nacional da noite para o dia, passando a ser o assunto predileto da mídia, de quem ganhou epítetos maliciosos como “a nova Namoradina do Brasil” (TREVISAN, 2018, P. 295).

A lucratividade da imagem de Pabllo Vittar nas mídias supera a própria polêmica em torno de seu nome. Se por um lado, existe o boicote, como no caso das pessoas que se recusavam comprar coca-cola com a estampa do rosto de Vittar e lançando notícias falsas de prejuízos financeiros à empresa<sup>52</sup>; existem tantos outros nichos que desejam consumir Vittar. Uns por identificação do ícone enquanto representatividade e outros porque a tomam como objeto de desejo sexual, ao lado de outras divas da música brasileira. Talvez seja esse o principal motivo das críticas a Vittar. A cantora, se quisesse, poderia se lançar como um homossexual na música brasileira, mas foi além, criou um *alter ego drag queen*, e não foi qualquer *drag* palhaça, caricatural ou engraçada, visto que essa produção também é uma possibilidade do universo *Drag Queen*. Pabllo Vittar performa uma feminilidade bela, quase normativa e erótica com seus maios cavados exibindo a bunda malhada em coreografias excitantes. E Vittar faz tudo isso com sucesso, sem ser uma mulher cisgênero.

Quanto às empresas, vez ou outra em suas redes sociais lançam três ou quatro linhas de um discurso retórico sobre inclusão e diversidade, colam alguns cartazes na Parada LGBT de São Paulo uma vez por ano e conquistam assim esse nicho de mercado. A tarefa de lutar contra os discursos de ódio na rede é de todo internauta que quer se comprometer eticamente com a dignidade das pessoas em dissidência. E essa luta custa muito menos que uma latinha de refrigerante, apoiando e divulgando as produções alternativas e independentes de conteúdo dissidente na rede (vídeos, músicas, *memes*, etc.), lutando por visibilidades, tensionando algoritmos, provocando incômodos. Não é Vittar que incomoda. Ela não foi a primeira e nem será a última figura dissidente de destaque na mídia. Antes, o que incomoda é toda a dissidência de gênero e sexualidade que viraliza na rede (e outras mídias), provocando o pânico moral dos conservadores que se dão ao trabalho de criar/apoiar *sites* especializados em produzir notícias falsas, na vã tentativa de colocar de volta no armário, modos de vida dissidentes.

---

52 O *site* oficial da Coca-Cola no Brasil veio a público anunciar que era falsa a notícia que a imagem de Vittar trouxe prejuízos à companhia. Disponível em: <https://www.cocacolabrazil.com.br/nos-respondemos/escolha-da-cantora-pabllo-vittar-para-estampar-embalagens-de-coca-cola-nao-gerou-prejuizo-para-a-cocacolabrazileclarecem-portais-boatos-org-e-e-farsas>. Acesso em: 16 out. 2019.

## CONCLUSÃO

Com a contribuição de Michel Foucault, e tantos outros autores que se inspiram em seu legado, pude trabalhar um pouco sobre o tema dos discursos em torno das dissidências sexuais e de gênero no *YouTube*. O referencial teórico-metodológico de Foucault, cuja centralidade surge nesta dissertação a partir das noções de enunciado e discurso, deram as direções de como extrair da rede, o problema da produção de anormalidade e abjeção das subjetividades em dissidência.

Os discursos de ódio na *internet*, contra as dissidências sexuais e de gênero, apesar da aparência de banalidade, podem ser tudo, menos inofensivos. O que para alguns pode passar como apenas mais uma ofensa na rede, está no jogo de uma discursividade explosiva. Enunciados e relações de poder estão na razão de ser desses discursos que não estão trancados nas telas eletrônicas, mas na dinâmica do mundo.

Esses enunciados e relações de poder aparecem em um conflito que não é novo, ou seja, entre a ordem social de regulação sexual e de gênero e as subjetividades que escapam dessa regulação ao produzir dissidências e desobediências. E dentre as estratégias de controle dessas dissidências, retornam enunciados que compõem algumas das peças fundamentais de produção de anormalidade, de subjetividades abjetas. Extermínio, pecado, imoralidade, doença, aberração, promiscuidade e inclusão são apenas algumas das ‘gaiolas’ construídas institucionalmente para enquadrar subjetividades desviantes.

Comentários odiosos na *internet*, vindos geralmente de pessoas privilegiadas, de um estatuto de normalidade sexual e de gênero, não são palavras vazias, são lembretes que toda pessoa em dissidência deveria levar em conta. Esses lembretes dizem das possibilidades de extermínio dessas vidas que não cabem nas normas, de um exílio social ou possível retorno à clausura prisional, manicomial, hospitalar. Por isso, é preciso ter em mente que todo ato discursivo é político e que não há conquistas definitivas que dispensem a vigilância das relações de poder e privilégios.

Em um primeiro momento, pensei que o discurso de ódio contra as dissidências sexuais e de gênero na *internet* poderia ser combatido com um discurso educativo, como uma espécie de antídoto para um veneno. Mas essa abordagem dicotômica tem alguns problemas. Em primeiro lugar, essa postura sugere, além de uma arrogância, uma falsa oposição entre educadores (que possuem ‘a verdade e a explicação correta dos fatos’) e educandos (‘imersos em ignorância’) na rede, cristalizando apenas duas identidades possíveis em um oceano de enunciações intercambiáveis que é a *internet*, e também a própria sociedade. Em segundo lugar,

nem todas as pessoas na rede querem conversar ou trocar ideias nos comentários, então insistir em um espaço dialógico na rede seria uma medida que não chegaria a essas pessoas. Por fim, o espaço dos comentários tem um alcance muito restrito numericamente, e ao longo do tempo, fica cada vez menor.

Portanto, para entender essa problemática do discurso de ódio na *internet*, é preciso recuar um pouco e pensar a respeito das condições de possibilidade desse discurso na rede, ou seja, a ampliação do acesso da *internet* no Brasil e a possibilidade de democratização da produção de conteúdo popular através de arte, informação, conhecimento e entretenimento a respeito das dissidências. Nesse sentido, a resistência se torna muito mais potente ao produzir conteúdos dissidentes do que um esforço de criminalização e silenciamentos dos discursos de ódio. Do mesmo modo que Foucault alertava que a forma mais eficaz de poder não se direciona no combate às proibições, as ações de resistência na rede não devem se ocupar de silenciar os agressores, antes, devem investir nas produções de novas visibilidades dissidentes na rede.

De fato, a *internet* já conta com centenas de *youtubers* voltados para a produção de conteúdos dissidentes das normas sexuais e de gênero e todos eles precisam de apoio para crescer e se manter na rede. Alguns precisam de apoio financeiro, principalmente no início do trabalho, quando não tem alcance suficiente para viver das publicidades ou quando os temas ligados às questões de sexualidade e gênero são considerados pela plataforma como muito polêmicos ou impróprios para menores de idade. Outras formas de ajudar são através da inscrição no canal, curtidas e comentários que aumentam o engajamento e operam o algoritmo para elevar a visibilidade do conteúdo. Muitas das discussões que existem na *internet* seriam impensáveis na televisão, na escola, nas igrejas e infelizmente, dentro de muitas famílias. Por isso, é preciso que as pessoas comprometidas com as lutas dissidentes entendam que a importância de ocupar o espaço da *internet* é a possibilidade de construção de novos formatos de ensinamentos, aprendizagens e alianças políticas, usando a tecnologia para construir outras formas de ser e estar no mundo.

A *internet*, proporciona espaços de conversas e acesso à informações fundamentais para a população dissidente, tais como: direitos, saúde, política, educação, formação, oportunidades de trabalho, lazer, entretenimento, etc. É preciso apostar na potência dessas ferramentas tecnológicas para construir novos espaços e ampliar os que já existem. Assim, esses espaços de resistência, de produção de arte, vida e afeto, tão negados em outros lugares, podem ser objeto de estudos posteriores, respondendo questões como: o que pode a dissidência em rede? Quais os rebatimentos de sua arte, afeto, ativismo e saber no mundo *online* e *offline*? Quais as alianças possíveis na consolidação da cidadania de uma população historicamente

subalternizada? Quais as estratégias mais interessantes para se ocupar o espaço virtual na produção da vida dissidente? Como processos populares e autônomos na *internet*, podem resistir às capturas comerciais e institucionais?

Para lograr êxito nesses pontos em aberto, acredito que seja importante deixar uma contribuição que me apareceu nesta pesquisa. Ao enfrentar os obstáculos e as pessoas que nos detestam, é preciso não cair na armadilha de seu modo de ver o mundo, ou seja, não entrar em uma disputa pela verdade da natureza do corpo, do sexo e do gênero, recaindo em um paradigma essencialista da subjetividade (nascemos assim). Antes, como lembra Foucault, para enfrentar a ordem é preciso apostar na produção de novas formas de prazer, de arte, de política, de saber, apostar em novas formas de nos fazer sujeitos, superando os limites que nos é imposto ao nascer. Além disso, é preciso abrir os olhos para os discursos de aceitação, e não aceitar migalhas de cidadania, exigindo, sempre que houver condições propícias, cidadania plena, buscando uma utopia de fim de privilégios e afirmação de nossa existência dissidente, em todos os espaços possíveis, sem precisar de tutela de privilegiados, protagonizando nossa própria luta.



## REFERÊNCIAS

- AGUERO, Dolores Aronovich. **Escreva Lola escreva. Faixa de miss é mais importante que faixa presidencial.** Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com/2011/01/faixa-de-miss-e-mais-importante-que.html>>. Acesso em: 18 mai. 2019.
- AMARAL, Julião Gonçalves. Lutas por reconhecimento, desrespeito e universidade: a atuação dos coletivos universitários de diversidade sexual para o enfrentamento à homofobia institucional. **Revista Teoria e Sociedade**. n. 21.2 – jul./dez. 2013.
- ANDRADE, Marcelo; PISCHETOLA, Magda. O discurso de ódio nas mídias sociais: a diferença como letramento midiático e informacional na aprendizagem. **Revista e Currículo**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 1377– 1394 out./dez. 2016.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Trad. Estela Abreu e Cláudio Santoro. Campinas, SP: Papirus, 1993.
- BALESTRIN, Patrícia Abel; SOARES, Rosângela. “Etnografia de tela”. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlycy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.
- BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira; SILVA, Laionel Vieira da. “Os cães do inferno se alimentam de blasfêmia”: religião e transfobia no ciberespaço. **Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, a. 18, n. 24, p. 110-133 jan./jul. 2016.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. v. 2. Trad. Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BRITZMAN, Deborah. O que é essa coisa chamada amor. Identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**. v. 21(1), jan./jul. 1996.
- BRUGGER, Winfried. Proibição ou proteção do discurso do ódio? Algumas observações sobre o direito alemão e o americano. Tradução de Maria Ângela Jardim de Santa Cruz Oliveira. **Revista de Direito Público**. Brasília: Instituto Brasiliense de Direito Público, a. 4, v. 15, n. 117, jan./mar. 2007.
- BRUGNAGO, Fabrício; CHAIA, Vera. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v. 7, n. 21, p. 99-129, out. 2014/jan. 2015.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. Tradução Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Tradução de Sergio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Civilização brasileira. Rio de Janeiro. 2015.

CANGUÇU-CAMPINHO, Ana Karina; BASTOS, Ana Cecília de Sousa Bittencourt; LIMA, Isabel Maria Sampaio Oliveira. O discurso biomédico e o da construção social na pesquisa sobre intersexualidade. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, 19 [ 4 ]: 1145-1164, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/physis/2009.v19n4/1145-1164/pt>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

CARRARA, S., SAGGESE, G. Masculinidades, violência e homofobia. In: GOMES, R. (Org.). **Saúde do homem em debate**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, p. 201-225, 2011.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COENGA-OLIVEIRA, Danielle. **“Se fosse normal, Deus teria criado Adão e Ivo”**. Brasília, 2011.

COELHO, Taysa. **10 fatos sobre o uso de redes sociais no Brasil que você precisa saber**. Techtudo. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/02/10-fatos-sobre-o-uso-de-redes-sociais-no-brasil-que-voce-precisa-saber.ghml>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA – CFP (2018). **Em defesa da Resolução 01/99, CFP aciona STF**. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/tag/cura-gay/>>. Acesso em: 5, mai. 2019.

DANTAS, Monica Lucia Gomes; NETO, André de Faria Pereira. O discurso homofóbico nas redes sociais da internet: uma análise no facebook “Rio sem Homofobia - Grupo Público”. **Cadernos do Tempo Presente**, n. 19, mar./abr. p. 27- 41. 2015.

DANTAS, Wellington Miguel; ABREU, Giovanna. Homofobia não: violência simbólica e preconceito em uma comunidade ativista do Facebook. **Temática**. a. XII, n. 6. Junho/2016.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)** / Trad. Vera P. Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Nunca Fomos Humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FÁBIO, André Cabette. **O debate sobre se bebês intersexuais devem ou não ser operados**. Fev, 2018. disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/02/10/O-debate-sobre-se-beb%C3%AAs-intersexuais-devem-ou-n%C3%A3o-ser-operados>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

FERREIRA, Madson de Lima. **Militância no Facebook como enfrentamento ao discurso de ódio: análise da página de Jean Wyllys no combate à homofobia na web**. Dissertação (Mestrado) – UFPB. João Pessoa, 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault revoluciona a pesquisa em educação? **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 371-389, jul./dez. 2003.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. "What is Enlightenment?" ("O que são as Luzes?"). In: RABINOW, P. ed.. **The Foucault reader**. Nova Iorque, Pantheon Books. 1984. ps. 32-50. Disponível em: <<http://www.eduardoguerreirolosso.com/FOUCAULT-o-que-s%C3%A3o-as-luzes.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU editora, 2002.

\_\_\_\_\_. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva. 2008.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 174 p. 1986.

\_\_\_\_\_. Os anormais. In: **Coleção Ditos e escritos. v. X 2014: filosofia, diagnóstico do presente e verdade**. Manoel de Barros Motta (Org.). Rio de Janeiro, Forense Universitária.

\_\_\_\_\_. O uso dos prazeres e técnicas de si. In: **Coleção Ditos e escritos. v. V 2004: Ética, sexualidade, política**. Manoel de Barros Motta (Org.). Rio de Janeiro, Forense Universitária.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

FUSSEL, Sidney. Instagram é alvo de críticas por remover foto de casal gay; após polêmica, rede republica a imagem. **Gizmodo Brasil**, 3 jul. 2018. Disponível em: <<https://gizmodo.uol.com.br/instagram-remocao-foto-casal-gay/>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

GULLY, Marlène Coulomb. Gênero, política e análise do discurso das mídias. In: PIOVEZANI, C (Org.). **Presenças de Foucault na Análise do Discurso**. São Carlos: EdUFESCar, 2014. p. 147-162.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. 440 p.

HATERS. **Dicionário online Significados**, 4 jun. 2018. Disponível em <<https://www.significados.com.br/haters/>> Acesso em: 4 jun. 2018.

IRIGARAY, Hélio Arthur Reis; SARAIVA, Luiz Alex Silva; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Humor e Discriminação por Orientação Sexual no Ambiente Organizacional. **RAC**, Curitiba, v. 14, n. 5, art. 7, pp. 890-906, set./out. 2010.

JESUS, Aline. **O que é twitter e para que serve**. disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/02/o-que-e-twitter-e-para-que-serve.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre diversidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília. 2012. Disponível em: <<http://www.diversidadesexual.com.br/wp->

content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf> Acesso em: 5 jul. 2018.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Heteronormatividade e vigilância de gênero no cotidiano escolar. In: RODRIGUES, Alexsandro; DALLAPICULA, Catarina; FERREIRA, Sérgio (Orgs.). **Transposições: Lugares e Fronteiras em Sexualidade e Educação**. Vitória: EDUFES, 2014.

\_\_\_\_\_. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Revista Bagoas**. Rio Grande do Norte, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2256/1689>. Acesso em: 21 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do armário A normatividade em ação. **Revista Retratos da Escola**. Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013. Disponível em: [retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/download/320/490](http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/download/320/490). Acesso em: 30 mai. 2018.

LIONÇO, Tatiana. **Conta a má-fé: conjurações de uma acadêmica de ação direta**. Salvador, Bahia: Editora Devires, 2018. 184 p.

MISKOLCI, Richard. A Teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, a. 11, n. 21, jan./jun. p. 150-182. 2009.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu** (28), jan./jun. 2007:101-128.

MOREIRA, Viviam; BASTOS, Gustavo; ROMÃOS, Lucília. Discurso homofóbico em blogs: tessituras da violência e(m) rede. **Calidoscópico**. v. 10, n. 2, p. 161-170, mai./ago. 2012.

NOGUEIRA, Luiz. Google oculta pornografia em busca com a palavra-chave ‘lésbicas’. **Olhar Digital**, 2019. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/noticia/google-oculta-pornografia-em-buscas-com-palavra-chave-lesbica/89033>>. Acesso em: 9, set. 2019.

ORAÇÕES PARA BOBBY (PRAYERS FOR BOBBY). Russel Mulcahy. Estados Unidos: 2009. DVD. 1h30min., colorido.

PACETE, Luiz Gustavo. **Quem são os usuários do YouTube no Brasil**. Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2017/07/24/quem-sao-os-usuarios-do-youtube-no-brasil.html>>. Acesso em: nov. 2018.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Curso de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, Editora 34, 1999.

PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice (Org.). **Presenças de Foucault na análise do discurso**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

PINA, Carolina. Os limites jurídicos das fake news. **UNO**. n. 27, p. 41-43, mar. 2017.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

\_\_\_\_\_. **Testo Yonqui**. Madrid: Espasa, 2008.

PREGO, Victoria. Bolhas informativas. **UNO**. n. 27, p. 20-21, mar. 2017.

RANCIÈRE, Jacques. **O ódio à democracia**. Trad. Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

REZENDE, Renata; COTTA, Diego. “Não curto afeminado”: homofobia e misoginia em redes geossociais homoafetivas e os novos usos da cidade. **Contemporanea comunicação e cultura**. v. 13, n. 2. p. 348-365. mai./ago. 2015.

RIOS, Roger Raupp; SILVA, Rodrigo da. Discriminação múltipla e discriminação interseccional: aportes do feminismo negro e do direito da antidiscriminação. **Revista Brasileira de Ciência Política**. n. 16. Brasília, p. 11-37, jan./abr. 2015.

ROCHA, Márcia. A luta pela aceitação. In: MOIRA, Amara... [et al.]. **Vidas Trans**. Bauru, SP: Astral Cultural, 2017.

ROSEIRO, Steferson Z.; RODRIGUES, Alexsandro; ALVIM, Davis M. Estéticas da Carne: insurreições curriculares do corpo feio. **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 277-300, abr./jun. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbep/v8n2/2237-2660-rbep-8-02-277.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2019.

ROSENFELD, Michel. Hate speech in constitutional jurisprudence: a comparative analysis. **Public Law Research Paper**. n. 41, Cardozo Law School, abr. 2001. Disponível em: <[https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=265939](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=265939)>. Acesso em: 18 nov. 2019.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu editora, 2017.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu: políticas anais**. Trad. Rafael Leopoldo. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2016.

SAFERNET. **Indicadores**. Disponível em: <<http://indicadores.safernet.org.br/>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

SCHULMAN, S. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 5, 27 nov. 2009.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, June 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332007000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 22 out. 2019.

SILVA, Adriano da. **Homofobia e internet: Identificação de expressões de violência homofóbica em comunidades virtuais**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2016.

SILVA, L.L. et al. Violência silenciosa: como condição da violência física doméstica. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v. 11, n. 21, p. 93-103, jan./abr. 2007.

TIBURI, Marcia. **Como conversar com um fascista**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record. 2015.

TOLEDO, Livia Gonsalves; FILHO, Fernando Silva Teixeira. Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, 65 (3): 376-391. 2013.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso - A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2018.

VARELLA, Gabriela. Só 14% dos internautas se dizem homofóbicos, mas 49% mostram comportamento homofóbico na rede. **Época**. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/vida/experiencias-digitais/noticia/2016/07/so-14-dos-internautas-se-dizem-homofobicos-mas-49-mostram-preconceito-na-rede.html>>. Acesso em: 2 mai. 2019.

WOOD, Allan. Youtubers norte-americanos dizem ter provas de que Youtube censura conteúdos LGBTQ+. **Põe na Roda**. 2019. Disponível em: <<https://poenaroda.com.br/diversidade/youtubers-norte-americanos-dizem-ter-provas-de-que-youtube-censura-conteudos-lgbtq/>>. Acesso em: 16 out. 2019.

## APÊNDICES

## Apêndice A - Descrição do clipe “paraíso” de Lucas Lucco e Pablo Vittar

A primeira cena (duração de 7 segundos) é um enquadramento de uma metrópole. Não se vê nenhuma casa ali. Os prédios têm sua pintura desbotada e as fachadas pichadas. As pichações dizem o nome do clipe e dos artistas no prédio do meio, além de dizeres como “racismo mata” e “abaixo a ditadura”. Nos prédios vizinhos, outras mensagens dizem “*la homofobia mata*”, “a loucura move tudo”, “viva o povo”, “não é não” [e logo abaixo da frase o símbolo de luta feminista (a mão cerrada dentro do espelho de Vênus)], e outros símbolos como o lésbico (dois espelhos de Vênus juntos) e o triângulo do movimento *gay*. É dia, mas não se pode ter certeza se é manhã ou tarde. O tempo parece nublado e há muita névoa. A paleta de cores é composta por vários tons de cinza. Há algumas aeronaves e helicópteros voando por entre os prédios. Não há sinal de pessoas nas varandas dos prédios. O silêncio só é quebrado pelos barulhos das aeronaves que cortam o vento.

A câmera vai se aproximando do prédio central e chega no apartamento de Lucas Lucco, onde acontece a primeira transição de cena. Na segunda cena – com duração de um segundo - é possível observar uma mesa de centro na sala em que há restos de bebidas e comidas, um *abajur* torto e um cinzeiro com guimbas de cigarro. A terceira cena (duração de um segundo) traz o rapaz sentado em seu sofá com o braço direito estirado sobre o móvel e o braço esquerdo relaxado sobre a perna olhando em direção à varanda. Ao lado do sofá há um tonel metálico preto, usado como móvel para suportar um vaso com planta. A parede atrás do sofá é forrada com jornal. O rapaz está vestido com roupa preta, calça de cintura baixa, casaco aberto mostrando o corpo malhado e tatuado. Cabelo escuro, curto, arrepiado em cima e raspado nas laterais.

A cena seguinte (cena 4 – dur. 3 segundos) o mostra mudando sua postura relaxada e o foco de seu olhar. Em seguida (cena 5 – dur. 6 segundos) ele liga um objeto portador de uma tecnologia capaz de emitir imagens holográficas manipuláveis no ar. As imagens mostram-no na companhia de Pablo Vittar. Não se pode afirmar se as imagens são recordações ou se expressam o desejo atual de quem as manipula ou ainda se retratam a expectativa e imaginação de um futuro sobre relação uma vez que a tecnologia utilizada é desconhecida. No momento em que ele manipula as imagens surge um corpo feminino vestido com roupa preta e cabelo longo e liso, não é possível ver o rosto, mas é possível que seja Pablo Vittar. A seguir a cena (6 – dur. um segundo) mostra Lucco de cabeça baixa tocando os dedos uns com os outros próximos ao rosto exibindo os anéis prateados. Mas é na cena seguinte (7 – dur. um segundo) que ele começa

a cantar olhando diretamente para a câmera em que diz “Hoje você vai embora/ Só se eu deixar”. Nas próximas três cenas (8, 9 e 10 – com duração de um segundo cada uma) mostram o rapaz sentado balançando uma perna, abraçando Vittar por trás e Lucco sozinho na varanda gritando, mas sem emitir o som do grito. Continuando a sequência cena (11 – dur.8 segundos) e música ele canta “Hoje embaixo do lençol/ O bicho vai pegar” enquanto está de pé, escorado na sacada da varanda com os braços esticados atrás do corpo. Quando ele começa a cantar o pré-refrão “Te pegó de jeito” é a cena (12 – dur. 2 segundos) em que toca a cintura de Vittar em seu apartamento, e no momento do toque ocorre uma transição de cena com efeito inflamado (13 – dur. um segundo) para um novo cenário e os cantores usam novas roupas e acessórios e o toque na cintura dá lugar a um toque de carícia em que Lucco desliza sua mão sobre o braço de Vittar. O enquadramento dessa cena não permite ver o cenário abertamente, apenas nas bordas da filmagem é possível observar um cenário mais claro de fundo azul. O rapaz está sem camisa e usando uma calça branca e acessórios (pulseira e anéis) dourados. A *drag* está de maiô bege com uma estampa nas cores verde e rosa e sua peruca agora é loira e ondulada. A próxima cena (14 – dur. dois segundos) que se passa no trecho da canção em que diz “E se pegar fogo” eles estão no apartamento e afastados cerca de um metro e meio quando se aproximam bruscamente; nesse momento Vittar acaricia o rosto do rapaz e seus rostos se aproximam na intenção de um beijo; não há como saber se o beijo aconteceu pois a câmera filma as costas de Lucas Lucco. No momento em que a *drag* toca o rosto dele ocorre outra transição de cena com efeito inflamado (15- dur. um segundo) para o novo cenário e agora é possível ver o mar num dia ensolarado com rochas no entorno dos artistas. A *drag* está com braços em volta do pescoço do rapaz e ele deixa sua cabeça encostada na dela. A próxima cena (16- dur. 5 segundos) eles estão de volta ao apartamento e ele se afasta dela colocando as mãos para cima e ela anda na direção dele a passas curtos colocando as mãos na cintura quando a canção diz “deixa queimar” e muda para cena (17 – dur. um segundo) do rapaz olhando a câmera enquanto canta. A cena (18 – dur. um segundo) mostra Lucco encostado na parede e a câmera filma seu corpo de cima para baixo parando na altura da virilha e muda para cena (19 – dur. 2 segundos) em que eles se reaproximam na parte da canção que diz “te beijo gostoso” e ele avança na direção dela segurando seu pescoço e no momento do toque nova transição de cenário. Nesse cenário (cena 19 – dur. um segundo) ele ainda segura o pescoço dela e os dois estão de lábios semiabertos. Esse cenário, além do azul do céu e do mar, conta com folhagens verdes e as rochas ao redor dos artistas. A cena posterior (20 - dur. um segundo) traz o casal sentado trocando carícias no sofá do apartamento; enquanto Lucco canta “eu tiro sua roupa”. Outra cena (21 – dur. três segundos) ele canta ainda no apartamento “te levo pro paraíso” olhando para a câmera e ocorre



nova transição de cena (22 – dur. um segundo) para uma praia cercada de rochas em que Vittar encara a câmera e Lucco olha para seu lado direito. Como os dois estão sendo filmados integralmente de pé é possível ver toda a roupa agora. Ele não está apenas de calça branca, usa um colete branco também. A estampa do maiô de Vittar é uma folha de caládio. A cena posterior (23 – dur. 3 segundos) mostra os dois com as cabeças encostadas; Lucco filmado por um ângulo lateral e Vittar de frente olhando para a câmera. É essa cena que inaugura a participação da *drag* no clipe em que canta o refrão “e eu vou”, 4 vezes. Ainda no refrão uma nova cena (24 – dur. um segundo) mostra os dois dançando sobre as areias da praia. Ainda no refrão, mas na parte cantada pelo rapaz “te levo pro paraíso” há um jogo de 5 cenas (25/26/27/28/29 – dur. aproximadamente um segundo cada) que alternam entre os artistas dançando e trocando carícias em diferentes partes da praia. Essas cenas são trabalhadas com uma paleta de cores dourada e amarela expressas nos acessórios, cabelos, luz do sol, *glitter* e folhas amarelas misturadas com as verdes. Alternando o refrão – agora com Vittar - na parte em que ela canta “e eu vou” o rapaz acaricia sua coxa (cena 30 – dur. um segundo) e depois se alternam mais sete cenas (31/32/33/34/35/36/37 – dur. um segundo cada aproximadamente) entre danças e carícias na praia filmada por diferentes ângulos. Terminado o refrão a segunda parte da canção traz Pabllo Vittar cantando “diz o que cê quer de mim” numa cena (38 – dur. um segundo) em que ela está de volta ao apartamento com as roupas escuras e cabelos negros e lisos adornados por uma tiara prateada e maquiagem suave. Na sequência (cena 39 – dur. 4 segundos) ela ainda canta “provocou e eu quero sim” em novo cenário com novas roupas. O cenário é um rio raso com água na altura da canela. O leito do rio é cercado por plantas verdejantes e árvores rasteiras iluminadas por uma luz solar de aspecto matinal. Ela veste um maiô bege sem estampa com um longo colar de pedras transparentes; ele veste apenas uma bermuda dourada. Enquanto ela canta, também acaricia a nuca do rapaz e ele beija (ou finge que beija, não é possível ver) seu pescoço. Vittar segue cantando (cena 40 dur. 6 segundos) “a noite toda, a noite toda, sim” no apartamento, de pé, em frente a um relógio de ferro com algarismos romanos e Lucco atrás do relógio. Essa cena é atravessada por mais outras quatro cenas (41/42/43/44 – dur. um segundo cada aproximadamente). Essas cenas são respectivamente; a troca de carícias no rio, Lucco filmado por trás beijando o pescoço de Vittar a qual está de olhos fechados e abraçando o corpo do rapaz com uma mão e com a outra acariciando a cabeça dele; os dois deitados no sofá da sala, ele com metade do casaco fora do corpo beijando o pescoço dela sendo filmado por trás e ela de olhos fechados e lábios semiabertos; os dois olhando para a câmera no cenário do rio, ele parado e ela subindo o corpo sem pressa; ele deitado no sofá se levanta na direção dela que está sentada sobre suas pernas e segurando seu casaco. A cena seguinte (45 – dur. 3 segundos)

quando ela canta “sabe que eu gosto assim” mostra o rapaz tirando o casaco que está preso apenas pelos braços e se inclinando na direção dela que está deitada no sofá que alterna para uma cena no leito do rio (46 – dur. 3 segundos) na parte cantada pela *drag* “hoje eu vou até o fim” em que os dois trocam carícias e depois voltam para o sofá (cena 47 – dur. um segundo) em novo ângulo que possibilita ver Vittar de joelhos dobrados, pernas abertas e Lucco por cima com a cabeça encostada no peito dela. Ela alisa a cabeça dele com as duas mãos. A próxima cena (48 – dur. um segundo) que traz o trecho “me chama, implora o meu amor” a *drag*, ainda de pé em frente ao relógio no apartamento faz um gesto como braço direito chamando em sua direção e Lucco some atrás do relógio. As próximas cenas subsequentes, ainda no mesmo trecho da música (49/50/51 – dur. um segundo cada aproximadamente) são: Lucco olha a câmera e dá as costas para a câmera e vai em direção a Vittar que está dançando na praia; ela acariciando o próprio braço enquanto olha para a câmera e o rapaz ao fundo caminhando em sua direção na praia; os dois com corpos muito próximos, mas num ângulo enviesado, sem mostrar a cabeça, ela, com o braço apoiado no pescoço dele, sacode os cabelos ao vento e ele deixa seu colete aberto na altura da cintura com metade do corpo desnudo. Na estrofe “me acende que eu quero sentir calor” ela descansa os braços nos ombros dele enquanto se olham sorrindo (cena 52 – dur. 2 segundos). Seguindo a canção “me chama, implora o meu amor” ela dança sobre as areias e o rapaz se aproxima aos poucos dela num cenário praieiro recortado pelas cores do cercado verde das árvores que se formam acima das areias contrastando com o céu azul (cena 53 – dur. um segundo). Outra cena (54 – dur. um segundo) ainda na mesma estrofe, mostra a *drag* abraçando o rapaz em torno do pescoço, com os corpos colados, os dois, com os lábios semiabertos, olham para a câmera. Adiante com a canção, ainda na voz de Vittar, “se me chama eu, se me chama eu vou” mostra (cena 55 - dur. 3 segundos) os dois, afastados, mas lado a lado, na mesma praia, caminhando na direção da câmera. Ela canta o refrão “e eu vou, e eu vou” num novo cenário (cena 56 – dur. 6 segundos) várias cascatas de água desabando da cachoeira e os artistas dançando juntos. Lucas Lucco dá continuidade à canção “te levo pro paraíso” em quatro cenas (57/58/59/60 – dur. um segundo cada aproximadamente). No mesmo cenário o artista aparece dançando ora sozinho, ora com Pabllo Vittar. Ela segue na canção “e eu vou, e eu vou” (cena 61 – dur. 4 segundos) no cenário da praia, mas a areia não está à mostra, o que é capturado da paisagem é o mar, o céu e a vegetação entre eles. É fim de tarde, e a paleta de cores dourada chega ao seu ápice nesse momento do clipe. A *drag* é filmada de costas usando uma roupa colante coberta por cascalhos dourados. Ela está com as pernas juntas e os braços levantados. A mão esquerda desce deslizando sobre o braço direito e abertura entre o ombro esquerdo e o pescoço dela é iluminada pelo sol crepuscular, e em seguida, com a mão direita, agita os cabelos.

Na sequência da canção “te levo pro paraíso” – cantada por Lucco – mostra (cena 62 – dur. 4 segundos) o rapaz dançando ao lado da *drag*. Ele também tem cascalhos dourados na pele, cobrindo o torso e os braços. Enquanto Vittar solfeja a última nota da canção, a próxima cena (63 – dur. 3 segundos) traz os dois abraçados, corpos colados, lábios semiabertos e olhando para a câmera. A cena final (64 – dur. 7 segundos) não tem mais o som da canção. A musicalidade fica por conta da natureza com o som do mar e das gaivotas. A paisagem é uma ilha solitária em meio a alto-mar e a câmera vai se aproximando dela enquanto exhibe os créditos de produção do clipe na parte inferior do enquadramento. O clipe tem duração total de 2 minutos e 54 segundos.

## **Apêndice B - Tabela dos Comentários do videoclipe Paraíso com Lucas Lucco e Pablo Vittar 7**

**Internauta (comentador):** A identidade dos internautas é preservada e substituída por um número, mantendo-se seu anonimato. Em alguns casos, números podem ser sequenciados depois de um ponto (ex. 1.1, 1.2, 1.3 etc.). Essa sequência significa que o comentário é uma resposta ao internauta anterior.

**Comentários:** Os comentários estão transcritos sem correções, mantendo-se em sua forma original. Os comentários muito longos (com mais de cinco linhas), serão colocados integralmente em nota de rodapé fora da tabela.

**Enunciados:** A partir da categoria de enunciados em Michel Foucault, conforme explicado neste trabalho, busco trabalhar o valor de verdade que emerge na superfície desses comentários.








**Classificação (Grupo):** Classificação meramente didática, sem pretensão de inaugurar ou cristalizar explicações. Provisoriamente, delimito sete grupos que emanam argumentos ofensivos: grupo 1 (discurso de ódio), grupo 2 (discurso da moral conservadora), grupo 3 (discurso da religião cristã), grupo 4 (discurso da enfermidade), grupo 5 (discurso naturalizador), grupo 6 (discurso esquerdo-político), grupo 7 (discurso da aceitação). Os comentários favoráveis serão todos abarcados no mesmo grupo (grupo dos apoiadores).

**Conceitos:** São as contribuições teórico-conceituais para ajudar a compreender o enunciado lançado. Os conceitos buscam fornecer subsídios para um quadro explicativo ou contexto dos comentários e enunciados.

**Categorias:** São as ferramentas que, na interface com os conceitos, permitem articular e operacionalizar a realidade em movimento.

**OBS:** As três últimas colunas (classificação/conceitos/categorias), podem sofrer alterações de acordo com as necessidades de análise dos objetos.

Tabela dos Comentários do videoclipe Paraíso com Lucas Lucco e Pablo Vittar

Internauta (comentador)	Comentários	Enunciados	Classificação (Grupo)	Conceitos	Categorias
Internauta 1	Nunca amei tanto um clipe 	Manifestação de apoio ao trabalho dos artistas no clipe	Grupo de apoio	Representações sociais (Richard Miskolci)	Visibilidade
Internauta 1.1 responde a 1	Claro vc é gay Por isso kkkkkkkkkk	Produção para nicho LGBT não aberta a outros públicos	Grupo 2 Discurso da moral conservadora	Representações sociais (Richard Miskolci)	Estereótipo
Internauta 1.2 responde a 1.1	Poxa, eu sou hetero é amo esse clipe, eaí?	Produção da identidade sexual e de gênero pela cultura midiática	Grupo de apoio	Papeis sociais de gênero	Gênero e sexualidade
Internauta 1.3 responde a 1	É VIADO!!!     	Produção para nicho LGBT não aberta a outros públicos	Grupo 2 Discurso da moral conservadora	Representações sociais (Richard Miskolci)	Estereótipo
Internauta 1.3 responde a 1.2	É VIADO TAMBÉM.	Produção para nicho LGBT não aberta a outros públicos	Grupo 2 Discurso da moral conservadora	Representações sociais (Richard Miskolci)	Estereótipo
Internauta 1.2 responde a 1.3	Pau no seu cú meu anjo 	Inviolabilidade anal	Grupo 2 Discurso da moral conservadora	Prática sexual anal (vergonha, estigma, desejo)	Hierarquias sexuais (passividade, feminilidade)
Internauta 1.3 responde a 1.2	rodapé <sup>53</sup>	Inviolabilidade anal	Grupo 2 Discurso da moral conservadora	Prática sexual anal (vergonha, estigma, desejo)	Hierarquias sexuais (passividade, feminilidade)

53 No seu que você já é mais acostumado!!! E ai, você tá a fim de sentar em cima de uma calabresa, salame, pepino, banana ou mortadela? vai pra cadeia que lá não vai faltar e você ainda pode até escolher as grossonas só pra você que gosta e já está acostumado eu acho que esse teu CÚ já está tão acostumado que você leva duas sem sofrer.



Internauta 1.4 responde a 1.3	Ridículo	Falta de compostura	Grupo de apoio	Civilidade	Democracia digital
Internauta 1.3 responde a 1.4	rodapé <sup>54</sup>	Opinião como sinônimo de verdade. Teocracia. Promiscuidade homossexual. Apoio governamental e midiático ao movimento LBGT	Grupos 1,2,3,6 Discurso de ódio Discurso da moral conservadora Discurso da religião cristã Discurso esquerdo-político	Liberdade de opinião/expressão Promiscuidade homossexual Fundamentalismo religioso Espectro político (movimento LBGT)	Discurso de ódio Pânico moral Pensamento mítico NMS (novos movimentos sociais)
Internauta 1 responde a 1.3	Amor, se ame e deixe as pessoas. Um clipe é feito para as pessoas e não para uma determinada “Coisa”. Se você não se ama, como irá amar uma outra pessoa? Respeito em primeiro Lugar. Se ame! ♥	Amor e respeito como base das relações.	Grupo de apoio	Respeito	Empatia
Internauta 2	<b>Atenção:</b> se você é LGBTQ+ e tem problema com a própria sexualidade, não leia os comentários! As pessoas não pensam antes de comentar/falar, não sabem que um simples comentário pode acabar com a vida de alguém.	Danos psicológicos provocados pelos comentários de ódio.	Grupo de apoio	Subjetividade Saúde mental DSM	Sujeito sexualidades patologizadas
Internauta 3	Esse clip ficou maravilhoso muito bom, que os haters se explodam muito sucesso pra eles.	Ira dos haters com a visibilidade das pessoas dissidentes das normas sexuais e de gênero	Grupo de apoio	Representações sociais	Visibilidade

54 Eu não tô nem aí e muito menos me lixando com a sua opinião de achar ridículo o que eu escrevo ou digo apenas expreso a minha opinião e verdade do que acho sobre esse tipo de gente sem vergonha que não respeitam e obedecem os mandamentos da palavra do nosso altíssimo DEUS pai o criador e todo poderoso SENHOR onde já se viu dois lixos fazendo uma porcaria de um vídeo desse se beijando e um monte de otários da sua espécie e qualidades dizer que acharam o vídeo lindo e o pior de tudo não ter a vergonha na cara de ainda dizer que amei ficou lindo esses dois no vídeo aaa vão se lascar pra bem longe seus bandos de lixos aposto que vocês são todos puxa-sacos daquela emissora GLOBOSTA, GLOBO-LIXO E REDE ESGOTO aaa e não se esqueçam que esse ano vocês não vai ter o nosso dinheirinho público pra vocês desfilarem na av Paulista NOJENTOS e IMUNDOS.

Internauta 4	Lucas luco parabéns, convidar uma artista no porte da Pablo é mostrar que você também luta pela causa LGBTQI e admira o talento da artista. Super lindo o clipe, me tornei mais fã.	Não é preciso ser dissidente para cooperar na luta daqueles que são.	Grupo de apoio	Políticas de aliança (Butler)	Precariedade (Butler)
Internauta 5	Clipe fodaaaaaaa só faltou aquele beijão de da inveja ksksk	Beijo como forma de engajamento/visibilidade	Grupo de apoio	Representações sociais	Visibilidade
Internauta 6	JESUS TEM QUE VOLTAR !!!! Para acabar com o preconceito.	Cristianismo na luta por cidadania	Grupo de apoio	Evangelho cristão Dignidade	Práticas cristãs Cidadania
Internauta 7	Respeito a decisão de cada um mas é uma loucura um verdadeiro suicídio o homem virar isso !!!caminho sem volta	Patologização das pessoas dissidentes	Grupo 4 Discurso da enfermidade	Subjetividade Saúde mental DSM	Sujeito sexualidades patologizadas
Internauta 7.1 responde a 7	Primeiro que não é loucura alguma, segundo que ninguém vira se nasce.	Identidade essencial	Grupo de apoio	Identidade de gênero Identidade sexual subjetividade	Sujeito Sexualidade
Internauta 8	Homofóbicos vcs são minoria porra, vão ouvir essas vozes por muito tempo. Já é Hit ♡♡	Perda de espaços para pessoas e práticas homofóbicas.	Grupo de apoio	Representações sociais Mídia	Visibilidade Discurso
Internauta 9	GAY 😄😄😄😄😄	Representatividade do público gay	Grupo de apoio	Representações sociais Mídia	Visibilidade Discurso
Internauta 10	GEYY	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 11	Se vc acha que o Lucas Lucco é gay só pq contracenou cenas de casal com a Pablllo Vittar, saiba que vc precisa aprender mais sobre interpretação	Interpretação e arte nem sempre precisam ser realistas	Grupo e apoio	Fantasia Paródia	Arte
Internauta 12	Hino !!!	Canção que representa uma bandeira de luta	Grupo e apoio	Militância	Novos movimentos sociais NMS

Internauta 13	2019 vem 100M 🙌🙌	Expectativa de crescimento das visualizações do clipe	Grupo e apoio	Representações sociais	Visibilidade
Internauta 14	Vem mais 1 milhão ❤️	Expectativa de crescimento das visualizações do clipe	Grupo e apoio	Representações sociais	Visibilidade
Internauta 15	Isso aí não é o paraíso não, isso deve ser o inferno!!! Hahahahah	Demonização de um segmento Pecado da sodomia	Grupos 1 e 3 Discurso de ódio Discurso da religião cristã	Fundamentalismo religioso	Pensamento mítico
Internauta 15.1	Se vc estivesse seria o inferno mesmo. Muito feio, pqp	Ofensa pessoal	Grupo de apoio	-	-
Internauta 16	Gente esse hino tem que chegar aos 100 milhões	Expectativa de crescimento das visualizações do clipe	Grupo e apoio	Representações sociais	Visibilidade
Internauta 17	rodapé <sup>55</sup>	Sexualidade não muda ao entrar em contato com pessoas de sexualidade diferente.	Grupo de apoio Grupo 7 Discurso da aceitação	Identidade sexual Tolerância	Sexualidade Masculinidade
Internauta 18	Só resta saber que é o mais viado.bando de lixos.	Inferiorização de um segmento	Grupo 1 Discurso de ódio	Fascismo	Discurso de ódio (violência verbal é crime, não é relação de poder)
Internauta 18.1 responde a 18	E você é mais homem ou superior que eles por acaso?	Masculinidade não depende de sexualidade	Grupo de apoio	Identidade sexual	Masculinidade Sexualidade

<sup>55</sup> Que tiro foi esse viado!!! Tô no chão com esse clipe. Ficou maravilhosooooooooo, parabéns Pabllo Vittar Diva Maravilhosa, representou bonito. Parabéns Lucas Lucco por quebrar as barreiras do PRECONCEITO e fazer o clipe com uma DRAG QUEEN, isso mostra o quanto você é seguro com sua sexualidade e não tem medo disso atingir sua masculinidade.






Internauta 23.1 responde a 23	Então enfia a serpente no cu já que ela te chamou tanta atenção...	Inviolabilidade anal	Grupo de apoio	Prática sexual anal (vergonha, estigma, desejo)	Hierarquias sexuais (passividade, feminilidade)
Internauta 23 responde 23.1	Só pode ser gay pra tá defendendo kkkkkkkk	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 23.2 responde a 23	kkkkkkkkkkkkkk	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 23.3 responde a 23	Bem que você gostou, né bebê	A crítica às pessoas dissidentes vem justamente daqueles que mais sentem desejo por elas e não assume.	Grupo dos apoiadores	Objeto Sexual (representação) Imaginário	Objetificação Sexual (processo que o constitui)
Internauta 23.4 responde a 23	Kkkkkkkkkkkkkkk genial	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 24	Tá parecendo Sodoma e Gomorra	Pecado da sodomia	Grupo 3 Discurso da religião cristã	Fundamentalismo religioso	Pensamento mítico
Internauta 25	Meu Deus onde vamos chegar	Escandalização com as dissidências	Grupo 2 Discurso da moral conservadora	Pânico Moral (Rubin)	Hierarquias das práticas sexuais e expressões de gênero (Rubin)
Internauta 26	amo ♡♡♡	Manifestação de apoio ao trabalho dos artistas no clipe	Grupo de apoio	Representações sociais (Richard Miskolci)	Visibilidade
Internauta 27	Mano eu não consigo para de ouvir essa música kkkkkkkkk bjs mores tchau até mas	Manifestação de apoio ao trabalho dos artistas no clipe	Grupo de apoio	Representações sociais (Richard Miskolci)	Visibilidade
Internauta 28	Meu pau ta duro e minha honra intacta.	Manifestação de apoio ao trabalho dos artistas no clipe	Grupo de apoio	Representações sociais (Richard Miskolci)	Visibilidade
Internauta 29	Adoroooo	Manifestação de apoio ao trabalho dos artistas no clipe	Grupo de apoio	Representações sociais (Richard Miskolci)	Visibilidade






Internauta 30	Bolsonaro porra	Hostilidade homofóbica representada na figura do então candidato.	Grupo 6 Discurso esquerdo-político	Militância	Novos movimentos sociais (NMS)
Internauta 30	Como o ser humano e patetico, musica sem letra e dois viados rebolando.	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 31	Além da Musica ser ruim, tem dois machos se esfregando coisa horrível de ver 🙄🗨️👤	Escandalização com as dissidências Negação da feminilidade de Vittar	Grupos 2 e 5 Discurso da moral conservadora Discurso naturalizador	Pânico Moral (Rubin) Identidade de gênero	Hierarquias das práticas sexuais e expressões de gênero (Rubin) Mulher
Internauta 32	Tiro meu chapéu pro Lucas, ele mostrou que preconceito com ele é zero. Qual cantor teria a coragem de catar com o Pablo Vitar nesse clipe que trata o Pablo como uma mulher, que ele é?	Manifestação de apoio ao trabalho dos artistas no clipe	Grupo de apoio	Representações sociais (Richard Miskolci)	Visibilidade
Internauta 33	Triste que não rolou Selinho ;-;	Falta de um símbolo específico de representatividade	Grupo de apoio	Representações sociais (Richard Miskolci)	Visibilidade
Internauta 1.3 responde sem marcar interlocutor específico	rodapé <sup>57</sup>	Insulto Pecado da sodomia Mulher como moeda de troca na afirmação de masculinidade	Grupos 1, 3, 7 Discurso de ódio Discurso da religião cristã Discurso da aceitação	Injúria Fundamentalismo religioso Objeto sexual	Infração/delito/crime Pensamento mítico Objetificação sexual
Internauta 34	♡♡♡♡	Manifestação de apoio ao trabalho dos artistas no clipe	Grupo de apoio	Representações sociais (Richard Miskolci)	Visibilidade
Internauta 35	Quem critica não sabe diferenciar um trabalho artístico de uma realidade, estou certo?	Manifestação de apoio ao trabalho dos artistas no clipe	Grupo de apoio	Representações sociais (Richard Miskolci)	Visibilidade

57 Ae o meu NEGÓCIO é comer BUCETA seu vacilão do caralho!!! DEUS deu ao home foi uma mulher e não um filho de uma puta de homem que gosta de dar o CÚ vai se foder pra lá porra com essas suas conversinhas medíocres!!! Se caso você conhecer ou souber de alguma menina ou mulher que queira dar pra mim me avise ou pde mandar aqui pra minha casa eu amo e gosto demais são de MULHERES e BUCETAS.

Internauta 36	Deus me livre socorro bolsonaroooo	Hostilidade homofóbica representada na figura do então candidato.	Grupo 6 Discurso esquerdo-político	Militância	Novos movimentos sociais (NMS)
Internauta 37	Lucas luco seu gay :) filha da puta	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 38	A pessoa ser homossexual é uma coisa, afinal cada um faz o que quer da vida, mesmo que na Bíblia diz que Deus abobina o homossexualismo. Mais agora as pessoas acharem isso normal? Normal é um Homem e uma Mulher juntos formando uma família!	Pecado da sodomia Anormalidade das relações homossexuais	Grupos 2 e 3 Discurso da moral conservadora Discurso da religião cristã	Fundamentalismo religioso Pânico moral	Pensamento mítico Hierarquia das relações sexuais/de gênero
Internauta 39	Mais que ridículo dois homens se beijando ele tem que caçar uma mulher pra ele isso sim	Escandalização com as dissidências	Grupo 2 Discurso da moral conservadora	Pânico Moral (Rubin)	Hierarquias das práticas sexuais e expressões de gênero (Rubin)
Internauta 40	como o lucas luco teve coragem de fazer um clipe com homem gay	Escandalização com as dissidências	Grupo 2 Discurso da moral conservadora	Pânico Moral (Rubin)	Hierarquias das práticas sexuais e expressões de gênero (Rubin)
Internauta 41	Seis já viram a Pablo de homem? Slk ele e muito lindo	Reconhecimento da beleza na fluidez de gênero de Vittar	Grupo de apoio	Performatividade (Butler)	Corpo e <i>Performance</i> (Butler)
Internauta 42	O noiado gosta de uma trans	Produção de estigma via preconceitos sobre os corpos dos artistas	Grupo 2 Discurso da moral conservadora	Representações sociais Preconceito Estigma	Visibilidade Estereótipo Corpos abjetos
Internauta 43	Gente o Lucas tem a vida dele e ninguém devia ficar se intrometendo. Se ele pega travesti, deixa ele pegar mano q saco até parece q a vida de vcs vai mudar se ele for hétero ou não pqp	Manifestação de apoio aos artistas	Grupo de apoio	Liberdade sexual	Privacidade intimidade

Internauta 44	Pablo nao da pra escomder seu pipiu	Negação da feminilidade de Vittar	Grupo 5 Discurso naturalizador	Identidade de gênero	Mulher
Internauta 45	O que esses artistas não fazem por dinheiro né	Banalização do potencial político do clipe	Grupo 2 Discurso da moral conservadora	Pânico Moral (Rubin)	Hierarquias das práticas sexuais e expressões de gênero (Rubin)
Internauta 46	Que nojo	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 47	Esse clipe é um TESÃO ACEITEM.	Manifestação de apoio ao trabalho dos artistas no clipe	Grupo de apoio	Representações sociais (Richard Miskolci)	Visibilidade
Internauta 48	Dois homem e uma encenação qui coisa horrenda.	Negação da feminilidade de Vittar Escandalização com as dissidências	Grupos 2 e 5 Discurso da moral conservadora Discurso naturalizador	Identidade de gênero Pânico moral	Mulher Hierarquia das práticas sexuais e expressões de gênero
Internauta 49	Alguém também percebeu o Malaquias dele ali naquela roupa rasga linguíça	Negação da feminilidade de Vittar	Grupo 5 Discurso naturalizador	Identidade de gênero	Mulher
Internauta 50	o Lucas me parecia ser cara normal e derrepente virou isso rss	Anormalidade das relações/pessoas dissidentes	Grupo 2 e 4 Discurso da moral conservadora Discurso da enfermidade	Normal Patológico Saúde	Normalidade Saber Poder
Internauta 51	Que lindo, perfeito pra quem gosta de Bosta kkkkkk.....	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 52	Sai do brasil comunista 17 17 17 17	Hostilidade homofóbica representada na figura do então candidato.	Grupo 6 Discurso esquerdo-político	Militância	Novos movimentos sociais (NMS)
Internauta 53	Fim dos tempos volta deus nao dar mais	Pecado da sodomia	Grupo 3 Discurso da religião cristã	Fundamentalismo religioso	Pensamento mítico

Internauta 54	Lucas luco saiu do armário	Produção para nicho LGBT não aberta a outros públicos	Grupo 2 Discurso da moral conservadora	Representações sociais (Richard Miskolci)	Estereótipo
Internauta 55	A homossexualidade é uma doença mental Transtorno de Identidade de Gênero.	Dissidências sexuais e de gênero como doenças mentais	Grupo 4 Discurso da enfermidade	Normal Patológico Saúde	Normalidade Saber Poder
Internauta 55.1 responde a 55	Concordo	Dissidências sexuais e de gênero como doenças mentais	Grupo 4 Discurso da enfermidade	Normal Patológico Saúde	Normalidade Saber Poder
Internauta 55.1 responde a 55	B17	Hostilidade homofóbica representada na figura do então candidato.	Grupo 6 Discurso esquerdo-político	Militância	Novos movimentos sociais (NMS)
Internauta 55.2 responde a 55	Também concordo!	Dissidências sexuais e de gênero como doenças mentais	Grupo 4 Discurso da enfermidade	Normal Patológico Saúde	Normalidade Saber Poder
Internauta 55.3 responde a 55	E claruh	Dissidências sexuais e de gênero como doenças mentais	Grupo 4 Discurso da enfermidade	Normal Patológico Saúde	Normalidade Saber Poder
Internauta 55.4 responde a 55	Daonde tirou isso? A homossexualidade não está mais na categoria de doenças mentais e muito menos físicas deste 1990! E aliás identidade de gênero e homossexualidade são coisas diferentes, se não sabe disso significa que nem sabe do que está falando	Dissidências sexuais e de gênero como normais	Grupo de apoio	Normal Patológico Saúde	Normalidade Saber Poder
Internauta 56	Lucas você é louco o pablo vittar e homem	Escandalização com as dissidências	Grupo 2 Discurso da moral conservadora	Pânico Moral (Rubin)	Hierarquias das práticas sexuais e expressões de gênero (Rubin)
Internauta 57	Haters comentem mais para o vídeo não sair do top 1 .confio em vcs plzzz 	Expectativa de crescimento das visualizações do clipe	Grupo e apoio	Representações sociais	Visibilidade

Internauta 58	rodapé <sup>58</sup>	Reconhecimento da feminilidade de Vittar	Grupo de apoio	Identidade de gênero	Mulher
Internauta 59	Por mais heterossexuais como o Lucas Lucco no mundo Amém	Manifestação de apoio ao artista	Grupo de apoio	Representações sociais (Richard Miskolci)	Visibilidade
Internauta 60	Enquanto o resto do mundo dor Ódio, vamos ser amor 	Manifestação de apoio ao trabalho dos artistas no clipe	Grupo de apoio	Representações sociais (Richard Miskolci)	Visibilidade
Internauta 60.1 responde a 60	Assim seja 	Manifestação de apoio ao trabalho dos artistas no clipe	Grupo de apoio	Representações sociais (Richard Miskolci)	Visibilidade
Internauta 60.2 responde a 60.1		Manifestação de apoio ao trabalho dos artistas no clipe	Grupo de apoio	Representações sociais (Richard Miskolci)	Visibilidade
Internauta 61	Quanto comentário de ódio, credo, se alguém não gosta de algo não precisa espalhar o seu ódio sem luz e sem amor	Contestação aos comentários de ódio	Grupo de apoio	Discurso Respeito	Discurso de ódio
Internauta 61.1 responde a 61	Mas ligue, não! Isso é inveja mesmo!	Contestação aos comentários de ódio	Grupo de apoio	Discurso Respeito	Discurso de ódio
Internauta 61 responde a 61.1	é muito coisa conservadora em um mundo hipócrita, as pessoas só julgam certo aquilo o que convém a elas	Escandalização com as dissidências	Grupo de apoio	Pânico Moral (Rubin)	Hierarquias das práticas sexuais e expressões de gênero (Rubin)
Internauta 62	Daqui pro final do ano estaremos em 100 milhões!  	Expectativa de crescimento das visualizações do clipe	Grupo e apoio	Representações sociais	Visibilidade
Internauta 63	É tão bom ver os religiosos e os homofóbicos se correndo de raiva nos comentários, kkkkk	Perda de espaços para pessoas e práticas homofóbicas.	Grupo de apoio	Representações sociais Mídia	Visibilidade Discurso
Internauta 63.1 responde a 63	Raiva ? KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK	-	-	-	-

58 Ele é uma drag, ou seja é um trabalho, ele performa uma mulher feminina, é isso que drags fazem há anos. Deixa o cara trabalhar, não quer ouvir, não ouve, não gostou, fecha o vídeo e pronto. Agota, se vc escolhe ser preconceituoso no comentário, então não reclame das respostas. Porque vc pode sim dizer o que quiser, mas vai ter encarar as consequências.

Internauta 63.2 responde a 63	bom mesmo é ver vc preocupado com a opinião dos outros*	-	-	-	-
Internauta 63.3 responde a 63	real	Perda de espaços para pessoas e práticas homofóbicas.	Grupo de apoio	Representações sociais Mídia	Visibilidade Discurso
Internauta 63.4 responde a 63	Nzskkakakajskakakkak to amando	Perda de espaços para pessoas e práticas homofóbicas.	Grupo de apoio	Representações sociais Mídia	Visibilidade Discurso
Internauta 63.5 responde a 63	Vdd kkkk	Perda de espaços para pessoas e práticas homofóbicas.	Grupo de apoio	Representações sociais Mídia	Visibilidade Discurso
Internauta 63.6 responde a 63	Kkkkkkkkk raiva não... é NOJO mesmo	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 63.6 responde a 63	Estou nadando nas lágrimas deles	Perda de espaços para pessoas e práticas homofóbicas.	Grupo de apoio	Representações sociais Mídia	Visibilidade Discurso
Internauta 63.7 responde a 63	Pica Pau Drogado 🤔🤔🤔🤔👉👈	Produção de estigma via preconceitos sobre o corpo do artista	Grupo 7 Discurso da aceitação	Representações sociais Preconceito Estigma	Visibilidade Estereótipo
Internauta 63.8 responde a 63.6	Coitada 😊	-	-	-	-
Internauta 64	A verdade é que não existe nada mais delicado que heterossexualidade, que se quebra fácil. E o Lucas Lucco mostra que a heterossexualidade dele não é como um cristal que iria se quebrar por ele cantar e dançar junto com uma drag. Amei o vídeo!!	Consolidação de uma identidade sexual	Grupo de apoio	Identidade sexual	Sexualidade
Internauta 64.1 responde a 64	Melhor comentário ever!!	Consolidação de uma identidade sexual	Grupo de apoio	Identidade sexual	Sexualidade



Internauta 64.2 responde a 64	E tem homem que nem toma Coca com a cara da Pabllo kkkkkkkkkk Realmente a heterossexualidade de alguns homens parecem ser feitas de papel higiênico	Consolidação de uma identidade sexual	Grupo de apoio	Identidade sexual	Sexualidade
Internauta 64.3 responde a 64	kkkkkkkkkk ele pode até dar o rabió que continua sendo macho.	Produção para nicho LGBT não aberta a outros públicos	Grupo 2 Discurso da moral conservadora	Representações sociais (Richard Miskolci)	Estereótipo
Internauta 64.4 responde a 64	tese linda essa sua. nossas formas de expressar nossas sexualidades Now interfere em nossos caráter. parabéns por pensar assim.	Legitimidade das múltiplas práticas sexuais	Grupo de apoio	Fluidez sexual	Sexualidade
Internauta 64.5 responde a 64	É UMA MERDA MESMO 🤔🤔 ESSE VIDEO KKK	Produção para nicho LGBT não aberta a outros públicos	Grupo 2 Discurso da moral conservadora	Representações sociais (Richard Miskolci)	Estereótipo
Internauta 64.6 responde a 64	Um, ok kkkkkkkk	Produção para nicho LGBT não aberta a outros públicos	Grupo 2 Discurso da moral conservadora	Representações sociais (Richard Miskolci)	Estereótipo
Internauta 65	Se não gosto amor o PROBLEMA E SEU e não adianta da dislike ninguém liga bjs....	Invalidando reações negativas ao clipe	Grupo de apoio	Representações sociais (Richard Miskolci)	Visibilidade
Internauta 65.1 responde a 65	eu amor. essa. música	Manifestação de apoio aos artistas	Grupo de apoio	Representações sociais (Richard Miskolci)	Visibilidade
Internauta 65.2 responde a 65	Ai q medaaa	Resposta sexista	Grupo 2 Discurso da moral conservadora	Teorias feministas	Mulher
Internauta 65.2 responde a 65	Pablo q dia vc vai sumir do brasil macho?	Fascismo Negação da identidade feminina da artista	Grupos 1 e 5	Nazifascismo Identidade de gênero	Discurso de ódio Mulher
Internauta 65.3 responde a 65	Eu amo essa música e os dois cantores sou angolana mais amo muito as musicas	Manifestação de apoio aos artistas	Grupo de apoio	Representações sociais (Richard Miskolci)	Visibilidade

	brasileiras e essa então e o vídeo ainda mais parabéns aos dois				
Internauta 65.2 responde a 65.3	Outro saco de lixo.	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 65.3 responde a 65.2	saco de lixo és tu ã julga o livro pela capa	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 65.2 responde a 65.3	a capa e o conteudo tbn são pessimos, igual a você.	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 65.3 responde a 65.2	Vai dormir ia moço porque só falas bobagem	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 65.4 responde a 65.3	Grande pedaço de merda você em, kakaka	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 65.2 responde a 65.4	A verdade doi neh? Pode engolir essa.	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 65.5 responde a 65.2	concordo	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 65.6 responde a 65.2	o dia que vc toma no cu	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 65.2 responde a 65.6	Saco de lixo part 24.	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 65.7 responde a 65	Não entende Pablo Vita e o que um homem que quer ser mulher. Operada. Ou homem com pênis que quer ser mulher?	Identidade de gênero de Vittar	Grupo indefinido	Identidade de gênero	Mulher
Internauta 65.8 responde a 65.3	cala a boca que vcs são tudo lixo	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime

Internauta 65.9 responde a 65.7	Mano esquece a Pablo vei ninguém escolhe o sexo e a vida é dela quando vocês pagarem alguma conta pra ela aí vocês vão ter direito de opinar povo preconceituosos da porra 🙄	Sexualidade essencial	Grupo de apoio	Identidade sexual	Sexualidade
Internauta 65.10 responde a 65.2	Não tem esse dia neném se contenta viado.... #SEFODEENCUBADA 🙄👉 E #NINGUEMLIGA	Insulto	Grupo de apoio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 65.10 responde a 65.7	Não vei, ele é Homem que se veste de mulher pra cantar... aí dps ele tira a roupa e vira um homem.... vc tem algum problema com isso	Montagem de Drag Queen	Grupo de apoio	Fantasia Paródia	Arte
Internauta 65.10 responde a 65.3	rodapé <sup>59</sup>	Preconceituosos no Brasil	Grupo de apoio	Injúria	Infração/delito/crime Discurso de ódio
Internauta 65.11	Sou sua fã pablo vitar sei todas as suas músicas te amo	Manifestação de apoio à artista	Grupo de apoio	Representações sociais (Richard Miskolci)	Visibilidade
Internauta 65.11 responde a 65.2	larga de idiota Vai tomar banho seu cu	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 65.11 responde a 65.3	Parabéns temos q defender o pablo desse idiota	Manifestação de apoio à artista	Grupo de apoio	Representações sociais (Richard Miskolci)	Visibilidade
Internauta 65.11 responde a 65.7	Toma conta da tua vida fica a dica	-	-	-	-

59 N liga não AQUI NO BRASIL TEM UNS BIXOS PRECONCEITUOSOS IGUAL A ESTA PRAGA ESSE TIPO DE PESSOA NÃO MERECE NEM SATISFAÇÃO MERECE MESMO É MORRER... N LIGA PRA ISSO BABY 🙄👉 BJS DA LUZ AMORE

Internauta 65.2 responde a 65.11	Não vou nem discutir com vc por e bem notável que vc tem problemas mentais, a musica e ruim, o artista péssimo a letra não diz absolutamente nada, por tanto para de estupides e vai lavar umas louças.	Desqualificação pessoal via atribuição de deficiência mental Atitude machista	Grupos 2 e 4 Discurso da moral conservadora Discurso da enfermidade	Misoginia/machismo Normal Patológico Saúde	Normalidade Saber Poder
Internauta 65.2 responde a 65.10	ta vendo como vc gosta de sofrer preconceito, fico com pena do seu pai ter que aturar uma aberração como vc.	Desqualificação pessoal via atribuição de estigma	Grupos 2 e 4 Discurso da moral conservadora Discurso da enfermidade	Normal Patológico Saúde	Normalidade Saber Poder
Internauta 65.10 responde a 65.2	rodapé <sup>60</sup>	Capacidade de exercitar empatia	Grupo de apoio	Empatia	Alteridade
Internauta 65.10 responde a 65.2	E pra um hetero preconceituoso como vc é impressionante ver que em seus favoritos tem Britney Spears 😏😏😏😏😏	Britney Spears como símbolo gay	Grupo de apoio	Representações sociais (Richard Miskolci)	Visibilidade
Internauta 65.2 responde a 65.10	Claro eu adoro a Britney, ela e super gata e faz meu tipo, pena q vc nao gosta. E nada do que vc disser vai mudar minha opinião sobre esse clip bosta.	Mulher como moeda de troca na afirmação de masculinidade	Grupo 2 discurso da moral conservadora	Objeto sexual	Objetificação sexual
Internauta 65.10 responde a 65.2	rodapé <sup>61</sup>	Britney Spears como símbolo gay	Grupo de apoio	Representações sociais (Richard Miskolci)	Visibilidade
Internauta 65.2 responde a 65.10	ok vlw, ate que você e um ser inteligente, passar bem.	-	-	-	-

60 amigo ninguém gosta de SOFRER preconceito.... Afinal seja um pouco mais humano, e se coloque no lugar não só de uma lésbica ou um gay pode ser negro tambem, coloque-se no lugar dessas pessoas alguma vez, e me diga se vc ia gostar d sofrer preconceito ao passar na rua....

61 quem disse que eu n gosto dela amor... se vc não sabe AS DIVAS POP SÃO AS MUSAS LGBT... Fica claro isso amigo 😏😏😏😏 e eu não vou tirar sua opinião.... e nem que vc ache o clipe ruim... mais é mt triste que vc n respeite o próximo... mais eu não fico tão triste pois o ser terrível aqui é VC... Boa noite...

Internauta 65.10 responde a 65.2	sou um ser igual a vc..... igual não... n tenho arrogância e ignorância mais... abraços	-	-	-	-
Internauta 65.12 responde a 65.2	se manca vc tem inveja dele nesse querido vc queria tá no lugar dele e não pode e antes de falar que é lixo olha sua vida meu camarada? Pprt mano ser eu te pego vc na rua humilhando algum gay,tu tá fudido?	A crítica às pessoas dissidentes vem justamente daqueles que mais sentem desejo por elas e não assume.	Grupo de apoio	Objeto Sexual (representação) Imaginário	Objetificação Sexual (processo que o constitui)
Internauta 65.12 responde a 65.2	cuidado meu camarada vc tem filho,seu filho vai virar viado que nem vc,pq vc e um ne pq vc ser encomendar tanto com gay que eu acho que vc ta querendo ser um,	A crítica às pessoas dissidentes vem justamente daqueles que mais sentem desejo por elas e não assume.	Grupo de apoio	Objeto Sexual (representação) Imaginário	Objetificação Sexual (processo que o constitui)
Internauta 65.12 responde a 65.2	Pow vc deve tá doido pra aparece no clip ne,vc tem inveja , e muito recalque pq p pablllo pode e vc n querido ser manca vai aprender a ser homem pq nem homem vc é, eu teria vergonha de ter um pai como vc preconceituoso,	A crítica às pessoas dissidentes vem justamente daqueles que mais sentem desejo por elas e não assume.	Grupo de apoio	Objeto Sexual (representação) Imaginário	Objetificação Sexual (processo que o constitui)
Internauta 65.13 responde a 65.2	Vdd tudo saco de lixo	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 65.13 responde a 65.12	cala boca FIA ninguém quer senti essas boca de bueiro	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 65.12 responde a 65.13	Minha filha vai crescer um pouco pra vc chega até a mim precisa ser muito tá ser doendo Ser vc n saber eu sou gay querida	A crítica às pessoas dissidentes vem justamente daqueles que mais sentem desejo por elas e não assume.	Grupo de apoio	Objeto Sexual (representação) Imaginário	Objetificação Sexual (processo que o constitui)
Internauta 65.13 responde a 65.12	Problema FIA olha o carro do lixo te buscar	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime

Internauta 65.14 responde a 65.12	Cala boca garota esse clipe e pior que filme de terror	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 65.14 responde a 65.13	Pior que e mesmo kkkkkk to sentidno dda qui kkk	Insulto	Grupo 1 Discurso de ódio	Injúria	Infração/delito/crime
Internauta 65.12 responde a 65.14	Kkkkkk coitada garoto vc n vale nd tem nem aonde cair morta, vc queria aparece no clip ne querida mais nada pode kkkkkkkkk	A crítica às pessoas dissidentes vem justamente daqueles que mais sentem desejo por elas e não assume.	Grupo dos apoiadores	Objeto Sexual (representação) Imaginário	Objetificação Sexual (processo que o constitui)
Internauta 65.12 responde a 65.14	e antes de vc manda eu calar a boca vem aki calar vem defender o que vc tem de baixo da perna	Comprovação de masculinidade via violência	Grupo de apoio	Masculinidade	Homem
Internauta 65.12 responde a 65.13	vai a merda garoto recalçada beijinho no ambro invejosa vc ta com inveja pq queria no braço do Lucas luco e não pode nekkkkkkkkk	A crítica às pessoas dissidentes vem justamente daqueles que mais sentem desejo por elas e não assume.	Grupo de apoio	Objeto Sexual (representação) Imaginário	Objetificação Sexual (processo que o constitui)
Internauta 65.13 responde a 65.12	rodapé <sup>62</sup>	Pecado da sodomia	Grupo 3 Discurso da religião cristã	Fundamentalismo religioso	Pensamento mítico

62 e eu não sou fã dele não fica na tua que e melhor esse munda aqui já ta uma comedia na hora quando Jesus chega quero ver se vai ter isso 😊

Coide de sua vida quando Jesus chega ai a gente ver mesmo o que e ser e o que e errado 😊

Fica a dica !!

